

GRASSIANI BERNARDI FREDERICO

***A MÁQUINA DE SER*, DE JOÃO GILBERTO NOLL: UMA POÉTICA
DAS TRANSITIVIDADES E DAS REPRESENTAÇÕES DA
EXPERIÊNCIA HUMANA EM MOSAICOS**

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Três Lagoas - MS
2009**

GRASSIANI BERNARDI FREDERICO

***A MÁQUINA DE SER, DE JOÃO GILBERTO NOLL: UMA POÉTICA DAS
TRANSITIVIDADES E DAS REPRESENTAÇÕES DA EXPERIÊNCIA HUMANA
EM MOSAICOS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em cumprimento ao requisito final à obtenção de grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Rodrigues Belon

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Três Lagoas - MS
2009**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Rodrigues Belon (CPTL/UFMS)

Prof. Dr. Wagner Corsino Enedino (CPTL/UFMS)

Profa. Dra. Maria Helena de Queiroz (UEMS)

Dedico...

À Educação e à Literatura.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que mesmo de longe, me incentivaram.

Ao meu noivo, por sempre me apoiar nas minhas decisões.

Ao professor Antonio Rodrigues Belon, que, como orientador e amigo, soube cobrar e também não mediu esforços para oferecer todas as condições necessárias à realização deste trabalho.

A todos os professores e funcionários do Curso de Mestrado em Letras, que, de uma forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos amigos, pelo apoio técnico e moral recebido durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores da Banca de Qualificação, Wagner Corsino Enedino e Kelcilene Grácia Rodrigues, que contribuíram de forma significativa para a edificação deste trabalho.

*Quando a gente acha que tem todas as respostas,
vem a vida e muda todas as perguntas ...*

Luis Fernando Veríssimo

Levantei-me. Pensei qual seria meu próximo passo. Ficar ali dentro, hoje não. Em outros dias, quando me dava na veneta, sim, me mantinha por horas dentro de um cubículo assim, a pensar na vida com cada dia menos coisas para povoá-la.

João Gilberto Noll

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo tratar sobre a questão das transitividades e das representações no livro *A máquina de ser* (2006), de João Gilberto Noll. Demonstraremos como o escritor gaúcho configura em sua obra um homem que busca a sua identidade que transita, cada vez mais, do social para o individual em função das condições do tempo e do espaço em que vive. Para isso, a ficção de Noll – por meio das categorias do tempo, do espaço, do narrador e dos personagens – projeta várias tensões, resultantes da realidade atual, em que nada é permanente, tudo está em fluxo, em um eterno vir-a-ser. A experiência humana no repertório contemporâneo apresenta complexidades, instantes e intensidades organizados em mosaicos constituintes da poética de João Gilberto Noll, nas singularidades de suas concepções e do seu fazer narrativo. Dessa forma, pretendemos estabelecer relações entre a obra e a sociedade e discutir as dimensões críticas da obra e as tendências da ficção hoje. O estudo da narrativa encontrará os seus fundamentos na bibliografia que auxiliará a leitura e a análise da obra, teorias que tratam da narrativa contemporânea e da sociedade estruturada em um mundo fragmentado.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Conto contemporâneo; Estrutura da narrativa; Contexto social e histórico; Configuração artística.

ABSTRACT

This work focus on dealing with the transitivity's issues, and representations mentioned in the book "The machine of being" (2006) by João Gilberto Noll. We will demonstrate how the southern writer shows on his work a man who looks for his identity that changes between social and individual behavior according to the time and environment conditions presented at the moment he lives. In order to do that, Noll's fiction projects several tensions in throughout time and space categories of the narrator and the characters. As a result from the actual reality, in what nothing is permanent, on the contrary, everything is flowing, in an eternal coming to be. The human experience, in the contemporary repertoire, presents complexities, moments and intensities organized in mosaics constituent by João Gilberto Noll's poetic, in the singularities of his conceptions and of his narrative. This way, we intend to establish relations between work and society and discuss the critical dimensions of the book and the trends of the fiction nowadays. The narrative's study will find its fundamentals in the bibliography that will support the reading and the book's analysis. Theories that deal with the contemporary narrative and with the society based in a segmented world.

Key Words: Brazilian Literature; Contemporary Short Story; Narrative's structure; Social and historical context; Artistic configuration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A MÁQUINA DE SER: TRANSITIVIDADES E REPRESENTAÇÕES.....	13
1.1. Transitividades e representações na contemporaneidade	13
1.2. Situações e formas do conto brasileiro contemporâneo	26
1.3. A máquina de ser: dimensões sociais e históricas	39
2. AS ESTRUTURAS DA EXPERIÊNCIA HUMANA EM MOSAICOS	50
2.1. <i>A máquina de ser</i> e suas complexidades	50
2.2. <i>A máquina de ser</i> no repertório contemporâneo	57
2.3. <i>A máquina de ser</i> : instantes e intensidades	69
3. A MÁQUINA DE SER E A POÉTICA DE JOÃO GILBERTO NOLL	80
3.1. As concepções e o fazer narrativo de João Gilberto Noll	80
3.2. <i>A máquina de ser</i> : singularidades da narrativa de João Gilberto Noll	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
BIBLIOGRAFIA DO AUTOR	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101

INTRODUÇÃO

O Brasil, após a Segunda Guerra Mundial, inicia um novo período de sua história, caracterizado pelo desenvolvimento econômico, pela democratização política, pela globalização, pelo avanço do capitalismo e, conseqüentemente, pelo surgimento de novas tendências artísticas e culturais. Especialmente nas últimas décadas, a sociedade brasileira vivenciou um período de acentuado desenvolvimento tecnológico e industrial. A partir desse momento, tem vivido sob o signo da multiplicidade, do movimento, do instantâneo, seja na área política, social ou artística.

Como consequência de toda essa rapidez tecnológica, a partir dos anos 1970, houve uma considerável propagação editorial do conto, por ser uma narrativa curta e atender à necessidade de rapidez do mundo contemporâneo. Dessa forma, novas dimensões substituem as características dos contos tradicionais: sugestão de flashes, cenas e imagens, fusão entre poesia e prosa, evocação de estados emocionais. Yves Reuter (2004, p. 18, 19) retrata essa questão ao dizer que:

As transformações demográficas, econômicas, sociais e técnicas, que modificam o mundo e a existência, não deixam de ter repercussão no romance. [...] Estas transformações [...] modificaram radicalmente o espaço-tempo e sua simbolização no romance: velocidade, diversidade e multiplicidade substituíram duração, número limitado e convenções de lugares.

Assim, a representação da vida expressa novas circunstâncias introduzidas à sociedade, o tempo e o espaço delimitam os passos do homem, possibilitando-nos entender as narrativas do mundo contemporâneo sob diversos aspectos.

Tendo como *corpus* de pesquisa a obra *A máquina de ser* (2006), de João Gilberto Noll, pretende-se com este trabalho tecer reflexões sobre um estilo literário que desestabiliza o leitor, rompe os modelos pré-estabelecidos tradicionalmente e destaca uma nova visão do homem e da realidade em que se encontra. Em *A máquina de ser*, Noll faz, esteticamente, a representação da dinâmica da vida social e desnuda o ser humano como reflexo de um mundo caótico e desordenado.

Desta forma, o objetivo deste estudo é fazer considerações sobre novas possibilidades de abordagens da sociedade brasileira, representada pela ficção contemporânea em um momento em que o homem busca entender sua identidade, que se modifica cada vez mais do social para o individual segundo as condições do tempo em que vive, que é marcado pela extinção de relacionamentos estáveis e que o obriga a se tornar a Máquina de Ser – o

Homem – em pleno funcionamento. Aspira-se, também, contribuir para uma reflexão acerca da crítica ao homem e ao cotidiano contemporâneo, por meio de uma linguagem que retrata os dramas existenciais do ser, característica marcante de João Gilberto Noll.

Para realizarmos esta pesquisa baseamo-nos no estudo da narrativa (contos) e nos seus fundamentos. Além disso, as teorias que tratam da narrativa contemporânea foram imprescindíveis para destacar a relevância dessa obra no panorama da literatura contemporânea.

Diante do exposto, o presente trabalho está estruturado em três capítulos: ***A máquina de ser: transitividades e representações, As estruturas da experiência humana em mosaicos e A máquina de ser e a poética de João Gilberto Noll.***

O primeiro capítulo expõe, por meio de fundamentação teórica, as situações e formas do conto brasileiro contemporâneo, em especial o escritor João Gilberto Noll, com o objetivo de retratar as angústias existenciais do ser humano diante da sua incerteza em relação a sua identidade transitória em uma sociedade tão complexa. Assim, estudamos a obra *A máquina de ser* por meio de seus desvelamentos da dinâmica da vida social.

No segundo capítulo propomos um estudo dos contos de *A máquina de ser* por meio de uma análise da estrutura e de conteúdo, que terá como embasamento teórico as proposições de Yves Reuter, em *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração* (2002), e as definições de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes presentes em *Dicionário de teoria da narrativa* (2002). Nosso intuito é identificar na narrativa de João Gilberto Noll elementos estruturais e contextuais que representem a grande máquina que envolve o ser.

No terceiro capítulo, realizamos uma leitura do projeto literário de João Gilberto Noll em que discutimos a *Máquina de ser* no conjunto da obra do escritor gaúcho. Refletiremos, em especial, sobre os personagens anônimos, solitários e perdidos à procura de uma/sua identidade, que foi dissolvida por um mundo seduzido e obcecado pela maquinaria, pela instantaneidade... Um mundo que não tem espaço para se cultivarem valores e amizades.

Portanto, o trabalho traçará um caminho que envereda pelas problemáticas do narrador, delineando como a narrativa de Noll mostra, por meio dos personagens, os sofrimentos, a miséria humana, a presença do erotismo, muitas vezes exposto de maneira metafórica, as abjeções, o trabalho com a linguagem e as fronteiras que marcam o consciente e o inconsciente dessas identidades em movimento.

Esta pesquisa apresenta um escritor que se preocupa em discutir, literariamente (e até poeticamente), problemas da experiência humana e conflitos existenciais dos seres. A análise centra-se nos contos que mesclam elementos de aspectos sociais com elementos de

ordem estética, num trabalho artístico que rompe o vínculo com as convenções tradicionais de linguagem, de composição e de conteúdo para refletir sobre uma sociedade esfacelada. Trabalho este edificado por meio da exploração não apenas de temas em destaque no cenário social, mas também da linguagem e da voz narrativa.

A análise de uma narrativa contemporânea com base no referencial estético como o aqui escolhido, é relevante por lançar diferentes olhares que o estudo e a pesquisa possibilitam para a crítica atual desses textos. Nesse sentido, busca-se enriquecer não só o conhecimento de futuros pesquisadores sobre o autor, estabelecendo um alicerce que subsidiará o surgimento de novos estudos acerca de sua obra, como também reconhecer a importância de se estudar as relações de apropriação entre as obras como contribuição para o aprimoramento dos estudos literários e culturais e compreender o papel relevante da literatura atrelada à sociedade.

Dessa forma, a pesquisa destina-se a estudar a narrativa contemporânea *A máquina de ser*, configurada nos textos representativos de sua heterogeneidade de estilo, na experiência do desenraizamento urbano, na história da urbanização das sociedades por meio do contato direto com o texto literário e também pela mediação de obras de teoria, de crítica e de história das literaturas.

1. A MÁQUINA DE SER: TRANSITIVIDADES E REPRESENTAÇÕES

1.1. Transitividades e representações na contemporaneidade

Este capítulo visa tecer considerações mediante estudo dos contos de *A máquina de ser* (2006), de João Gilberto Noll, sobre as novas possibilidades e abordagens do conto brasileiro contemporâneo.

Nosso objetivo, aqui, é aprofundar discussões em torno da ficção brasileira contemporânea, destacar as formas de representação da sociedade nessas narrativas e incitar reflexões existenciais sobre o “ser” em um novo contexto global, manipulado pela transitoriedade e pela atual crise de identidade em que se encontra.

Esse pressuposto será desenvolvido por meio de um diálogo mais estreito com a crítica literária, ampliando as discussões entre os discursos crítico e teórico e a produção artístico-literária, num momento de constantes transformações. Observado esse panorama de inovações, cabe debater sobre o hibridismo e a diversidade da ficção brasileira respondendo ou correspondendo às ideologias do capitalismo e da globalização. Eis algumas das constatações, tanto intrínsecas quanto extrínsecas ao texto literário, a serem problematizadas ao longo deste capítulo.

No início do século passado, a industrialização no Brasil dava seus primeiros grandes passos e já se podia observar o processo de assimilação entre o homem e a máquina. Nesse início de século XXI, uma verdadeira revolução informática corre paralela aos desenvolvimentos industriais e espalha seus efeitos criando novas esferas de realidade.

A ficção atual busca compreender e explorar, esteticamente, a identidade conflituosa de indivíduos num contexto contemporâneo e transitório em que o homem é devorado por máquinas, chegando a ponto de transformar-se a cada momento em uma “máquina de ser”. Tanto que nos deparamos, ao analisar essa obra, com personagens que já não mais convivem com o próximo, com o “outro”: “Não sei, naquela falta de convívio, eu era capaz de qualquer coisa.” (NOLL, 2006, p. 41); “Conhecia pouca gente na cidade.” (NOLL, 2006, p. 83).

Um personagem do conto “Na correnteza” representa muito bem esse momento marcado pela exiguidade do tempo:

[...] Entretanto, o meu círculo era formado por apenas dois amigos já bem embotados, e ambos moravam em cidades longínquas da minha. Mais: cada um em cidades tremendamente distantes uma da outra.

Infelizmente, para mim, idéias de convivências e trocas, se minimamente analisadas, mostravam-se a cada dia mais inviáveis. Eu já não usava qualquer meio de transporte. Vivia a pé.

E não me comunicava mais por telefone, computador. Uma insuficiência aguda para escrever cartas.

Só dispunha enfim de uma voz já bem desnaturada para sedimentar a presença de qualquer interlocutor. Pois é...

E estava brigado com todos os moradores do prédio de treze andares onde eu vivia. Às vezes verdadeiras juras de ódio, quando não de morte. Ontem subira os oito andares por escada para não encontrar ninguém no elevador. [...]

Eu tinha ficado ilhado e pronto. (NOLL, 2006, p. 144-145).

O personagem representa um ser em constante monotonia. Sua vida se resume em consultas a um psiquiatra a quem recita seus assomos e sonhos noturnos sujeitos à interpretação. Após receber alta, “Não haveria mais leite a tirar de qualquer enigma.” (NOLL, 2006, p. 144), é um ser sem amigos, sem convivências e trocas: “Não sentia mais a necessidade de vizinhos ou estranhos.” (NOLL, 2006, p. 145). Um indivíduo que não tem nenhum motivo para risos: “Eu tinha o riso talvez como estoque das vias aéreas, mas ele ainda não se misturara à minha saliva, muito menos a meus lábios.” (NOLL, 2006, p. 145). É uma pessoa sem contato com o mundo, um ser que deseja diluir-se, desaparecer:

Poderia me diluir contra a pele dourada daquele fim de tarde. Talvez meses depois, os meus dois amigos distantes pudessem se dar conta do meu desaparecimento, mas não teriam, não, como localizar o meu destino. Um não sabia da existência do outro. E nem telefone eu possuía. Assim... (NOLL, 2006, p. 147).

Finda as visitas ao psiquiatra (sua única ocupação), só lhe restara continuar na correnteza de sua vida: “essas visitas pareciam minha última experiência à tona das tardes. Depois me sobrariam apenas refúgios com poros cavernosos, tantas vezes malsãos.” (NOLL, 2006, p. 146). O atual momento torna inviável qualquer possibilidade de convivência e trocas, não permite que o homem observe a sua volta. Produz homens ilhados que não sabem observar nem a si próprios. Cada um é para si próprio e para o próximo o mais distante. O narrador-personagem de João Gilberto Noll transpassa, aos leitores, os arquétipos de relacionamentos fragmentados.

Nessa máquina de contar, de narrar, em meio à ação maquinal de se despir das luvas e jogá-las ao chão, o personagem do conto “No dorso das horas” entra num processo de despersonalização e pode estar se livrando um pouco de si próprio, de sua identidade:

Vi-me estonteado. Vi que uma das luvas mostrava o sangue que escorria agora tímido da frente. Escutei a voz do diretor pedir-me que tirasse as luvas. Tirei-as, joguei-as no chão como se me livrasse um pouco de mim mesmo.

Entrei nesse recinto escurecido. Na medida em que ia entrando, mais tudo escurecia... Chegou um ponto em que precisei como que rugir, arrancando de mim pela primeira vez um clamor que eu nem sequer conseguira em minha vida toda adivinhar. (NOLL, 2006, p. 13).

Esse estado de coisas em “convulsão” encontra eco nas palavras de Adorno (1983, p. 270), sobre o romance e sobre as narrativas:

[...] Desde sempre ele [romance] teve como verdadeiro objeto o conflito entre os homens vivos e as relações petrificadas. A própria alienação se torna para ele, nesse lance, um meio estético. Pois quanto mais os homens – indivíduos e coletividades – ficaram estranhos uns aos outros, tanto mais enigmáticos eles se tornaram, ao mesmo tempo, nas suas relações mútuas, e a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, o impulso propriamente dito do romance, passa a ser o esforço de captar a essência que, justamente na estranheza familiar posta pelas convenções, aparece, por seu turno, assustadora, duplamente estranha. [...] Na transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo.

Adorno reflete sobre esse desencantamento do mundo, em que homem e máquina transitam por um processo de assimilação e, nesse embate, o “ser” aparece como produto de uma fabricação, como sujeito da onda de robotização que nos ameaça. Assim, é praticamente impossível estabelecer uma identidade permanente. Ela se transforma assim como as grandes modificações ocorridas no mundo. Hoje, ela é transitória, representando o homem em seu movimentar-se. No momento contemporâneo, estar em movimento se tornou uma condição irrevogável.

Diante de tantas mudanças a nossa volta, as identidades dos personagens de João Gilberto Noll nunca estão completas, estão sempre em processo de (re) construção, sendo (re) formadas, (re) formuladas de acordo com as necessidades de adaptação e convivência em um mundo caótico. O ser não pode ser entendido como tendo uma identidade fixa e estável, pois a sociedade contemporânea o produz com identidades abertas, fragmentadas e contraditórias:

[...] há mudança em excesso à nossa volta, não de menos. Estilos de vida inteiros são varridos da noite para o dia. Homens e mulheres atropelam-se freneticamente para poder adquirir novas habilidades, sob pena de serem jogados no monte dos refugos. Tecnologias ficam obsoletas ainda na infância, e corporações monstruosamente inchadas ameaçam implodir. Tudo que é sólido – bancos, planos de aposentadoria, tratados antiatômicos, obesos magnatas da imprensa – desmancha-se no ar. Identidades humanas são descartadas, reformadas, experimentadas para ver se servem, levantadas e olhadas de um ângulo divertido, e extravagantemente desfiladas nas passarelas da vida social. (EAGLETON, 2005, p. 222).

Dessa forma, a identidade, tradicionalmente estável, dá lugar à fragmentação, à multiplicidade de identidades, muitas vezes contraditórias, ou não resolvidas. No momento

atual, em que nada é sólido, a identidade desfila nas passarelas da vida social e se adapta a diversas situações.

Esse estado de coisas é apresentado na obra de João Gilberto Noll por meio das identidades petrificadas, em face do hibridismo e da diversidade do momento contemporâneo. Seus personagens precisam constantemente comprovar sua identidade (RG), documento, seu número, para certificarem-se de quem são na sociedade, ou seja, de que realmente “são” alguém, ou alguma coisa: “Dirigi-me à portaria com meu RG em punho. Perguntei se podia entrar, caso encontrassem meu nome no sistema de informática daquela associação e tal.” (NOLL, 2006, p. 73). Passam por constantes constrangimentos (batidas policiais) até comprovarem quem são ou o que são:

[...] Solicitei um ingresso sênior na bilheteria. A mulher pediu que eu mostrasse a Identidade, para provar ser eu um sexagenário, pronto para merecer o bônus da meia-entrada.
[...]

[...] Um policial fardado entrava no banheiro, me pediu um documento. Tirei da carteira o meu RG. Ele passou o número para alguma instância do outro lado do seu rádio. Esperou a reação daquele que do outro lado conferia a ameaça ou não do indivíduo abordado pela autoridade. Escutei a voz vinda do centro de controle. Mas não entendi nada, tamanha a interferência de outras vozes dentro e fora do rádio da polícia. Curiosos entravam no banheiro para conhecerem o desenvolvimento da batida policial. O brigadiano falou que eu podia ir andando. (NOLL, 2006, p. 86-87).

É preciso apresentar o RG para provar ser um sexagenário merecedor do bônus da meia-entrada, é preciso apresentar o RG para provar que não é uma “ameaça”, um bandido, um assassino ou sei lá o quê. Hoje, o homem ativa sua máquina de ser e se transforma em uma identidade pronta para atuar: “Era só acionar a máquina de ser, que tinha no meu corpo um intérprete.” (NOLL, 2006, p. 122).

A dificuldade de afirmar uma identidade faz que os personagens dos contos de Noll sigam seus rumos como seres sem nome, sem história, ocultos: “Passei a toalha sobre onde parecia ser o centro do trauma, coloquei sua cabeça sobre minhas pernas dobradas, procurando limpá-lo o máximo para encontrar a sua identidade. Quem era?” (NOLL, 2006, p. 23).

Dessa forma, podemos deduzir que a identidade do indivíduo, em sua trajetória rumo à industrialização, rumo ao poder da maquinaria, sofre transformações irreversíveis a partir do momento em que ele reconhece que sua existência depende muitas vezes dos elementos criados pela técnica, pela máquina.

O narrador-personagem do conto “O convívio” nos diz que: “Era qualquer coisa que eu quisesse. E no mais eu estava ali, procurando decifrar aquele ser vivendo apenas nos limites de sua miserável fortaleza.” (NOLL, 2006, p. 38). Num mundo dominado pela maquinaria, pelo egoísmo frio e calculista, pela busca de interesses próprios, os indivíduos se moldam de acordo com suas necessidades básicas de sobrevivência.

No conto “Suíte”, um personagem arquiteta uma identidade falsa para conseguir um meio de renda (emprego) do qual pudesse tirar seu sustento na madurez de um verão. Aborda um turista gringo no aeroporto que não estava encontrando sua bagagem. Simula uma ocupação (uma identidade falsa) numa firma de auxílio a turistas em emergências variadas para oferecer ajuda ao gringo, e explica as consequências e os reflexos dos novos tempos: “Respondi que fosse esquecendo a bagagem, que ele e sua família já precisavam encarar um novo módulo de estar para poderem seguir em suas férias.” (NOLL, 2006, p. 43).

O turista conta que não viajava acompanhado da família, que viera sozinho conhecer o Carnaval. Diante das informações, o falso ajudante idealiza seu plano para desfrutar de luxo e mordomia de gringos internacionais. De imediato, ele chama um táxi e fala “ao motorista que o melhor seria levá-lo para o Copacabana Palace.” (NOLL, 2006, p. 44):

[...] Eu e Nick entramos no saguão como verdadeiros príncipes, tamanho o rol de gingas subalternas em volta do nosso entrar. De repente estávamos diante do balcão da portaria. Havia, sim, um apartamento vago. Cada um de nós preencheu os formulários de ingresso no hotel. Ele terminou antes de mim. É que eu precisava inventar meus dados fraudulentos a cada item. (NOLL, 2006, p. 44).

[...] Ali eu já não era um brasileiro puro, mas alguém iniciando férias em promissoras praias, praias na certa abandonadas por mim em tenra idade. (NOLL, 2006, p. 47).

O falso ajudante forja uma identidade com dados fraudulentos com o intuito de desfrutar de mordomia alheia: “Subimos pelo elevador acompanhados de um *valet de chambre* com um esboço de sorriso mudo. Ele carregava a mala de Nick como que segurando o paraíso que eu próprio me prometia para dali em diante.” (NOLL, 2006, p. 44), sempre pensando em tirar proveito da situação: “Daquele ponto em diante eu dependeria do americano para tudo. Pensei se não seria o caso de lhe cobrar uma diária.” (NOLL, 2006, p. 45).

Já na chegada ao luxuoso apartamento, o leitor depara-se com a modernidade e a necessidade de apreendê-la:

[...] Como me visse, por falar português, mais adequado para entender plenamente os seus ensinamentos sobre a suíte – como ligar a TV, controlar o ar-condicionado, o chuveiro cheio de interpossibilidades e não sei que mais –, o *valet* só se dirigia a mim, me chamando sempre mais, sempre mais, porque ainda faltava explicar uma coisa e mais aquela. Tanto que, ao acabar suas aulas sobre as condições da luxuosa suíte, botei a mão no bolso e lhe paguei mais um pouco do que me restava de um roto capital. (NOLL, 2006, p. 45).

É preciso que o ser absorva as novas tecnologias para poder desfrutar do luxo que o mundo moderno, o sistema, oferece. Ao se instalarem na suíte do Copacabana Palace, os personagens passam a se conhecer melhor. Ao ter conhecimento da admiração do gringo por músicas, partituras, pinturas: “Nick tirava pastas da bagagem de mão e as abria: elas continham partituras de Cole Porter, George Gershwin, David Claman, Jobim. Tratava-se de um músico ou de um musicólogo e para cá viera para fazer alguma pesquisa sobre um tema brasileiro.” (NOLL, 2006, p. 45), o falso ajudante forja uma nova ocupação: “Eu como escritor diletante lhe seria útil, até que ele fizesse de mim seu secretário e me levasse junto a Nova York onde nas horas mortas ficaria a escrever meu romance-epitáfio [...]” (NOLL, 2006, p. 45):

[...] Quando o vi folheando uma partitura de Gershwin, tive a impressão de que a seu lado eu teria com o que me acomodar. Se ele deixasse, eu seria seu secretário particular e assim me ajeitaria na vida, fosse onde fosse o domicílio a me acolher. Então interrompi o passeio de seus olhos sobre a partitura de Gershwin, falei que era escritor com o sonho de criar o libreto de uma ópera com fundo tropical. Repentinamente descobria que não queria ser o seu secretário particular. Seria seu parceiro nessa ópera que se gestava por detrás de suas pálpebras. Escreveria eu esse libreto para que ele melodiasse com todo o lirismo que parecia ter. (NOLL, 2006, p. 45-46).

Escritor e secretário particular. São múltiplas as identidades disponíveis do personagem, prontas para atuar a cada situação inesperada de sobrevivência. O personagem tinha ido ao aeroporto para “caçar” milionários e milionárias que acorriam ao carnaval. Tendo conseguido forjar uma identidade falsa, com dados fraudulentos, “continuaría ali como servo, secretário particular, o que fosse, até que ele não me quisesse mais.” (NOLL, 2006, p. 49), submetendo-se a situações deploráveis sem qualquer constrangimento: “Eu dormiria enrodilhado ao redor do meu vômito, não importava. Quando acordasse limparia o tapete, pronto para obedecer a Nick.” (NOLL, 2006, p. 49-50).

O falso ajudante forja seus diversos papéis (diversas identidades) na tentativa de ser dar bem e conseguir se acomodar com alguma renda no final de um verão. O ser humano

movido pela maquinaria já não age mais por vontade própria, mas sim por meio de alguma força dionisiaca, manipuladora. Uma sociedade que visa interesses próprios.

No conto “Lição de Higiene”, diante de um suposto trabalho infantil, as crianças exercem papéis diferenciados de acordo com as suas necessidades de um adulto presente:

Para que as coisas acontecessem, bastava que nos entregássemos aos papéis de mulher, de marido, amante, amigo, médico, pajé, pai, Deus, avô –, que sei eu, se a cada noite presenciávamos a aparição de um novo conteúdo adulto que até ali nem conseguíamos prever?

Nada importava, por exemplo, as qualificações de macho ou fêmea de cada um; nada importava, aliás, as prontas qualificações. Um garoto poderia ser tanto a mulher de uma menina, quanto a namorada de um desses pirralhos ainda longe de apreender qualquer espécie de qualificação, sobretudo as estritamente pessoais. Uma comunidade experimental, abnegada o suficiente para se deslanchar a cada manhã a partir das próprias entranhas do zero. Ao fim do dia, todos nós já tínhamos incorporado numa nova mensagem.

[...]

[...] De manhã, sim, nós todos dormíamos para esquecer a confusão de todos os papéis. (NOLL, 2006, p. 52-53).

A cada nova situação um novo papel, modificado, transformado. Um mesmo ser ativa sua máquina para ser mulher, marido, amante, amigo; pronto para incorporar uma nova mensagem. Neste lugar, todos pertencentes ao “reino mirim” renunciam à vida de criança e se esquecem de serem tão miúdos para exercerem novas mensagens, novos papéis (outras identidades), tarefas de adulto:

[...] Eu falava que a vida em sociedade exigia pequenas e às vezes grandes renúncias. Que exigia a degola da inação, eu costumava dizer. Que exigia até mesmo o abandono precoce da sanha infantil, costumava acrescentar.

Quando dava sermões, me esquecia de ser tão miúdo quanto os demais. Esquecia que eu ajudava a compor a média de idade com todos os outros daquele asilo sem nenhuma cúpula de adultos. Ali, ninguém passava dos doze. (NOLL, 2006, p. 54).

Os acontecimentos, a vida em sociedade os faz sentirem-se imaturos, miúdos, os obriga a agir e a atuar no papel do “outro”, desenvolvendo novas funções: “A algazarra vinha do térreo me deixando de repente com a impressão, quem sabe, de mãe que se sente exaurida diante da energia disparatada dos pequenos.” (NOLL, 2006, p. 54).

A rotina diária, o trabalho exaustivo varre qualquer sonho de criança, qualquer desejo infantil: “Às vezes não me sentia mais com a força miraculosa da infância. Sentia-me então como se fadado a me cansar para talvez adoecer. (NOLL, 2006, p. 54). Na precária

solidão do quarto, senti-me com uma liberdade fútil, sem nenhum desejo escondido para cometer.” (NOLL, 2006, p. 55).

O que podemos ler nesse conto são seres velhos, sem infância, sem sonhos, sem objetivos e perspectivas. Seres que se tornaram crianças novamente e agem como infantes inconsequentes. Já não se lembram mais de quem eram vossos pais, depois de tanto tempo sem contar com os préstimos adultos de alguém. São pessoas solitárias, carentes de relacionamentos em um mundo que já não mais favorece laços desse tipo. São seres estranhos uns aos outros: “Passamos sem nos aproximarmos, de esguelha, como sempre em frente a estranhos.” (NOLL, 2006, p. 52). Seres aprendendo novamente lições de higiene.

No conto “Frágeis Afetos”, também observamos a troca constante de papéis, de identidade dos personagens. Durante uma prova de calçados, ao se aproximarem e se tocarem, cliente e atendente encenam seus papéis mais animais. Esse trecho da narrativa retrata o instinto animal do ser expresso por sentimentos convulsivos entre dois seres maquinais:

[...] Fiz que era um cão, rugi. Ela bancou um gato em fúria, mostrou os dentes afiados, os lábios retraídos. Nisso seus dentes mancharam-se de batom. Rugi de novo bem baixinho para não chamar a atenção da loja de sapatos, claro! Ela miou com langüidez, qual uma gata entrando em cio, abandonando assim seu posto de guerreira. E agora?, perguntei olhando pela loja toda. Não, com certeza ninguém a nos observar. (NOLL, 2006, p. 57-58).

Em uma loja de calçados, cliente e atendente invertem seus papéis, suas funções, ensaiam outras identidades, funde-se em um só:

De repente me vejo a poucos palmos de mim mesmo. Olho-me então, sou ela. Explico... trocamos de papel e conseqüentemente de lugar, é isso. Posso garantir que a loja não percebe... Em volta, tudo igual. Só nós dois nos ensaiamos em identidades outras, sim, e nos olhamos para verificar enfim até onde conseguimos ir nesses papéis do avesso. (NOLL, 2006, p. 58).

Em meio aos devaneios de troca de papéis, o cliente (homem) agora é ela (a atendente). É quem busca os sapatos femininos para a mulher: “Sentado num banquinho muito baixo, diante de uma pequena plataforma onde a moça assenta o pé desnudo, sou todo atenção a essa cliente que não sabe muito bem que modelo de calçado desejar.” (NOLL, 2006, p. 58).

O cliente (homem) aceita com naturalidade o papel da atendente (mulher) que incorpora e encena: “Despeço-me desse rapaz que me vendeu o diáfano clima do calçado.

Esse rapaz é ainda em mim? E ele, consegue ver em minha figura o que sua pessoa soubera ser de saia, na graça sucinta de certos sapatos femininos?” (NOLL, 2006, p. 60).

Esse desejo confuso de trocar de papel confirma o descontentamento do ser com a sua própria identidade, com a sua situação existencial. Ao se transformar em outra pessoa, afirma: “Eu não era ninguém antes de mim, penso assim fechando brevemente os olhos, qual à procura de uma íris que de dentro costuma me acender no escuro. Dessa vez não me veio nada para me aclarar. Ah, sempre fui essa mulher [...]” (NOLL, 2006, p. 59-60).

No conto “Alma Naval”, presenciamos a saga de um homem que se transforma em professor ao entrar em uma escola simplesmente para fazer xixi. Ao sair do banheiro:

Abri a porta. Um enxame de alunos me cercava assim de supetão. Hoje é a aula sobre o silêncio, me cobravam. Não tive tempo de desmentir. A aula sobre o silêncio, repeti em meio àquelas vozes no corredor de paredes verdes... Vozes que me levavam à sala onde eu agora me encontraria impávido diante dos meus alunos, todos em suas classes. (NOLL, 2006, p. 70)

Com certa facilidade, o “falso” professor se adapta ao seu mais novo papel. Começa sua aula, conta suas histórias: “De repente me via como um professor que provocava o melhor desses pequenos heróis de novidades.” (NOLL, 2006, p. 72). A aula acaba, todos saem, ele continua seu caminho sem destino certo: “Tanto fazia se eu já parecia um homem destituído de origem.” (NOLL, 2006, p. 73). “Destituído de origem” é a característica marcante dos personagens de *A máquina de ser*. Todos são típicos representantes do ser movido pela maquinaria contemporânea.

As identidades humanas de Noll são reformadas, experimentadas e transfiguradas para transformarem-se em qualquer outra coisa – ajudante, escritor, secretário particular, mulher, marido, amante, amigo, professor – algo ou alguém em que possam apoiar-se para afirmarem uma identidade pronta para atuar. Os contos do autor retratam um herói contemporâneo problemático representado como sujeito por meio de um olhar multifacetado, ou seja, um olhar em mosaicos,

A ficção brasileira contemporânea busca compreender e explorar, esteticamente, a questão da identidade conflituosa do ser sem origens num contexto em que o homem não é apenas aparentado à máquina, mas derivado da máquina. João Gilberto Noll articula a figura do novo homem maquínico com a questão da dissolução da identidade do sujeito. A impossibilidade de situar-se dentro de uma coerência de nome, de idade, de nacionalidade, enfim, de identidade, revela o problema existencial do personagem, que foge incessantemente do olhar do Outro.

Esses desencontros podem ser observados no conto “Monges”, quando o personagem que conhecia pouca gente na cidade, ao fitar uma vitrine durante um passeio pelo shopping sem exigências práticas, vê um rosto misterioso refletido ao lado do seu, no vidro:

[...] Pensei que seria perigoso eu me virar e olhá-lo agora sem a mediação do reflexo no vidro; que, no caso de encará-lo a seco, de frente para o corredor luminoso, ele também poderia sentir-se cara a cara com um engano, sei lá; que seria melhor fixarmos as feições um do outro por um segundo que fosse, e que então continuássemos o roteiro cada um por seu atalho, primeiramente de olhos fechados, e que, quando arregaçássemos as pálpebras novamente, já estivéssemos com a imagem dos reflexos na vitrine guardadas no avesso do semblante, aqui dentro mesmo, onde os traços se apagam nas lembranças quase sempre rarefeitas.

Não seria melhor deixarmos de nos olhar pelo reflexo do vidro já, agora para nos enfrentarmos enfim, íris com íris de uma vez por todas? (NOLL, 2006, p. 84).

Ao virar o corpo, de olhos bem cerrados, com medo de encarar o que estava a sua frente: “Dobrei à esquerda, pus-me a caminho não sabia bem de quê nem nada. Abri os olhos. Parei um tanto estonteado. Olhei em volta, virei a cabeça para trás. Soube então que aquela fisionomia tênue no vidro tinha-se perdido de mim.” (NOLL, 2006, p. 84). O medo de fixar a feição do próximo, do desconhecido, o torna imóvel, inseguro, perdido, sem rumo.

Após o inevitável desencontro, o personagem reconhece que esse encontro de olhares não seria possível, que é muito duro o olho no olho sem o reflexo dos espelhos. Percebe que é muito difícil afirmar uma identidade firme e indissolúvel: “Ele me reconhecia, senti aos poucos –, e com cuidado, para não dissolver em cada um a sua identidade. Ambiente duro este, sem a rarefação dos reflexos, mas da mesma forma impossível de se desdobrar em ação, ou de se inserir em outros rumos para além dali.” (NOLL, 2006, p. 86-87).

O narrador-personagem toma consciência de que seria impossível esse encontro, não acredita que as coisas tomariam outros rumos, pois o pessimismo já tomou conta do seu “ser”. Reconhece que mais nada seria segundo a sua vontade.

A impossibilidade de moldar-se segundo padrões pré-estabelecidos culturalmente, de encarar o próximo e com ele conviver, é peça chave dos textos de Noll. O narrador busca revelar os conflitos da existência humana em que a tal máquina (homem) é obrigada a trabalhar para caracterizar cada singularidade do ser em um mundo fragmentado e obscuro: “E que ele reconsidere essa pessoa aqui com suas particularidades, pois que ele também tem as suas, se é que estas já existam nele nesse estado avançado como em mim, que nada sou além dessa identidade a serviço das demais.” (NOLL, 2006, p. 40).

O drama vivido pelo ser humano é marcado pelo sentimento de transitoriedade que interfere na edificação de uma identidade permanente. Claudete dos Santos (2007, p. 41) discute sobre o problema de auto-afirmação de uma identidade vivenciado pelos personagens de João Gilberto Noll. A autora afirma que em *A Máquina de ser* “Noll enfrenta o problema da identidade por várias entradas”:

[...] Uma dessas entradas seria a sociedade da *comunicação espetacular*. A proliferação de imagens lançadas em fluxo intenso em nosso cotidiano conferiria à comunicação de massa o papel de dar, em alguma medida, os parâmetros de existência ao homem contemporâneo. Não por acaso, na narrativa de Noll, personagens confusos vivem situações cinematográficas que parecem lançá-los numa vida de projeções e imagens, como fantasmas, reflexos. Difícil definir o que existe ou não (SANTOS, 2007, p. 44-45).

Na opinião da estudiosa, o narrador de João Gilberto Noll, - ora sem identidade ora com múltiplas identidades multifacetadas, criadas, inventadas, sem bagagem e sem destino - não apresenta uma narrativa linear marcada por um sentido. As situações aparecem e desaparecem como episódicas, fragmentárias, sem formar uma unidade organizada sob a forma de roteiro. Ou seja, esse narrador não nos apresenta um percurso linear, definido em sequência. Ele registra cenas e fragmentos que o olhar (câmera) apreende; momentos, sensações, personagens fantasmas, cenas em forma de flashes.

Esse narrador é um ator que desempenha papéis de acordo com a exigência da situação. Sua identidade, muitas vezes criada e modificada (reinventada de acordo com certas necessidades), não permite a relação com o espaço ou com o Outro. O contato é breve, necessário, e não propicia laços ou vínculos. O narrador-personagem de João Gilberto Noll, sem nome, sem passado e sem perspectivas não acredita na possibilidade de existência de uma identidade que se relaciona ao tempo e ao espaço contemporâneo.

Assim, essa *máquina de ser* gera, diante de seu desenvolvimento, a perda dos sentimentos, dos relacionamentos humanos e de características próprias, ocasionada, especialmente, pelo domínio e manipulação das máquinas, da tecnologia que estão sempre sugerindo o consumismo devasso, fazendo que o homem esqueça-se de si próprio: “O rapaz me acompanha até a seção dos pacotes que, ali enfim, é sempre bom frisar, já pertencem aos compradores. Despeço-me desse rapaz que me vendeu o diáfano clima do calçado. Esse rapaz é ainda em mim?” (NOLL, 2006, p. 60).

João Gilberto Noll com suas narrativas marcadas pela solidão e pelo isolamento do homem em seu próprio meio, apresenta-nos uma “máquina-de-ser” que controla os

movimentos humanos, o “homem-ser-máquina”, agindo e atuando em seu comportamento, em suas ações. O mundo globalizado e a sociedade consumista que vivenciamos nos conduz a uma corrida contra o tempo, a ter menos cuidado com o “outro” e consigo mesmo, a não fixar relacionamentos estáveis.

Nesse momento de grandes avanços científicos e tecnológicos, de grande obsessão e fascínio pelas tecnologias, os seres humanos vêm-se em uma sucessiva crise identitária, temporal e espacial. Com essa crise de “ser” muitos se vêm perdidos, sem mesmo saber aonde ir: “Ao chegar na calçada verifiquei que o táxi de onde afluía o meu sustento continuava ali. Entrei. Meditei se ia para casa ou continuava nele pegando meus eternos passageiros pelo que me restara do dia.” (NOLL, 2006, p. 18).

Dessa forma, João Gilberto Noll questiona seu leitor: Como estabelecer laços de relacionamentos em um mundo tão injusto, tão desumano? Como encarar o “Outro”, o próximo a sua volta, olho no olho sem constrangimentos? Como afirmar uma identidade única e fixa em um mundo que encena várias formas de “ser”? Questões sem previsões para um futuro.

As narrativas de João Gilberto Noll desnudam o homem-máquina no seu “ser e estar no mundo”, no seu (con) viver, em sua luta em busca de uma chance “de ser”, uma chance de existir naturalmente, sem efeitos dessa máquina que o envolve. Essa situação causa no “ser” uma espécie de choque constante, que é parte complementar da vida moderna. As experiências desse ser-máquina agora deixam de submeter-se a uma ordem contínua, regular e passam a estruturar-se a partir de interrupções e suspensões que constituem o cotidiano contemporâneo.

Esse choque só pode trazer desconforto para o narrador, que vê na morte uma possível saída. No conto “Na divisa”, diante de uma nova encenação, o narrador agora é um médico plantonista que resolve suicidar-se tomando uma dose excessiva de soníferos. Um ser que não cessa de buscar uma resposta para o sentido de estar vivo.

Numa noite monótona, o personagem estando “sozinho” (característica dos personagens de Noll), de plantão no hospital de Pronto Socorro, diz: “pensei em dar cabo de mim.” (NOLL, 2006, p. 113). Ele sabia do armário onde se guardava aquele sonífero certo e da dose além da qual ninguém sobrevivia. Aproveitou o momento em que a sala dos médicos se mantinha vazia e com um “gole d’água gelada empurrou de vez as pílulas que teimavam em não deslizar pela garganta seca.” (NOLL, 2006, p. 114). Diante de sua tentativa frustrada de suicídio, o narrador reflete:

[...] Trago a mão de volta para explorar meu próprio corpo. Não há mais ninguém em mim. No entanto, ainda sobrevive essa certa consciência que quer saber, saber o que é isso de mim qu'inda resiste, entende? Saber, saber..., saber realmente o quê? Ah, súbito meu corpo toma consistência, se arrepiava de um frio estranhamente familiar ou o que seja, e bota pra fora o excedente, vomita à beira da cama cercado de outras figuras de branco –, ah, os meus colegas de plantão em volta, bem, bem assustados... Deito agora com a cabeça sobre o travesseiro, a manhã pasmada na janela aberta. (NOLL, 2006, p. 115).

Se não há ninguém em mim, qual o sentido de continuar vivo, de meu corpo insistir em continuar de pé? Que máquina é essa que me mantém resistindo? Reflexões de um ser que procura o sentido de existir, de continuar (re) existindo. Qual o sentido do funcionamento dessa máquina em pane?

Com ajuda de outro médico, Álvaro seu psiquiatra e amigo até em horas mortas, o personagem se recompõe de mais uma tentativa de suicídio, de mais uma tentativa de dar cabo de si:

[...] Ele sempre esteve à luz da minha cabeceira quando eu voltava dessas extremosas aventuras. Numa dessas, ele me repetia, numa dessas você vai pra não voltar. Quer? É mesmo o que você quer?, ele me indagava arqueando a sobrancelha esquerda. Álvaro vinha agora com papel higiênico para limpar a minha boca cheia de restos do meu fosso. (NOLL, 2006, p. 116).

Após mais um incidente costumeiro, ele segue sua vida, seu destino incerto, sua sina, (como tantos outros personagens de Noll), sem saber muito que fazer e para onde ir, “um sofrível espécime de vivo.” (NOLL, 2006, p. 118).

Assim, como nas demais narrativas do livro, a morte exerce uma atração sobre o ser, funciona como uma possibilidade de desligar todas as máquinas *de ser*. Esse estado de pane constante ressoa sobre os personagens contemporâneos de João Gilberto Noll, seres que precisam constantemente se adaptar a dúvidas e incertezas de um mundo contraditório e ilógico. O narrador do conto “Príncipe da natividade” também sente isso:

[...] Era como se os significados possíveis já se mostrassem em bagaço naquele aposento vazio, por onde ele apanhava livros ao léu e os rejeitava, logo após constatar em seus títulos como se a falta de acesso a não-sei-o-quê, acesso que ele também sentia falhar na direção de sua intimidade agora simplesmente em pane. (NOLL, 2006, p. 125).

Em um mundo que testemunhou a ascensão e queda de diversos regimes totalitários, de crises econômicas, de ditaduras, de exclusão, a idéia de vida coletiva acaba

parecendo improvável e desacreditada. O conto contemporâneo de João Gilberto Noll vem celebrar o pluralismo, a descontinuidade, a individualidade e a heterogeneidade dessas vidas.

À medida que o ritmo do empreendimento capitalista se acelera, a instabilidade e a desordem, passam a ser a ordem do dia. E dessa maneira fica difícil acreditar que há uma ordem natural no mundo. Para Eagleton (2005, p. 294): “É devido a uma ordem social pragmática que despreza valores fundamentais, atropelando brutalmente crenças e lealdades tradicionais das pessoas, que homens e mulheres começam a firmar suas identidades com tanta virulência.”

Vivemos uma época em que não parece ter muita importância quem seja o “outro”, o “próximo”. Um universo que não conhece formas inabaláveis nem identidades estáveis. Vivemos o momento de passagem de uma cultura única, com um conjunto de regras fixas, para um estoque contraditório de várias culturas e valores, cada uma delas em divergência com as outras, sem qualquer hipótese de terra firme para pisar: “Somos como alguém cruzando uma ponte alta e, de repente, sendo tomado de pânico por se dar conta de que há um abismo de trezentos metros abaixo. É como se o piso sob seus pés não fosse mais sólido. Mas, de fato, não é mesmo.” (EAGLETON, 2005, p. 89).

Em cada instante, a nossa consciência engloba, como atualidade, o presente, o passado e, além disso, o futuro, como horizonte de possibilidades e expectativas, tudo de forma entrecruzada, confusa, em “pane”. Esse estado de coisas condiciona novos estilos e atitudes ficcionais, o que vem refletir na obra de João Gilberto Noll, autor que tem cavado os conflitos do homem em sociedade, mostrando com seus contos a mescla de sentimentos, sensações e anseios que a vida moderna suscita no interior do ser. Dessa forma, esse autor insere-se num quadro diversificado que atesta a vitalidade da literatura brasileira atual.

1.2. Situações e formas do conto brasileiro contemporâneo

Neste item, abordaremos as transformações que estruturam e dão forma ao conto contemporâneo brasileiro, mais especificamente na obra *A máquina de ser*, de João Gilberto Noll, considerando as formas de grande variedade que esse autor tem assumido na expressão do momento atual.

O conto de João Gilberto Noll se estrutura de acordo com os princípios de composição que conduzem a escrita moderna em busca de um texto que represente o ser no momento contemporâneo, seus anseios e suas angústias. Segundo Alfredo Bosi (1981),

quanto à invenção temática, o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo:

Ora é o quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem. [...] Proteiforme, o conto não só consegue abraçar a temática toda do romance, como põe em jogo os princípios de composição que regem a escrita moderna em busca do texto sintético e do convívio de tons, gêneros e significados. (BOSI, 1981, p. 7).

Esses estilos e feições estão presentes nos contos de João Gilberto Noll, que são representativos de uma nova era. Nos contos do autor, muitas sensações incomodam e inquietam o ser, sensações expressas por meio de uma escrita reflexiva que tenta estabelecer uma ordem em meio à perplexidade.

O convívio de tons, gêneros e significados, a forte concisão no arranjo frásico, [contos estruturados, muitas vezes, em apenas um (grande) parágrafo] a linguagem subjetiva, são marcas dos contos de Noll, em especial da modernidade em termos de uma contemporaneidade crítica. É diante dessa escrita moderna que se inserem os modos de dizer e de narrar mais característicos do conto contemporâneo.

O conto é um gênero narrativo, em forma de prosa, de menor extensão (em relação ao tamanho) comparando-se ao romance ou à novela, ainda que contenha os mesmos componentes desses. Essa característica não deve ser encarada como sinônimo de facilidade para leitura nem para produção do escritor, pois:

[...] se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção. E mais, o mesmo modo breve de ser compele o escritor a uma luta mais intensa com as técnicas de invenção, de sintaxe compositiva, de elocução (BOSI, 1981, p. 7).

A forma do conto vem passando por grandes transformações em termos de estrutura e temas ao longo dos tempos e da história, de modo que é preciso considerar a diversidade das narrativas contemporâneas, sua heterogeneidade de formas e temas como representação de uma nova era, de novos tempos. A forma modificou-se e absorveu as transgressões dos tempos atuais, sentiu a influência das épocas e dos narradores e aspirou aos anseios desse novo homem contemporâneo.

É nítida a relação do conto com a falta de tempo dos habitantes dos grandes centros urbanos, com os efeitos da industrialização, por ser uma narrativa curta e condensada. Gotlib (2006) acredita que o sucesso do conto, a sua popularização no Brasil no século XIX,

deve ser atribuído, em parte, à expansão da imprensa: os grandes jornais sempre davam espaço ao conto, o que ainda ocorre muito nos nossos dias.

Para Moisés (2004), o vocábulo “conto” sofreu várias transformações ao longo da história. Na Idade Média, designava o simples relato de acontecimentos sem vinculação com determinado tipo de expressão literária. Já no século XIX, o conto assume estatuto próprio. É nesse período que o conto se define, se particulariza e conhece uma época de esplendor. Já no século XX, o conto desenvolve sutilezas na estética que o aproxima de uma “cena do cotidiano poeticamente surpreendida.” (MOISÉS, 2004, p. 87), e: “Até os nossos dias, o conto vem sendo praticado por uma legião cada vez maior de ficcionistas, que nele encontram a forma adequada para exprimir a rapidez com que tudo se altera no mundo moderno.” (MOISÉS, 2004, p. 88).

O conto de João Gilberto Noll vem expressar essa rapidez do mundo moderno, propondo uma ruptura com a linguagem tradicional e a renovação das formas e dos meios de expressão. Nos contos desse autor, a frase muitas vezes torna-se densa e a comunicação passa a ser instigada pela reflexão. A narrativa de Noll interage com o leitor, levando-o para além do que está escrito. Noll não pretende apenas contar, mas buscar a reflexão do leitor, a sua inquietação, a construção da sua imaginação.

A construção tradicional de começo, meio e fim cede lugar a um texto que cobra a participação do leitor na construção da narrativa. O leitor passa a ser o arquiteto do conto, aquele que desvendará as pistas e os enigmas deixados pelo caminho e estabelecerá uma opinião final, sua conclusão, posto que nada é dado de bandeja. O texto é composto por inúmeras indagações e pistas do que pode ou não ter acontecido, de sugestões. Dessa forma, a contística de Noll substitui as estruturas clássicas, rígidas, tradicionais, pela construção de um texto que tem como objetivo transportar o leitor para além das palavras, pois explora as reflexões de um tempo interior, psicológico.

Para Gotlib (2006), os aspectos desse gênero literário vêm ao encontro do momento contemporâneo. A partir da opinião de estudiosos do conto, a autora busca as origens do gênero e suas principais características.

Teóricos e estudiosos sobre o conto, dividem-se em dois blocos: 1) os que propõem definições e a procura da forma; 2) os que se manifestam contra regras e definições prescritivas. Muitos ainda procuram receitas para se produzir um conto. Entretanto, como afirma Gotlib (2006, p. 12), é preciso considerar que o conto contemporâneo não segue uma única forma, uma receita pronta:

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos [...]. A esta altura, não importa averiguar se há *verdade* ou *falsidade*: o que existe é já a ficção: a arte de inventar um modo de se representar algo.

Os contos de hoje celebram a multiplicidade de experiências que regem esses tempos contemporâneos. Essa variedade não favorece mais uma classificação segundo determinados padrões como ocorria nos tempos passados.

Tradicionalmente, a arte tinha padrões fixos, regras, modelos, normas a serem seguidas por outros. Era preciso estabelecer uma ordem de início, meio e fim, centralizar-se num só tempo e num só espaço. Mas, com o passar dos tempos e diante de tantas transformações a nossa volta, essas exigências não são mais respeitadas em prol de uma escritura que represente e acompanhe as constantes modificações que envolvem o ser. Gotlib (2006, p. 30) comenta:

Com a complexidade dos novos tempos, e devido em grande parte à Revolução Industrial que vai progressivamente se firmando desde o século XVIII, o caráter de *unidade da vida* e, conseqüentemente, da *obra*, vai se perdendo. Acentua-se o caráter da *fragmentação* dos valores, das pessoas, das obras. E nas obras literárias, das palavras, que se apresentam sem conexão lógica, soltas, como átomos (segundo as propostas do Futurismo, a partir sobretudo de 1909). Esta realidade, desvinculada de um antes ou um depois (início e fim), solta neste espaço, desdobra-se em tantas configurações quantas são as experiências de cada um, em cada momento destes. Antes, havia um modo de narrar que considerava o mundo como um *todo* e conseguia representá-lo. Depois, perde-se este ponto de vista fixo.

Nesse sentido, como afirma Gotlib (2006, p. 30), “evolui-se de um enredo que dispõe um acontecimento em ordem linear, para um outro, diluído nos *feelings*, sensações, percepções, revelações ou sugestões íntimas.” Dessa forma, os estados interiores vão se desdobrando em experiências diversificadas.

É justamente por essa capacidade de representar as experiências existenciais que o conto contemporâneo representa o ser, flagrando-o na sua momentaneidade, sem antes nem depois. É o caso do contista João Gilberto Noll, para quem o conto propõe uma reflexão sobre o “ser” por meio de flashes, luzes e cenas contemporâneas. Assim concebidos, os contos seriam um modo diferente de narrar, marcado por seu teor fragmentário, caracterizado pela ruptura com a continuidade lógica tradicional, tentando consagrar os instantes e intensidades do homem contemporâneo. Um *flash* de momentos singulares cheios de significações, como afirma Bosi (1981, p. 09):

[...] Em face da história, rio sem fim que vai arrastando tudo e todos no seu curso, o contista é um pescador de momentos singulares cheios de significação. Inventar, de novo: descobrir o que os outros não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força. Literariamente: o contista explora no discurso ficcional uma hora intensa e aguda da percepção.

Sentir e perceber os momentos singulares do ser, ressaltar uma existência marcada por relacionamentos frágeis e dissolúveis são aspectos que caracterizam o trabalho de João Gilberto Noll em *A máquina de ser*. Seus contos caminham nessa sondagem do real, desvelando sempre outra significação sugerida pela reflexão: “Eu estaria pronto pra outra?” (NOLL, 2006, p. 64). Há neles uma forma própria no modo de contar - entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões, com o intuito de conquistar e manter a atenção do leitor. Caracterizam-nos, pois, a mobilidade, a generalidade, a pluralidade, o indefinível, o insondável e o não-dito.

A contística de Noll desestabiliza o leitor por meio de uma escrita sugestiva; expressa os vazios e as aflições do homem contemporâneo, e especialmente, incita o leitor: “senti que eu não passaria desse ano que se iniciava ali ensolarado.” (NOLL, 2006, p. 137).

O conto em nossos dias, impulsionado pelo compasso veloz da vida moderna, assume um lugar de destaque entre os gêneros literários. Tal fator decorre de ser o conto uma forma literária que busca causar um efeito sobre o leitor, uma forma preocupada com o instante. No caso de Noll, o leitor tem a chance de escavar os instantes de vidas comuns, desvelando as contradições e incoerências inerentes à condição humana no momento contemporâneo.

No conto “Noturnas doutrinas”, a mensagem derradeira de um recente cadáver, prestes a escoar, que não é dita, que não jorra da garganta, e dos pensamentos, é omitida, porque não encontra a “semântica para exprimir”:

[...] Seu corpo não se apresentava exatamente indiferente. Qualquer coisa nele aindaurgia, como se tivesse ainda uma coisa derradeira a conferir. Sua boca aberta, eu agora notava, exalava um leve odor antigo de si mesma, nem bom nem mau, talvez inóspito, anterior a qualquer identidade artificial. Sua boca parecia aguardar uma mensagem prestes a escoar, caso ainda conseguisse alguma semântica para exprimir... E conseguindo, seu poder de enunciar ainda poderia contar com o sentido da minha interlocução? Sua mensagem não vinha, ficara talvez coagulada na garganta. Ele estava morto, enfim. (NOLL, 2006, p. 76).

No conto “Cor de nada”, um cego se perde em meio às figuras esmaecidas no seu cérebro na tentativa de reconstituir um único desenho, uma única sombra no seu pensamento, na tentativa de edificar seu próprio mosaico interior:

[...] Mas ficara cego quando adolescente. Desde então as figuras do mundo se esmaeciam no seu cérebro, em andamento vagaroso... e paulatino... Mas tentava desesperadamente reavivá-las, fazia exercícios diários de como relembrar cada coisa que compunha a realidade: por isso mostrava-se inquieto na frente do hotel diante do oceano, pois era uma oportunidade única, ali, debaixo do império solar, de adivinhar o contorno das manchas que se ofereciam e ao mesmo tempo se esquivavam. Para não perdê-las ele agora as ruminava não na pujança da luz mas na sombreada indecisão do pensamento. Logo passava a outras manchas com mais ímpeto. Fixava-se naquela, inteiramente, como se a sua vida dependesse de uma simples silhueta à vista. “Um guarda-sol” sussurrou baixando a cabeça para não mais supor a existência das figuras – e nessas horas parecia dormir mas não, apenas ficava alimentando-se das sombras em meneios íntimos, quando não em coreografias agitadas, sem contemporizar, como se a vida fosse feita para a volúpia dos sinais, qual um jovem todo posto diante de seu brinquedo eletrônico contendo feixes energéticos em linhas abstratas. (NOLL, 2006, p. 95-96).

No conto “Castidade”, ao cair de uma grande altura, um homem, em meio a delírios, quer fugir da realidade, quer resistir, mas já não consegue distinguir suas idéias e as sente de forma pastosa escorrer sobre o pedregulho e já fazer parte do seu jardim:

Nessa ascensão interminável, deu-se alguma coisa em mim – pra lá de inaudita: me senti absoluto, como um deus agarrado com unhas e dentes àquela corda que me afastava do mar de chaminés de alguns retraídos proprietários, como eu próprio fora até ali. Um alheamento assim me enaltecia a meus próprios olhos, e foi tanta a sensação inebriante de glória que não suportei mais, soltando-me de tudo e caindo sobre o pedregulho do meu refratário jardim.

Como em toda desgraça, no começo parecia que nada daquilo tinha realmente acontecido. Fora um sonho com tombo, nem bem um pesadelo. Eu estava em boas condições, iria me levantar tranquilo, sacudiria a poeira e sairia caminhando. Nada me doía exatamente. Mesmo depois que meus traumas esfriassem, nenhuma dor maior me venceria. Basta que eu ficasse ali por enquanto, meio de braços, sem esboçar a mais leve precipitação.

[...]

Quem o visse, notaria que ele já não guardava semelhança com o que o constituía até ali. Quanto à sua mente, de fato, ela resistia, mas vinha em idéias tão pastosas que seu proprietário agora não a distinguia de tudo o mais. Sim, as idéias escorriam sobre o pedregulho e, em suas formas impossíveis, já faziam parte do jardim. (NOLL, 2006, p. 34-35).

E no conto “Nado livre”, uma mulher vive seu dia com tanta energia e vivacidade, movida por sua máquina interior, que ela acaba desidratando-se por inteira e escorre sangue de seu corpo ao deitar:

Vivi tanto aquele dia que de mim escorreu sangue ao deitar. Tinha tomado champanhe, uma garrafa inteira de vodka, me arranhara fundo pelos espinhos de umas plantas que poderiam ser de um jardim, praça, parque, sei lá! E, de repente, estava sem bebida em casa. Então, feito fosse uma garrafa de vinho, acabei bebendo em pesadelo o que sobrara de mim própria em meio a cólicas –, sim desidratando-me inteira, a cabeça ruína sobre os travesseiros, os mesmos sobre os quais eu

beijara pouco antes uns lábios carnudos que se abriram passando uns goles de champanhe para os meus, ávidos de sal. (NOLL, 2006, p. 21).

Esses exemplos denotam a linguagem de João Gilberto Noll por meio dos contos que explicitam a problemática do homem no seu entorno social contemporâneo. São instantes intensivos do ser máquina atuando em sua realidade, vivendo o momento, o agora, o indefinível. Expressão de sentimentos confusos desses seres que não mais conseguem se revelar, enxergar, querem fugir de uma realidade com “cor de nada”, confusa, excludente.

Uma das grandes características da contemporaneidade presenciadas, também, pelo leitor na obra de João Gilberto Noll são os relacionamentos familiares fragmentados. No conto “Em nome do filho”, podemos observar esses laços familiares estilhaçados. Um pai recebe a notícia de que seu filho havia morrido. Diante disso, o pai é chamado para ver o corpo e com indiferença afirma:

Mal deu para vê-lo direito. Aquele que parecia ser o chefe do funeral, para lá de improvisado, ordenou logo o fechamento do caixão, para que pudéssemos lançar os despojos por uma abertura enorme na parede, abertura a partir de onde rolava uma esteira já levando o corpo do meu filho para as mãos de homens que acomodavam dezenas de esquifes num caminhão. O esquife do meu filho era absolutamente igual aos demais. (NOLL, 2006, p. 17-18).

Perante o filho morto, o pai comenta os poucos momentos que teria passado com ele antes do acidente:

Ele tinha saído na noite anterior, comentei. Ainda fui até a porta e chamei-o para ir comigo ao jogo do Inter contra o São Paulo no Beira-Rio, é claro, onde mais poderia ser? Ele disse que não era colorado, se eu não sabia, ora... Pronto, foi a última vez que o vi com vida. (NOLL, 2006, p. 18).

Após uma espécie de funeral sem nenhum rito, a vida segue normalmente. O pai entra em seu táxi para trabalhar, o que prefere, a ficar em casa lamentando a morte do filho, e assim continua a pegar seus “eternos passageiros”, pelo que lhe restara de um dia monótono como tantos outros:

E assim a conversa foi prosseguindo para outros ares que não os fúnebres.

[...]

A falta de novos passageiros durante tantas quadras parecia mesmo me indicar que era apenas um desses domingos modorrentos, espichados, complacentes com sua vaga ocupação... (NOLL, 2006, p. 19-20).

Diante da morte tudo continua na sua constante mesmice, no seu eterno silêncio: “Avistei então um outro passageiro. Abri a porta me esticando todo. Ah, era um sujeito que eu já levava muitas vezes no meu carro. De novo?, ele exclamou com simpatia. Pois é, devolvi sorrindo. E fomos calados por todo o trajeto...” (NOLL, 2006, p. 20).

A falta de diálogo e, conseqüentemente, a crise de relacionamentos familiares são representadas nesse conto pela banalização ou naturalização com que a morte é tratada. Expressão da deserção familiar, de relacionamentos fragmentados. O progresso acelerado cala e emudece o homem. A aceleração frenética de informações despejadas constantemente ao homem moderno nos grandes centros urbanos, o impede de conhecer até mesmo o ser com quem (con) vive sobre seu próprio teto (sua própria família).

Ainda discutindo sobre laços familiares despedaçados, podemos observar, no trecho a seguir, o relacionamento entre uma mãe, tomada por uma amnésia alcoólica, que se esquece dos seus afazeres e um filho ignorado, no raiar da adolescência, que clama por ajuda, que anseia cuidados; uma mãe que segue uma vida sem rumo, sem lugar nenhum para chegar:

[...] Meu filho, um homem adolescente, me acordou de manhã pedindo que eu fizesse o lanche que ele já estava atrasado pro colégio. Hein?, quase supliquei uma trégua, assim, com essa indagação vaguíssima. Ele insistiu que eu fizesse o café porque a aula de inglês começava às oito. Então me levantei depois de me arrastar pelos lençóis, como se fosse um soldado pelos charcos de uma terra inimiga, até que o meu filho homem no raiar da adolescência me pegou pelos braços e foi me guiando até o banheiro para a minha higiene matinal. Fechei a porta atrás de mim. Ainda me sentia tonta pelo porre da noite. (NOLL, 2006, p. 21-22).

O momento contemporâneo destituiu o homem do diálogo com o outro. Pais e filhos não mais se comunicam, são seres estranhos uns aos outros. Essa situação retrata a frouxidão dos laços afetivos que caracterizam nossa época e nossa sociedade. Nesse mundo conturbado, os relacionamentos familiares integrados tornam-se escassos, não há mais preocupação com o outro, compaixão para com o próximo. Cada qual segue o seu caminho, seu destino incerto, movido por alguma força extra (sua máquina):

Que deixasse meu filho sem almoço, que largasse de mão o apartamento sem tomar qualquer providência para o dia, que inventasse amanhã alguma doença para justificar minha falta onde fosse sentida... Não importava, pois eu já ia sonhando em águas mansas em luz de alta primavera... eu ia, eu ia sim já toda, toda nua, sem pressa de chegar a lugar nenhum –, ah, levada pelas águas, bem assim, assim... (NOLL, 2006, p. 25-26).

Podemos também classificar como causa desses relacionamentos fragmentados, outro tema discutido nos contos, a situação marginal do indivíduo diante do ócio e do desemprego. No conto “O berço”, em um velório, alguém se aproxima da cunhada do morto, também viúva, mãe de dois filhos, e tenta um contato mais próximo aproveitando-se da sensibilidade dela. Durante a conversa, ele fala sobre sua condição de desempregado e tenta se explicar:

[...] Falei que andava desempregado, mas que um cunhado me prometia uma colocação de inspetor em vendas. Numa enorme loja de peças de telefonia, computação, aparelhos de TV e tantos outros eletrônicos, nem sei que mais, não fui ainda lá, ele me pediu paciência... Paciência, repito sempre que posso e em surdina, e nessa paciência feito num barco me ponho a dormir me balançando. Na outra manhã desperto renovado, sonhando que adormeço para sempre sem morrer mas já morrendo um pouco, quase nada. Então acordo de vez e saio a coletar as sílabas que comporão o nome de minha posição no novo emprego – e sigo a arregaçar as mangas da camisa sem esse botão aqui de cima. (NOLL, 2006, p. 29).

João Gilberto Noll representa o vazio e a vergonha do homem que teve seu espaço tomado pela evolução das máquinas, que cada vez mais desenvolvem funções diversas para satisfazer as necessidades dos seres humanos. No descompasso acelerado da vida moderna e no ritmo veloz das máquinas de nossa época, os tempos plurais implicam no relacionamento dos seres.

No conto “Marabá”, também presenciamos situações e consequências do ócio e do desemprego na vida de um casal:

O que farei do dia hoje, meu amor? Abro a vidraça, vejo o rio escuro. Sei que ele ainda dorme lá no quarto. Nós dois em franco desemprego. Para mim, como mulher, é menos oneroso: fui acostumada a ficar em casa ouvindo mistérios gozosos, sentada na poltrona, observando meu pai a tirar as meias na sala toda noite. (NOLL, 2006, p. 89).

A situação atual do casal desempregado reflete no relacionamento, desnorteia, envergonha, grita o isolamento, a fuga do próprio destino e faz que se tornem estranhos um ao outro:

[...] Sei que meu homem se aborrece à toa. Costuma se desnortear mesmo! Então rumo em direção ao pátio para se isolar. Deita-se na grama, pega um sol. Esvai-se num suspiro. Pára. É transe? Almoça..., logo diz que sairá e sai com jeito de quem foge, prefere não dar tchau e sim como que fugir pelas beiradas. Bate mansamente a porta para ninguém ouvir; faço de conta pela milésima vez que não vislumbro sua alma encolhida, contrita às vezes: faço que não vejo sua deserção à francesa, a vergonha do homem em ócio, faço que não vejo nada... Quatro, cinco minutos depois sou eu a sair, rezando para que não nos vejamos pelas ruas. Fico

então uns quarenta minutos dentro de uma igreja no centro da cidade. Levo na bolsa guardanapos de papel, neles às vezes escrevo até poemas. É a estratégia que encontrei para diminuir, pelo menos naquele horário, o risco de nos enfrentarmos face a face em ambientes públicos. (NOLL, 2006, p. 90).

A situação marginal do casal dificulta e impede o encontro, o enfrentamento, obrigando-o a transformar suas próprias identidades em outras desconhecidas, “falsas”:

[...] Ah, o certo é que muito nos refaz andar pelas calçadas, esperando, esperando a resposta da entrevista para gerente, condutor, bailarina, manicure e tal... e, perdão, assim de chofre nos vemos num café –, isso! –, eu e ele. Eu imediatamente finjo que sou outra. Ponho um lenço azul nos cabelos, abro o estojo; no espelho, retoco a sobrancelha. (NOLL, 2006, p. 90).

Seres que vivem matando o tempo: “Ah, pobre dele, feito eu matando o tempo, fazendo hora, espichando as caminhadas para poder chegar em casa só a tardinha, como se encenando um dia altamente laborioso ou mais: extenuante.” (NOLL, 2006, p. 91). Esse estado de coisas encontra eco num momento em que o ser é esmagado pelo capitalismo e, conseqüentemente, pelo desemprego avassalador, um ser que precisa a todo o momento improvisar coisas a fazer: “É que o tempo todo eu precisava improvisar mil outras coisas a fazer. Saía dali pra lá na esperança de as idéias me acudirem. Sim, não tinha a vida ganha.” (NOLL, 2006, p. 28).

Esses seres não possuem grandes sonhos, desejos e ambições. Eles querem apenas o necessário para uma vida digna e simples; família e trabalho:

Soltei a mão da estranha bem bonita e tudo. Coloquei meu braço por cima de seu ombro. Ela aceitou. Olhava para a irmã que agora chorava com mais desembaraço vendo as pás derramarem terra sobre a tampa preta no fundo do buraco.

Eu teria agora uma mulher para cuidar. Seria o guardião dessa viúva em jambo. Apertava seu ombro, num misto de aflição e repentina afeição. Eu teria agora uma mulher que cuidaria de mim, me ajudaria a procurar emprego, abriria os classificados do jornal e passaria o dedo junto ao meu por sobre os anúncios difíceis de ler de tão minúsculos. Eu teria dois súbitos filhos para não deixar que voltassem tarde da rua. E fecharia a porta de casa assim que anoitecesse, em paz... (NOLL, 2006, p. 30).

O desemprego, que tem sido um dos maiores problemas da sociedade contemporânea, é um tema muito discutido pelos contos contemporâneos de João Gilberto Noll. As modificações ocorridas na economia brasileira, a partir da década de 1980, têm suscitado um desemprego crescente na história do país, de tal maneira que vem atingindo a organização social de forma considerável.

Os sentimentos gerados pela condição do ócio e do desemprego estão relacionados a uma experiência de dor e sofrimento por parte dos desempregados. O desespero, a perda da esperança, o desamparo, a tristeza, a revolta e a desorientação são sentimentos que encontramos nos personagens desempregados de João Gilberto Noll.

O desemprego que caminha lado a lado com o homem contemporâneo torna-se parte de sua vida, o envergonha e o faz mentir, o faz forjar uma ocupação “imaginária”, ocupação pela qual ele espera com “paciência”, almejando por dias melhores.

No capitalismo, a produção da existência humana se dá por intermédio do mercado, o lugar social no qual todos os indivíduos, para poderem viver, precisam muitas vezes se tornar mercadorias. Dessa forma, o ser se transforma em uma mercadoria manipulada pelo sistema capitalista, pela máquina.

Esses seres em processo de degradação estão em busca de algo que lhes foi tirado pela revolução dos tempos; terra firme, segurança:

[...] Não há nada de esquisito ou reacionário em procurar alguma *terra firma* num mundo onde homens e mulheres são desafiados a se reinventar da noite para o dia, em que aposentadorias são repentinamente varridas pela ganância e fraude corporativas, ou onde estilos de vida inteiros são casualmente lançados no monte de lixo. É desagradável sentir que se está caminhando num ar rarefeito. A maioria das pessoas espera ter um nicho de segurança em suas vidas pessoais [...] (EAGLETON, 2005, p. 272).

A busca por terra firme é impedida pelo capitalismo que circunda o ser humano nos tempos atuais e lhe tira qualquer resquício de segurança. Esse capitalismo faz o homem envergonhar-se de si, forjar uma identidade e até mesmo mentir, Terry Eagleton (2005, 34-35) afirma:

[...] Massas inteiras de homens e mulheres têm sofrido a miséria e a indignidade de uma cidadania de segunda classe. Em princípio, no entanto, o capitalismo é um credo impecavelmente inclusivo: não se importa, realmente, com quem ele está explorando. É admiravelmente igualitário em sua pronta disposição de arrasar praticamente qualquer um. Está preparado para conviver com qualquer de suas antigas vítimas, por menos atraente que seja. Na maior parte do tempo, pelo menos, está ansioso para juntar o maior número possível de culturas diferentes a fim de poder mascatear seus produtos para todas elas.

Essa maquinaria que devassa os seres humanos faz que estes busquem interesses particulares, benefícios e objetivos próprios, situação esta, que os impedem de (con) viver com o “próximo”:

[...] As sociedades capitalistas modernas estão tão preocupadas com pensar em termos de meios e fins, com quais métodos irão eficientemente atingir quais metas, que seu pensamento moral também fica infectado por esse modelo. O que significa viver bem torna-se, assim, uma questão de agir de maneira a atingir um certo objetivo. (EAGLETON, 2005, p. 171).

Nessa mesma linha, Eagleton (1999, p. 34) comenta o pensamento de Marx sobre a divisão de classes, gerada por esse capitalismo desigualitário, em que o trabalho, a atividade vital, a própria vida produtiva aparecem ao homem apenas como um meio para a satisfação de uma necessidade. Marx recusa uma ordem social que reduz homens e mulheres ao anonimato, a obscuridade e considera o capitalismo, em resumo, como um mundo em que sujeito e objeto estão invertidos: o capital emprega trabalho, em vez de o trabalho empregar o capital. O dinheiro, para Marx, é a “prostituta universal, o proxeneta universal de homens e povos, uma espécie de linguagem deturpada em que todas as qualidades humanas e naturais são misturadas e invertidas, e qualquer coisa pode ser magicamente transformada em qualquer outra.” (EAGLETON, 1999, p. 34)

Na forma social capitalista, os trabalhadores estão se produzindo cada vez mais degradados como seres humanos. O desemprego torna-se um produto histórico de uma sociedade formada no mercado, no capitalismo, um sistema em que os valores estão invertidos, um sistema que transformou praticamente tudo em mercadoria, sobretudo o homem.

Assim, os homens tornam-se fruto de um sistema, degradados como seres humanos. A vivência desses seres apresenta-se como um jogo de vida e morte na tentativa de reagir a esse processo, na tentativa de produzirem-se como seres humanos na forma social da mercadoria, da máquina:

O capitalismo, em resumo, é um mundo em que sujeito e objeto estão invertidos – um domínio em que se é sujeitoado e determinado pelas próprias produções, as quais retornam em forma opaca, imperativa, mantendo o poder sobre a existência de cada um. O sujeito humano cria um objeto, o qual se torna então um pseudo-sujeito capaz de reduzir seu próprio criador a algo manipulado. (EAGLETON, 1999, p. 33).

Dessa forma, João Gilberto Noll vem discutir o deslanchar de uma nova narrativa global do capitalismo que retrata o homem como produto contemporâneo, engolido pelo consumo, diante de uma exorbitante poluição visual, sem espaço para o encontro com o outro:

[...] Abri os olhos. Parei um tanto estonteado. Olhei em volta, virei a cabeça para trás. Soube então que aquela fisionomia tênue no vidro tinha-se perdido de mim. Que não haveria lugar para um encontro nosso do lado de cá, fora daquela

espécie de dádiva gratuita entre as mercadorias expostas na vitrine. (NOLL, 2006, p. 84-85).

A expressão e representação desse “ser” contemporâneo explorado pela linguagem e estrutura, de João Gilberto Noll, em um conjunto, desestrutura um leitor mais acostumado com soluções prontas e com a linearidade (começo-meio-fim/passado-presente-futuro) em perfeita recorrência na literatura. Rosenfeld (1969, p.79), afirma:

[...] A dificuldade que boa parte do público encontra em adaptar-se a este tipo de [...] romance decorre da circunstância de a arte moderna negar o compromisso com este mundo empírico das “aparências”, isto é, com o mundo temporal e espacial posto como real e absoluto pelo realismo tradicional e pelo senso comum. Trata-se, antes de tudo, de um desmascaramento do mundo epidérmico do senso comum.

Tais rupturas e mudanças de perspectivas expressam-se no trabalho de João Gilberto Noll, autor que se apropria das transformações históricas para conduzir uma escrita de premissas e temas contemporâneos. Assim, em termos de estilo, a contística desse autor caracteriza-se pelo adiamento, suspensão de sentido, legitimado pelo desencontro dos personagens que se cruzam pelas ruas, mas nunca se olham, nunca se vêem.

Na orelha para *A máquina de ser*, Paulo Scott (2006) escreve que:

A disposição temática dos contos reunidos em *A máquina de ser* contempla uma diversidade de narradores e atmosferas cujo encadeamento confirma e, ao mesmo tempo, renova a habilidade que o autor tem de surpreender seu leitor, não de assustá-lo, eletrizá-lo, ou qualquer desses rótulos e promessas que figuram nos intróitos editoriais, mas de, verdadeiramente, desestabilizá-lo, na medida em que revela novas, profundas e inesgotáveis possibilidades de ser.

Essas inesgotáveis possibilidades de ser são representações da precariedade da situação do indivíduo num mundo caótico, abalado por espantosos progressos técnicos desencadeados pela ação do homem, representações que Anatol Rosenfeld, ao refletir sobre uma nova experiência da personalidade humana, comenta:

[...] Uma época com todos os valores em transição e por isso incoerentes, uma realidade que deixou de ser “um mundo explicado”, exigem adaptações estéticas capazes de incorporar o estado de fluxo e insegurança dentro da própria estrutura da obra. De qualquer modo desapareceu a certeza ingênua da posição divina do indivíduo, a certeza do homem de poder constituir, a partir de uma consciência que agora se lhe afigura epidérmica e superficial, um mundo que timbra em demonstrar-lhe, por uma verdadeira revolta das coisas, que não aceita ordens desta consciência. (ROSENFELD, 1969, p. 84-85).

Daí, surge a necessidade de uma escritura que represente esse novo “ser” em movimento, esse novo ser adaptado, escritura esta utilizada por João Gilberto Noll. O correr da narrativa dos contos de *A máquina de ser* explora o desamparo e a crueldade que controla os destinos do homem anônimo perdido na cidade. A marca diferencial dessa prosa está em detalhar cruamente situações exemplares desse ser inundado pelas múltiplas identidades que encena. Uma forma de escrever e representar que se edificou num tempo em que o Brasil passou a vivenciar a explosão do capitalismo selvagem, revivendo novas opressões.

Noll apresenta uma linguagem centrada no ser que incorpora o objeto (a máquina) como meio de sobrevivência. Os contos compõem o destino dos seres, utilizando-se de uma linguagem contemporânea na expressão dos personagens e dos fatos, tudo organizado em um sistema narrativo repleto de subjetividades e indagações. Assim, o autor levanta questões sobre a qualidade de vida dos seres num mundo em que a experiência parece perecível e degradada. Mostra por meio da escrita, profunda e intensa, o martírio da vida diária numa sociedade obcecada com a mercadoria.

Desse modo, as mudanças radicais ocorridas, ao longo dos tempos, na organização social, nos planos econômicos, políticos, culturais, modificam a percepção dos elementos tanto no mundo real como nas narrativas contemporâneas. A noção de ser, de existir transforma-se, a pessoa (o narrador, o personagem e, conseqüentemente, o leitor) modifica-se, complexifica-se socialmente.

1.3. A máquina de ser: dimensões sociais e históricas

As relações existentes entre literatura e sociedade manifestam-se, muitas vezes, tanto pela temática quanto pela linguagem explorada por um texto. Discutir como a produção de um escritor incorpora à narrativa problemas da sociedade a que se refere é uma forma de melhor entender como se estabelecem as relações entre fator artístico e fator social, o que permite averiguar o seu compromisso com a realidade.

Sentimos, em *A máquina de ser*, de João Gilberto Noll, o deslanchar de uma escritura que acompanha a amplitude dos movimentos e dos sentidos da sociedade contemporânea. Ao observar as palavras das narrativas é possível edificar um mosaico de representação da vida social. A escrita de Noll é composta por passos que avançam entre o sonhado e o imaginado numa aventura instigadora e eletrizante. Trata-se de um escritor que não permanece indiferente diante de uma sociedade estilhaçada pela revolução dos tempos.

Assim, João Gilberto Noll expõe o ser humano, as suas ambiguidades, os seus dramas em um entorno individual e social repleto de tensões e contradições. Expõe seu lado frágil, mergulhado em seus conflitos existenciais. O autor quer despertar no leitor a condição humana de viajantes, seres sem direção, sem destino:

[...] Entrei no carro sem ter ainda uma direção pra pedir. Sim?, o motorista virou-se para trás... Sim?, ele repetiu. Mais uma vez: Sim? Um relâmpago me salvou. Tomou o carro inteiro. Vai chover mais, eu disse como se me encolhendo na cortante prata do trovão... E o motorista partiu. Por sua conta e risco. (NOLL, 2006, p. 112).

Seres que seguem seu entorno social sem rumo e deixam nas mãos de qualquer desconhecido a saga do seu destino. Seres para quem a vida é um “tanto faz”.

João Gilberto Noll aborda questões relacionadas ao indivíduo inserido em um novo contexto histórico-social indiferente e fragmentado. No trecho abaixo, podemos experimentar a indiferença para com a vida diante de uma passagem que mostra a continuidade de um dia de um pai que acabara de perder um filho e sua dúvida entre ficar lamentando a morte deste ou continuar sua vida:

[...] O esquife do meu filho era absolutamente igual aos demais.
Agradei aos cinco caras que tinham transportado comigo os despojos para sempre. E decidi sair dali.
Ao chegar na calçada verifiquei que o táxi de onde afluía o meu sustento continuava ali. Entrei. Meditei se ia para casa ou continuava nele pegando meus eternos passageiros pelo que me restara do dia. Afinal, soubera do acidente com o meu filho de manhã bem cedo... Agora não seria mais do que o horário de almoço. Comer?, nem pensar. Voltar para casa e ficar sondando debaixo da coberta o tamanho do desaparecimento? Então que eu fosse colher os passageiros que precisavam sim do meu serviço. E fui... (NOLL, 2006, p. 18).

Esse pai prefere continuar “pegando” seus passageiros pelo que lhe restara de um dia e assim sua vida prossegue. Tanto por um lado como por outro, por meio da aparente simplicidade dos temas, o que se configura na esteira dessa escritura quase próxima do “real”, é uma idéia de literatura sensível em que o que está escrito não é para se ler – é para se ser, sentir, envolver-se.

Na obra de João Gilberto Noll, por meio desse estilo literário próprio do momento contemporâneo, estão presentes elementos que condicionam e regulam as relações sociais no Brasil de hoje, o avanço do capitalismo, o ser-máquina, as relações entre os seres humanos, os problemas existenciais, o desemprego e tudo o que afeta o homem nesse novo meio histórico-social, turbulento e egoísta; instigando o leitor a uma reflexão.

Dessa forma, como afirma Segatto (1999, p. 219), traços e características do processo histórico do país estão presentes, constantemente, na literatura. Na escritura de João Gilberto Noll essa realidade é criada ou recriada, inventada ou reinventada artisticamente: “Ao reinventar, simular, imaginar, construir o real, a produção literária gera, determinadas vezes, um conhecimento particular e que contribui para o desvendamento da essência mesma do processo histórico brasileiro.” Muitos autores, “por via da representação estética, apanham aspectos fundamentais que fundam e constituem essa realidade histórica concreta: excludente e antidemocrática, opressiva e repressiva, iníqua e discriminatória.” (SEGATTO, 1999, p. 219).

Em *A máquina de ser*, essas manifestações surgem de modo peculiar, como representação artística, como figuração estética, por meio da fantasia, de imagens sensíveis, sem interesse de impor atos morais ou informar algo a alguém, como na reportagem. João Gilberto Noll mergulha na vida do ser inserido em seu meio histórico-social sem o objetivo de transmitir a realidade como uma informação. Pelo contrário, o que esse autor faz é enveredar-se pelos subterrâneos da fantasia, lançando aos olhos do leitor os sentimentos mais subjetivos desses seres. Alfredo Bosi (1981, p. 22), explana sobre esse assunto destacando a necessidade de fantasia do ser humano:

[...] O homem da cidade mecânica não se basta com a reportagem crua: precisa descer aos subterrâneos da fantasia onde, é verdade, pode reencontrar sob máscaras noturnas a perversão da vida diurna, [...] mas onde poderá também sonhar com a utopia quente da volta à natureza, do jogo estético, da comunhão afetiva.

Assim, os traços histórico-sociais são apresentados em *A máquina de ser* por meio dos subterrâneos da fantasia da experiência humana, nas indagações dos personagens, em seus delírios, em suas trocas de relacionamentos escassas, em suas vivências sofridas.

Lukács (1965, p. 13) afirma que nem a ciência, nem os seus diversos ramos, nem a arte possuem uma história autônoma, imanente, que resulte exclusivamente da sua dialética interior. O autor acredita que a evolução em todos esses campos é determinada pelo curso de toda a história da produção social, elaborada no seu conjunto:

[...] a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema. A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem faz seu o mundo pela sua própria consciência.

Para esse autor, a verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento diante da sua visão sobre o momento: “Não há grande artista em cuja representação da realidade não se exprimam, ao mesmo tempo, as suas opiniões, desejos, aspirações apaixonadas e nostálgicas”. (LUKÁCS, 1965, p. 34).

Nesse sentido, é importante ressaltar que João Gilberto Noll busca desprender-se da objetividade, da utilidade, pois aborda o universal, o íntimo do ser humano, o interior desses seres, sem o propósito de informar algo aos leitores, em que o “eu” se esquece na linguagem e ali está completamente presente. Caso contrário, como afirma Adorno (1975, p. 199), “a linguagem, convertida em abracadabra sagrado, cairia sob a coisificação do mesmo modo que no discurso comunicativo.” Seguindo essas reflexões, Benjamin (1994, p. 205) também afirma:

A narrativa que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Dessa forma, pode-se afirmar que João Gilberto Noll é um exemplo de escritor que se propôs discutir literariamente, de forma artesanal, os problemas da experiência humana e os conflitos sociais. Em sua obra, o externo (contexto social - realidade empírica) transforma-se em interno (texto literário - obra estética) e o elemento social torna-se um componente do texto ficcional, em um movimento dialético entre ficção e realidade.

Os contos de *A máquina de ser* são produções literárias que mesclam elementos sociais com elementos estéticos, numa cadência artística que rompe com as formas tradicionais de linguagem e composição. Assim, podemos afirmar que os textos de João Gilberto Noll propõem uma reflexão construída por meio da discussão não apenas de temas em evidência no cenário social, mas também da linguagem e da voz narrativa.

Com reiteradas referências ao contexto social, a ficção de Noll, propõe-se refletir sobre a sociedade, mostrando como a literatura pode absorver-la à sua estrutura estética, uma sociedade em que a cegueira e a surdez invadem os seres humanos: “Duvidava agora do seu próprio olfato, mesmo da audição. Reconheceu, não ouvia nada, salvo uma pressão imensa nos seus dois ouvidos, pressão produzindo um som linear e assustadoramente cavo, feito o eco de um poço para sempre ingrato.” (NOLL, 2006, p. 123).

Por meio de narrativas subjetivas que mais sugerem do que dizem, *A máquina de ser* explora as características do homem e da sociedade contemporânea representando, em sua ficção, uma realidade desajustada, ingrata e desumana, em que não encontramos qualquer resquício de possibilidades para a solução dos problemas enfrentados pelos seres. Essa literatura, que aspira a crise existencial no capitalismo, caracteriza o conto contemporâneo, um estilo modificado de se discutir situações diversas da vida desses seres em busca da libertação de si mesmos, do seu “eu” em ruínas:

[...] Coçou a cabeça diante da iniquidade de não merecer nem o exame de sua consciência, para atender suas necessidades mínimas naquele súbito cenário. Quem haveria, por exemplo, de avaliar a oportunidade ou não de ele tomar um banho? Há poucos metros estava o chuveiro. Para quê, se não tinha compromisso com ninguém? Ou tinha? Melhor seria averiguar a existência de uma porta que desse para a liberdade daquele lugar. (NOLL, 2006, p. 126-127).

Diante da leitura de *A máquina de ser*, pode-se notar que estamos diante de um escritor contemporâneo preocupado e engajado em denunciar o homem envolvido nesse novo meio social turbulento e desorganizado, um homem que está a procura de uma liberdade imaginária, um homem que quer fugir de si mesmo.

Adorno (1991, p. 51-52), ao refletir sobre o engajamento em algumas obras literárias, afirma que “A obra de arte engajada desencanta o que só pretende estar aí como fetiche, como jogo ocioso daqueles que silenciariam de bom grado a avalanche ameaçadora, como um apolítico sabiamente politizado”, porém “um *engagement*, mesmo quando político, permanece politicamente multi-significativo, enquanto não se reduza a propaganda”.

Cada item transcorrendo em espaços diversos constitui a motivação dos contos de João Gilberto Noll, que não constrói uma arte pela arte. Porém, é preciso considerar que:

Teoricamente ter-se-ia que distinguir engajamento de tendencionismo. A arte engajada no seu sentido conciso não intenta instituir medidas, atos legislativos, cerimônias práticas, como antigas obras tendenciosas contra a sífilis, o duelo, o parágrafo do aborto, ou as casas de educação correcional, mas esforça-se por uma atitude. [...] A inovação artística do engajamento, porém frente ao veredicto tendencioso, torna o conteúdo em favor do qual o artista se engaja plurissignificativo, ambíguo. (ADORNO, 1991, p. 54).

Assim, João Gilberto Noll, uma das referências do conto contemporâneo, destaca a situação da sociedade de consumo, ressalta o ambiente social devorado pela explosão do capitalismo, pela massificação e pela opressão. O autor retrata uma sociedade banalizada pelo capitalismo avassalador projetando a barbárie da classe média brasileira, sem pretensão de

agradar a uma classe ou a outra, mas buscando uma reflexão sobre esses fatos, instigando o leitor a buscá-la.

Isso não significa que o escritor escreva para agradar determinada classe ou apoiá-la. Pelo contrário, é alguém que possui uma tendência literária determinando a qualidade de sua obra. Benjamim (1985, p.121) discorre sobre o papel do autor como produtor em relação à sua liberdade de escrever e afirma:

[...] Isso significa que a tendência politicamente correta inclui uma tendência literária. Acrescento imediatamente que é essa tendência literária, e nenhuma outra, contida implícita ou explicitamente em toda tendência política correta, que determina a qualidade da obra. Portanto, a tendência política correta de uma obra inclui sua qualidade literária, porque inclui sua tendência literária.

A idéia de uma literatura engajada refere-se a uma escrita que atua no campo político. No caso de Noll, a ficção que produz não visa ao panfletarismo ou à propaganda. No entanto, devemos ter cautela ao pensar hoje na idéia de uma literatura engajada que muitas vezes se coloca como um obstáculo para aqueles que se esforçam para não perder de vista o mundo real que os cerca na literatura.

Precisamos ter consciência também da relação que o trabalho artístico estabelece com a realidade. Achar que basta relacionar a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de realizar-se uma simplificação. É preciso considerar o trabalho estético na representação desta.

A obra de João Gilberto Noll pode ser discutida no sentido de se questionar suas relações com a sociedade, conforme a proposta teórico-metodológica definida por Antonio Candido, em *Literatura e sociedade*. O crítico, em uma perspectiva interdisciplinar que une literatura e história, argumenta que o estudo literário pode pautar-se em uma abordagem interpretativa, em que o elemento social é analisado como fator da própria construção artística, discutido de modo explicativo e não ilustrativo, tornando-se um elemento interno que desempenha funções na estrutura da obra literária.

O uso de frases curtas, o convite à reflexão, a construção de personagens anônimos e o trabalho com a linguagem são artifícios linguísticos e composicionais que trazem o contexto social para a estrutura interna dos contos de Noll, confirmando a relação que a obra tem com o universo ao seu redor.

O conto contemporâneo, que discute a desarmonia entre o indivíduo e a sociedade e apresenta a ruptura entre estes dois elementos, privilegia a representação de um mundo

dilacerado e fragmentado pela complexidade social do século XXI, o que, conseqüentemente, exigirá a adoção de novas técnicas e de novas habilidades expressivas.

Antonio Candido (2006) tem como proposição o anseio de compreender a obra literária como decorrência da sublimação de dados sociais, apontando que esta deve ser aprendida pelo crítico como elemento estético, não como documento ou “reflexo” da realidade, mas sem ignorar vinculações com esta.

Candido procura focar vários níveis da correlação entre literatura e sociedade, ou seja, estudos sobre aspectos sociais envolvidos no processo literário, a averiguação de como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária. O crítico focaliza os aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos. Assim, destaca três elementos fundamentais da comunicação artística – autor, obra, público – mostrando como a sociedade define a posição e o papel do artista, ou seja, como ela interfere na produção artística de determinado criador.

Diante dessas considerações, percebe-se na obra de João Gilberto Noll o movimento que engloba a arte e a sociedade (e seu novo modelo de homem) num sistema de influências mútuas. Assim, evidencia a influência exercida pelos valores sociais contemporâneos, pelas ideologias, nas relações desconstruídas do ser, fatores que na obra se transmudam em conteúdo e forma:

[...] Mal sabia que ele começava a enlouquecer. Mal sabia que seu sentimento já estava se interceptando para o mundo: que ele agora só vivia daquilo que seu coração retinha, qual trouxesse uma carga clandestina no peito. Se ele não reparava em minha passagem? Não tenho idéia, sei que nos cruzávamos e que perto dali alguém tocava diariamente um violão de sete cordas, minha paixão lá pela baixa adolescência.

Não, aquelas palavras não eram dirigidas a mim. Ou seriam? (NOLL, 2006, p. 131).

O escritor absorve o ser inserido em seu meio histórico-social e utiliza a obra como transmissora de aspirações das condições sociais mais profundas, do momento que vivencia. Dessa forma, ao analisarmos uma obra de arte, encontramos sempre a presença do meio social. E a arte então passa a ser considerada um efeito da comunicação que envolve meio social/ indivíduo/ sociedade. Por meio desse processo de inter-relações, João Gilberto Noll aponta a mudez e o silêncio dos seres humanos contemporâneos inseridos em um meio social vago e improvável:

[...] Fiz o quê? Nada, apenas fiquei atuando no papel de estar imerso em minhas próprias veredas – sim, esses veios de consumo interno, e só. Éramos dois homens calados que viajavam rumo a um endereço improvável, num vago ponto pelos arredores da cidade. (NOLL, 2006, p. 132).

É sabido que a literatura, como elemento de uma civilização, depende, para se instituir e se caracterizar, do entrelaçamento de diversos fatores sociais. No entanto, isso não significa que devemos nos fundamentar em dados sociais para interpretar a obra, perceber o social como causa e significado, mas percebê-lo como elemento que exerce certo papel na composição da estrutura (temas, conteúdos e formas), quando esse traço social é visto funcionando para formar a estrutura do livro.

Os dados sociais, políticos e econômicos não são ilustrados pelo autor em questão, como exemplos, mas sugerido na própria composição do todo, na maneira como organiza a matéria, a fim de lhe dar certa expressividade contemporânea. No conto “Príncipe da natividade”, por exemplo, deparamos com um indivíduo em turbulência nesse mundo caótico e desordenado, onde a liberdade e a sociabilidade não existem e a sobrevivência se dá por um milagre, em meio a turbulências:

Avançou alguns passos, tateou, tateou em vão... Precisava tomar algumas providências para aquele dia, mas já não se lembrava de quais. E que providências poderia tomar entre aquelas borbulhas que não eram exatamente de “amor” como dizia a canção? Pareciam, sim, borbulhas mais prosaicas, vindas de um princípio puramente físico, como quando a tela da televisão entra em colapso tornando-se pura turbulência, mais nada. (NOLL, 2006, p. 124)

[...] Sobreviver, naquela sala, pedia um acordo tácito entre esse personagem e as coisas dispostas ali –, e associadas a seu corpo gratuitamente como num milagre. [...] Melhor seria averiguar a existência de uma porta que desse para a liberdade daquele lugar. (NOLL, 2006, p. 126-127).

A literatura de João Gilberto Noll absorve e expressa as condições do contexto em que é produzida, as variações ou mudanças que nele ocorrem. Dessa forma, a sua literatura estabelece um grande elo entre as relações da humanidade e os acontecimentos da história contemporânea. Esses seres inclusos num meio social, político e econômico excludentes.

O personagem desse conto se perde, olha, mas já não há o que olhar “Apenas certa massa borbulhante a que costumava assistir quando fechava os olhos no claro, e mais ainda quando apertava o dedo contra pálpebra distendida.” (NOLL, 2006, p. 123). Na vida desse ser o mundo fervilha acinzentado em seu lado avesso e secreto, e assim ele prefere deixar para mais tarde a conclusão de qualquer coisa, adiar, da mesma forma como adia sua vida sem acontecimentos.

Um ser que carrega consigo o peso do mundo, “algo sólido para além daquelas ínfimas bolhas que não cessavam de pipocar frente a seus olhos –, organismos incipientes, micróbios quem sabe.” (NOLL, 2006, p. 125). Um ser que não tem o controle dos comandos de sua máquina interior, que não tem a liberdade de entregar-se aos sonhos: “Como se esvair em sono e sonhos, se o comando daqui pede atenção perene, mesmo quando o sujeito se entrega à sua cota diária de evasão?” (NOLL, 2006, p. 127). Um ser que representa a conturbação de um meio social e econômico não igualitário e sofre as consequências desse processo.

Quando fazemos uma apreciação crítica desse tipo, podemos falar que absorvemos o elemento social não como referência que possibilita identificar, na matéria do livro, a expressão de uma época ou de uma sociedade determinada, mas como elemento da própria construção artística. Considerar os fatores sociais no seu papel de formadores da estrutura é decisivo para a análise literária.

Essas afirmações ficam claras quando deparamos com os textos de João Gilberto Noll. A aparente representação do real é pautada por uma subjetividade própria contida em sua forma, estrutura e conteúdo. Não considerar esse contexto, que a obra absorve e transforma em linguagem literária, numa função que representa a própria estrutura do contexto, seria reduzir o potencial crítico da obra:

Uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar elementos não-literários: impressões, paixões, idéias, fatos, acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador. A sua importância quase nunca é devida à circunstância de exprimir um aspecto da realidade, social ou individual, mas à maneira por que o faz. [...] Esta autonomia depende, antes de tudo, da eloquência do sentimento, penetração analítica, força de observação, disposição de palavras, seleção e invenção das imagens; do jogo de elementos expressivos, cuja síntese constitui a sua fisionomia, deixando longe os pontos de partida não-literários. (CANDIDO, 1959, p. 196).

Partindo da discussão desses pressupostos, averiguamos na obra de João Gilberto Noll traços sociais, políticos e econômicos como fator de sua construção artística. Trata-se de um autor que, absorvendo seu meio social, soube conduzir sua escrita representando um ser engolido pelo tempo e pelo espaço, em crise constante com seu próprio ser (espelho).

É importante destacar que a pesquisa assume frequentemente um caráter fragmentário, ao ignorar não só o aspecto funcional do objeto estudado, mas a complexidade dos elementos que o integram. O que interessa de fato é a combinação da análise estrutural com a da função social:

[...] A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. (CANDIDO, 2006, p. 63).

Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, mas que isso não nos leve a considerá-la uma atividade utilitária, que se explicaria totalmente pelo conhecimento da sua função social.

É necessário destacar que essa pesquisa não limita sua tarefa a verificação meramente descritiva de aspectos de atividades econômicas. O importante aqui é ver que a referência a aspectos da vida econômica e social aparece como elemento da prosa poética desse autor. Nesse momento, não estamos mais analisando o fator social como assunto, estamos interpretando-o como elemento, como componente da estrutura da obra.

Esse componente estrutural, elemento estético indispensável para o entendimento da obra, é discutido por Lukács (2000, p. 177):

Ao traço de união entre criador e público – e, portanto, ao caráter social da composição literária – a forma acrescenta o ingrediente estético. Ou melhor, é pela porta de acesso da estética, da obra de arte, que a forma ingressa no campo de forças da sociedade – e isso pela própria habilidade em conjugar os elementos necessariamente caóticos que a vida lhe oferece e tecê-los de modo significativo num todo fechado, devolvendo à vida a coesão de sentido que esta, por si só, é incapaz de formular.

As manifestações artísticas são, portanto, inerentes à vida social, não havendo sociedade que não as manifeste como elemento intrínseco, pois consistem em formas de atuação sobre o mundo e sobre os seres. Dessa forma, todo texto inscreve-se em um determinado universo e a ele se refere. Além disso, o autor e o leitor enriquecem-no com seus conhecimentos. O texto produz, portanto, efeitos de remissão ao mundo, a sociedade e a outros textos, que são decifrados pelo leitor que participa da sua compreensão e interpretação. Assim, um texto mistura muitos discursos e temas, sociais e literários, políticos e econômicos, heterogêneos e conflitantes de acordo com o momento vivenciado.

Para Noll, a literatura é um atrito com o real, um trabalho que não visa apenas relatar fatos ocorridos, mas por meio dele buscar novas produções de sentido. A literatura desse autor é expressão, sugestão, drama, representação de aspectos radicais e do intenso

desespero que afeta o homem de hoje. Trata-se de uma literatura que evoca o drama humano, uma literatura que celebra a existência desses seres.

A falta de sociabilidade estaria expressa nos personagens solitários que não conseguem solidificar nenhuma relação concreta, característicos de tantos romances de João Gilberto Noll. A saudade, as incertezas, os medos, as paixões desencontradas estão presentes no estilo próprio desse autor que confunde o leitor com seus pensamentos e suas indagações:

[...] Eu estava ali, quase a ponto de pedir que me levassem, e para sempre. Eu estava ali, recebendo no lombo as indisfarçáveis labaredas no primeiro dia daquele ano, à espera de que os dois decidissem me transportar para uma ilha que seria bem melhor do que o meu destino doméstico a três quadras ao sul, talvez nem isso. Eu estava ali, sim, e a indecisão se espichava chegando agora certamente ao máximo da tensão, e olhei aí o pescador de ilusões me olhar nos olhos, e nos olhos dele vi enfim o que eu não queria ver. (NOLL, 2006, p. 142).

O modo pelo qual Noll representa a realidade, os dramas da existência, a inadequabilidade do ser em um mundo conturbado, traz consigo a abertura para as ambiguidades, em que vários sentidos dialogam entre si. Portanto, nos seus contos, há sempre o que parece estar ocorrendo. E disso, nunca chegamos a ter certeza. Isto tudo é montado a partir dos gestos, olhares, imagens, cenas, delírios e entrelinhas. Transforma-se numa questão para o leitor pensar, refletir e tentar construir seu próprio mosaico de entendimentos sobre a experiência humana.

2. AS ESTRUTURAS DA EXPERIÊNCIA HUMANA EM MOSAICOS

2.1. *A máquina de ser* e suas complexidades

Este capítulo tem como objetivo realizar uma análise estrutural de *A máquina de ser* (2006), de João Gilberto Noll. O embasamento teórico que norteará este estudo é a obra *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*, de Yves Reuter (2002) e as definições de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes presentes em *Dicionário de teoria da narrativa* (2002), com a finalidade de identificar as categorias do espaço, do tempo e do narrador, uma vez que refletem a identidade conflituosa do ser máquina do momento contemporâneo. Ao abordarmos os elementos estruturais e contextuais da obra, discutiremos as estratégias literárias empregadas por Noll ao tratar dos problemas sociais atuais, estratégias que edificam um grande mosaico de entendimentos sobre a experiência humana.

Na contemporaneidade, deparamos com uma arte modificada quanto à ausência de limites ou de fronteiras nítidas relativas à questão de gêneros, temas e estrutura. Esse dado pode ser observado no estudo da obra em questão, que se utiliza de uma estrutura nova, modificada, para representar um momento contemporâneo marcado por constantes inovações e consequentemente pelos altos e baixos da existência em um mundo modificado.

A máquina de ser, de João Gilberto Noll, obra recente, editada no ano de 2006, situa-se como singular na literatura contemporânea. Editada pela Nova Fronteira, está estruturada em 24 contos, em 155 páginas. Com uma escrita sugestiva, assim como toda sua obra, Noll propõe um trabalho de interpretação de cada leitor.

A transitoriedade em que o leitor depara-se nas narrativas agrega-se aos motivos que lhes servem de tema e conteúdo, um estilo marcado pela concisão e pelo conflito de identidade dos seus personagens. Não existe, nas palavras de João Gilberto Noll, uma idéia pronta, acabada. Sua obra é terreno de liberdade e imaginação, uma aventura pelas complexidades humanas de indivíduos que vagam pelas cidades sem ter o que fazer:

Agora, na aposentadoria, andava pelas calçadas por absoluta falta do que fazer. Isso não me incomodava. Ainda antes de me aposentar, essa esperança de uma liberdade sem trégua era a minha tônica quase que perpétua. E grata. Só que, a partir daquela tarde, eu nela mergulharia sem contar ao menos com as visitas ao doutor. Aos meus olhos, essas visitas pareciam minha última experiência à tona das tardes. Depois, me sobriariam apenas refúgios com poros cavernosos, tantas vezes malsãos. Pelo menos ali, nas visitas ao doutor, eu via um outro que não me desmentia –, para quem eu segredava uns salmos, pelo jeito dedicados a infiéis. Ou a impostores... (NOLL, 2006, p. 146).

Constituída por contos, a obra caracteriza-se por uma constante reflexão sobre as condições modernas a que está submetido o homem, especialmente o indivíduo urbano, aposentado, sem ocupação, condenado a visitas a um psiquiatra a quem segreda seus desejos mais reclusos.

O desejo e o impulso pelo movimento, pelo vagar sem rumo constante, pelo perder-se nas cidades, são características de João Gilberto Noll, autor que faz dos espaços urbanos uma expressão do homem perdido em seu próprio entorno social.

Dessa forma, os personagens do autor gaúcho mantêm com a cidade relações conflituosas, como se esta, com suas formas exorbitantes, com sua grande extensão, engolissem este pequeno ser (herói-problemático) contemporâneo, causando-lhe a sensação de não pertencer a nada, a nenhum lugar, de estar sozinho, perdido, anônimo, sem direção. O ser reduz-se, torna-se pequeno, quase que imperceptível diante da grandeza dos espaços urbanos. Carneiro (2005, p. 309) no pós-escrito de sua obra *No país do presente*, afirma:

As errâncias do indivíduo na cidade pós utópica ganham as páginas de algumas das boas obras de ficção publicadas nos últimos cinco anos. Em vez do herói romântico e do anti-herói moderno, temos agora uma espécie de não-herói, cujo nome não consta de nenhuma galeria, seja a dos modelos de virtude, seja a dos transgressores. É a vez dos anônimos, dos que vagam pela cidade e com ela se confundem. Inadaptados, estrangeiros no próprio país, não deixam rastros por onde passam, não têm memória (ou dela abriram mão), nem projetos futuros. Estes não-heróis do século XXI podem ser encontrados nos romances de [...] João Gilberto Noll.

Indivíduos sem rumo, sem memória, paisagens urbanas desrealizadas e rarefeitas que apontam para a crise do sujeito, marcam as narrativas contemporâneas que extinguem qualquer perspectiva de se estabelecer uma identidade una, homogênea e inquestionável para a literatura, a partir das cidades, do indivíduo, do não-herói nas megalópoles contemporâneas. Conjecturas que podemos observar na obra de João Gilberto Noll, que trata, entre outras coisas, da realidade da vida diária do ser em uma metrópole agitada e tumultuada: “como quando lê as notícias esportivas de algum jornal abandonado num banco dos quatro ônibus que diariamente toma.” (NOLL, 2006, p. 61).

Para Manuel da Costa Pinto (2004, p. 82), “a ficção brasileira contemporânea está concentrada em solo urbano”. Em João Gilberto Noll, percebemos o isolamento e a vulnerabilidade do sujeito moderno, o desenraizamento ocasionado pela cidade. Partindo dessa experiência, que determina um enredo fragmentado e estrutura-se a partir de novas perspectivas, compreendem-se novas configurações que incidirão sobre o narrador contemporâneo.

Essa máquina de ser... sentir... refletir... instigar... perturbar... nos faz pensar na necessidade de convívio entre os seres, o encontro com o outro: “Você está me ouvindo? Não? Ele parecia me escutar e suava, exibia todo seu esforço em captar minha voz. Pois ele não falava, ainda estava aprendendo a conviver.” (NOLL, 2006, p. 37). “Havia um convívio ali enfim...” (NOLL, 2006, p. 42). Algo que foi esfacelado pelo mundo contemporâneo.

O conto contemporâneo de João Gilberto Noll vem marcar como grande característica a solidão e o isolamento do indivíduo numa sociedade competitiva. O tema da solidão surge diante de uma sociedade em constante crescimento burocrático e capitalista, que deseja não as relações humanas, o convívio, mas a máquina.

O narrador do conto “Castidade”, diante de sua solidão na velhice - “eu, sim, um homem quem sabe a meio caminho da decrepitude ou, pior, iniciando de vez a contagem regressiva para se arrancar da mente” (NOLL, 2006, p. 33) - tem como companhia um cão que “já não latia de velho, enfiado eternamente em sua casinha.” (NOLL, 2006, p. 32), e “Quando chegava perto, vinha lá de dentro uma respiração cavernosa, doentia, final.” (NOLL, 2006, p. 32). Homem e cão com as mesmas características (velhos, solitários) desejam fugir, mas para onde e de quê ou de quem? E “a gana de fugir pra não sei onde, a minha idade contudo me ancorando àquele fundo de quintal.” (NOLL, 2006, p. 33).

O mundo contemporâneo isola o ser humano, desfavorece qualquer laço de relacionamento e o condena a mesmice, a solidão:

[...] Inclina-me para pegar o jornal de todo santo dia, [...]” (NOLL, 2006, p. 31).

[...] Ali, escondido de qualquer visita. (Caso elas de fato existissem...). (NOLL, 2006, p. 33)

[...] E eu estava saindo para almoçar, sozinho, como eu gostava sempre de fazer em qualquer lugar. Caminhava a esmo, procurando desatento por algum restaurante. [...] Sentei a uma das poucas mesas isoladas num canto qualquer. (NOLL, 2006, p. 119).

“Pegar o jornal de todo santo dia”, esconder-se de qualquer visita, sair para almoçar sozinho e sentar em mesas separadas são ações que representam o ser que quer isolar-se do mundo, de si mesmo e da mesmice inalterável que ronda sua vida sem qualquer possibilidade de mudança.

João Gilberto Noll concentra suas histórias no pensamento insondável desses seres, no espaço em que o ser humano está condenado a ser sempre só. Em meio aos gestos automáticos e banais do dia-a-dia, seus personagens tentam se encontrar na imensidão de suas

mentes, em que não há ninguém para ajudá-los a distinguir as fronteiras entre o que é vivido de fato e o que é imaginado, sonhado ou fantasiado.

E como consequência dessa solidão, os seres passam a agir sem motivos, sem razão e sem capacidade para decifrar a realidade: “Deu-me calor. Abri a porta para o quintal dos fundos. Pus-me a atravessá-lo meio sem razão, como de costume. [...] “mirei os óculos escuros de um fosco piloto –, que começava a emitir com os dedos uns sinais para mim indecifráveis.” (NOLL, 2006, p. 32, 33).

João Gilberto Noll traz em seus contos questionamentos existenciais por meio de seus temas e do seu trabalho com a linguagem. No conto “Na correnteza”, o ócio e a mesmice são representados por um ser que antes tinha uma ocupação (visitar o seu psiquiatra), e que, após receber alta, questiona o que fazer de uma vida sem nada para povoá-la, em constante desocupação:

[...] Levantei, fui ao banheiro. Tranquei-me num dos cubículos com vaso sanitário. Sentei com calça e tudo. Com as mãos no queixo, dei-me ao trabalho de olhar. Inscritos na porta, muitos palavrões e alguns convites para deleites da carne os mais variados. Mensagens que continham, ao fim, o nome e o número de telefone desses libertinos.

Só uma delas oferecia uma mulher. O anúncio, com jeito de ter sido inscrito com a ponta de uma chave, dizia que ninguém resistiria aos encantos de sua irmã adolescente.

Puxei do bolso um talão de cheque. A caneta. Anotaria alguns desses telefones para ver se funcionavam.

[...]

Levantei-me. Pensei qual seria meu próximo passo. Ficar ali dentro, hoje não. Em outros dias, quando me dava na veneta, sim, me mantinha por horas dentro de um cubículo assim, a pensar na vida com cada dia menos coisas para povoá-la.

[...]

Coei os cabelos para poder parar todo concentrado, como que ativando o couro cabeludo, sem dar pinta assim de um desocupado. (NOLL, 2006, p. 147-148).

Esse conto retrata um *ser máquina* ansioso, irritado com a mesmice que ronda sua vida e ao mesmo tempo com a constante pressa de chegar a lugar nenhum:

Sentei diante do dr. Cravel. Como sempre, custei a fitá-lo. Como sempre, pensei no que dizer olhando para o chão. Especialmente para um taco meio gasto, sofrendo, sob os meus olhos, uma autêntica erosão. (NOLL, 2006, p. 143).

Apertei o botão do elevador. Mais uma vez, não tive paciência de esperá-lo. E desci pelas escadas imundas. Meditava sobre minha adesão às sessões com Cravel, a não sei quantos anos atrás, justamente para vencer a ansiedade. (NOLL, 2006, p. 146).

[...] Sentei na poltrona de sempre. (NOLL, 2006, p. 149).

Esse ocioso busca um espaço, um ambiente, um cenário em que possa se ancorar. Algo que acabe com essa ânsia, com essa loucura, em busca de algo inatingível, inominável, que nem mesmo ele sabe o que é. Uma insatisfação constante.

João Gilberto Noll representa em sua obra o sentimento que invade o ser no momento histórico, econômico e social atual, um momento marcado pela transgressão, por devastas transformações, pois como afirma Eagleton, (2005, p. 166): “Nenhum estilo de vida na história tem sido mais amante da transgressão e da transformação, mais enamorado do híbrido e do pluralístico do que o capitalismo.”

A obra de João Gilberto Noll mostra as complexidades de um sistema que devora esses seres tomados pela desocupação, pela crise de relacionamentos com o próximo, situações para as quais só possuem uma saída: ativar a *máquina de ser*, buscar forças e continuar vivendo:

[...] Só existia um sucedâneo de seita para mim, a Embaixada, e lá poria a minha cabeça [minha máquina] a trabalhar por uma causa útil, que naqueles tempos tinha a forma de sondagens em prol de um firme intercâmbio tecnológico entre os nossos dois povos. Enquanto pensava nisso eu via máquinas agrícolas novinhas lavrando os campos da minha terra natal, ao sul do meu país. (NOLL, 2006, p. 122).

Essas aceleradas transgressões perturbam e inquietam o ser e fazem que ele ative sua máquina para encenar sua própria escravidão em busca de alforria da sua situação existencial, como observamos nessa passagem do conto “Iniciação”:

Fui pelo cascalho de cabeça baixa, como se fiscalizando, para algum instrutor, as minhas botas quase sempre cheias de barro. Caminhar de cabeça baixa era um dos meus tiques prediletos. Às vezes precisava encenar minha própria escravidão, tentando como que merecer um instantâneo de alforria diante de alguma audiência difusa sim mas medianamente generosa. Essa audiência jamais se confirmava, quando eu levantava a cabeça para recolher dela uma expressão de manso envolvimento, só isso... (NOLL, 2006, p. 133).

Seres que, diante de sua barbárie pessoal, buscam forças para se manter em pé:

[...] Quem sabe estivesse no ato de reconhecer em mim um homem que ele nunca soubera adivinhar. De fato, eu era um cara sem manha. Já não conseguia mitigar as ameaças da minha presença. E por isso, só por isso eu me mantinha de pé, como se independente das viciadas circunstâncias. O taxista me

compreenderia? E para que precisava compreender a minha barbárie pessoal? (NOLL, 2006, p. 134).

A máquina de ser mostra os embaraços e as turbulências do homem no cenário contemporâneo, cenário este marcado por vidas e ações em reticências:

Os tufos de algodão: azuis ou rosa... Olhava para a palidez de uma ou outra cor para me lembrar... Do quê? Até aí eu não ia... Lembrava apenas. Como se dependesse unicamente de mim incorporar de leve, com jeitinho, essa memória turva a ponto de se esfarelar... Tocava-a cheio de astúcia, recuava, treinava a volta, mas não me arriscava a nomeá-la, com o intuito de prolongá-la por um tempo mais... até onde desse, e sem mágoas... Pensava assim em meio ao delicado cerco que se formava em volta, feito de sucintos, atônitos populares... (NOLL, 2006, p. 148).

Por meio dessas passagens, observamos que João Gilberto Noll dramatiza os destinos de uma sociedade contemporânea em um mundo altamente computadorizado, um mundo diante de uma tempestade de progresso.

A máquina de ser é uma encenação da sensibilidade contemporânea, a representação da perda de referências, a demonstração da crua flagelação desses seres em decomposição: “Hoje não: hoje eu me retiraria daquele antro de ricos na primeira manhã do ano, sozinho, todos agora flagelados por excesso de drogas, álcool e infortúnios, eu me retiraria dali e pegaria o caminho de casa a pé” (NOLL, 2006, p.140).

Essa obra mostra seres a quem, diante da mudez e da cegueira, só restaram sons: “Ele transportava em seu cérebro sons insubstituíveis de tantas outras línguas –, relembra-los com denodo na mudez de sua cegueira, sobretudo quando simplesmente se cansava do escuro e de qualquer interlocução que lhe quisessem impingir.” (NOLL, 2006, p. 97), sombras e vultos:

Repentino, um certo repertório humano vinha aflorando com mais volume em seu cérebro. “Eu não estaria com cataratas, não?” E pôs-se a lamentar sua visão que pouco a pouco se exauria. Ali, caído em meio à densa neblina, parecia um soldado ferido no campo de batalha... (NOLL, 2006, p. 128).

Seres que fazem parte de um mundo contaminado por tantas tecnologias e informações. Um mundo onde não lhe sobra espaço para enxergar a sua volta e para ser “exergado” (visto, notado).

A máquina de ser é um grito do indivíduo. Retrata seres que, diante de seus ferimentos, não encontra ninguém por perto para lhe socorrer e questiona: “Ainda existe a luz?, se perguntou como uma criança que se quer aceita por sua franca ignorância. E ele,

queria ser aceito por quem?” [...] “Quem o socorreria?” (NOLL, 2006, p. 128). Seres que buscam forças na pulsação de sua máquina interior:

[...] Os dedos crispados agora como que cavavam no solo. Sentiu na mão ferida uma espécie de pulsação da terra. Pulsava, pulsava aquela zona ali, bem perto do plátano. Pulsava, pulsava, até que no raio máximo de uma dilatação que ele imaginou extrema, impossível de se repetir ou superar, ele sentiu a água de uma fonte arrebentar...

Aquela água fina, quase um nada, já o banhava inteiro. Sua mão ferida estava lavada agora, sem sangue. Ele sentou como se ganhando força. Levantou-se. (NOLL, 2006, p. 128-129).

Nessa obra, há momentos em que os personagens são absorvidos por instantes de sonhos e delírios que funcionam como uma espécie de fuga do contínuo movimentar-se da vida:

[...] Pensei que agora eu poderia adormecer e sonhar... Fechei os olhos, as mãos entre as pernas. Um grilo das cercanias me dava a esmagadora sensação de merecimento. Não tinha nada de vida pessoal comigo além daquela hora. Se o meu corpo sofrera naquele seu primeiro dia alguma incompreensão, ele não tivera tempo ainda de aprender a acumular os bagaços de qualquer rancor. No meu sonho agora a minha mulher me cobria com um lençol para que eu não me resfriasse.

[...] Um repentino estremecimento irradiou-se de seu corpo, me sacudindo todo até o ponto de esfarinhar meu sonho. Acordei. (NOLL, 2006, p. 68).

Por meio de cenas que se mesclam subitamente umas às outras, seja por estímulos e fragmentos ao leitor (diversos focos narrativos numa mesma cena), ou por meio da fragmentação da sintaxe lógica do texto (ausência de vírgulas, períodos longos, alteração dos tempos verbais numa mesma sequência narrativa), *A máquina de ser* evidencia seres que não encontram palavras para se expressar diante de tanta convulsão: “Como nomear a função, contar sobre o caldo frio da coisa no meu braço? Na língua portuguesa, onde encontraria a palavra justa para dar conta de uma experiência assim sem qualquer passado que a justificasse e, o pior, sem a garantia de desdobramentos?” (NOLL, 2006, p. 67).

Toda essa crise desordenada que prevalece no mundo “real”, toda confusão entre objetos e linguagens do mundo, que faz com que os seres sejam algo além de si mesmo (crise de identidades), está caracterizada na literatura contemporânea de João Gilberto Noll como representação, de um modo peculiar e determinante.

João Gilberto Noll expõe como a busca pelo progresso fez com que o homem se tornasse escravizado pela maquinaria que impera no mundo, que ocupa o seu espaço e lhe tira a capacidade de relacionar-se com o outro. Destaca, ainda, a inadequação social do homem.

Em sua obra há um mergulho nas sensações cotidianas do anônimo homem contemporâneo, diante da velocidade e da atração da máquina. O autor evidencia um mundo em que os seres, deslumbrados pela velocidade dos avanços tecnológicos, pela instantaneidade da informação e pela dissolução da idéia de identidade, vêem-se sem um passado, e impossibilitados de acreditar em um futuro. Viver somente o momento, o agora e ainda sem saber o que fazer dele: “Quem teria sido eu antes daqui?” (NOLL, 2006, p. 66), “O que farei do dia de hoje, meu amor?” (NOLL, 2006, p.89).

A entrada das grandes tecnologias no cenário social provocou uma reconfiguração no modo do fazer literário e, também, no modo de recepção da arte. Um mundo reprimido e dominado pela técnica demanda novas respostas a seus anseios, angústias e questionamentos.

Conseguimos ler, em *A máquina de ser*, a expressão das complexas relações do homem com o seu meio social, as contradições de identidade, o atrito entre os seres e o mundo. Por meio de cenas e flashes, essa atmosfera indefinida ergue um mundo que nos soa familiar em que nos deparamos com as complexidades do nosso próprio *ser máquina*.

2.2. A máquina de ser no repertório contemporâneo.

Em meio ao mosaico de contos representativos da contemporaneidade edificadas por João Gilberto Noll, em *A máquina de ser* muitos temas atuais são explorados com o intuito de refletir sobre a existência conturbada e subjetiva de um “ser máquina” que precisa adaptar-se a qualquer tipo de situação inesperada, em um momento alterado e marcado por notáveis crises existenciais.

O erotismo, por exemplo, é um tema contemporâneo muito presente nos contos de João Gilberto Noll. Aparece na obra como representação da vida contemporânea. Um tempo que encara a sexualidade de forma mais aberta, destacando o contexto social em que há mais liberdade sexual. Na obra do autor, o erotismo reflete sobre o encontro dos corpos, da carne, nessa transitoriedade em que predomina o sexo e o desejo febril da carne:

Deitei-me sobre o corpo. Uma luz penumbrosa ia se fazendo. O corpo me acolhia. Os dois fomos tomados de uma febre –, até chegarmos, já menos ruidosos, a um cais que eu não previra... A luz agora, madura. A luz vinha de uma pessoa que até ali eu não vira. Vinha dela, sim, e cada vez com mais intensidade. Eu e o corpo debaixo de mim nos olhamos então, suados, nus, deitados em cima de uma mesa. Nesse instante a luz já se fazia quase feérica. Eu abraçava aquele corpo numa proximidade espantosa, feito quisesse evitar o meu olhar sobre o seu e ao mesmo tempo escondê-lo dos demais. (NOLL, 2006, p. 14).

Na passagem do conto “No dorso das horas”, deparamo-nos com uma subversão das concepções tradicionais sobre corpos e sujeitos. Os corpos agora são conduzidos por movimentos intensos, febris. Trata-se de uma nova configuração de leitura acerca do narrador e da temática dos corpos, explorados por meio dos territórios da subjetividade na contemporaneidade: “O corpo, esse inconveniente lembrete da mortalidade, é depilado, perfurado, gravado, socado, bombeado, encolhido e remodelado. A carne se converte em signo [...]” (EAGLETON, 2005, p. 223).

No momento em que o corpo tornou-se objeto de grandes interferências e transformações a partir de tecnologias avançadas recentes, um tumulto de alterações e deformações interfere na perspectiva corporal dos narradores nas narrativas atuais, passando a ser a expressão de um novo momento:

[...] Não posso esquecer, porém, que no meio dos corpos estirados pelos tapetes num sono de chumbo, tal a abundância da noitada em espumantes, não posso esquecer que um minuto antes de vir cá nesse banheiro de mármore e espelhos, senti que o meu organismo estava todo embaralhado por dentro, e eu mesmo não conseguia mais distinguir o estômago dos rins, os pulmões do coração, os pés do intestino, sim porque os meus pés pareciam segregar a matéria já vencida do meu corpo. Lembro que tirei os sapatos e fui descalço até o banheiro, onde me vieram dois, três resíduos pastosos que expeli com o dedo na descarga. (NOLL, 2006, p. 138).

O corpo se transforma no lugar da descoberta do ser, de busca, de união com o “outro”, do encontro com o Outro e, muitas vezes, de deterioração, de representação da velhice, do corpo em estado crônico:

[...] Tentei urinar. Dois ou três minutos sem nada escorrer. Aquilo vinha acontecendo comigo. Imaginava que eram as tais coisas das antevésperas da velhice... Louco de vontade de mijar sem a urina dar o ar de sua graça, compreende? Pouco a pouco, em razão da idade, o arco eliminado pela uretra começa a perder poder de vôo e mergulha para o interior do vaso cada vez mais rente ao corpo já em estado crônico. (NOLL, 2006, p. 138).

No ambiente da máquina corporal, os espaços fluem e se diluem, assim como o tempo, tomando novas dimensões, novos rumos. Silviano Santiago (1989, p. 63), ao tratar sobre a representação do corpo na obra de João Gilberto Noll, afirma: “Tempos marciais exigem dos cidadãos disciplina e rigor: ritmo na tecnologia do corpo, eficiência na tecnologia da máquina.” Para Santiago, em Noll o corpo rola como máquina, automaticamente, pelos caminhos e vielas de si mesmo, do outro e da cidade.

João Gilberto Noll mostra o encontro desses corpos como representação de uma máquina em movimento, como reprodução de um ser maquinal despejando energia, como caracterizador de um tempo desconcertante em que esses seres vivem.

O conto “O convívio” retrata essa experiência mútua do encontro dos corpos, como ato de convívio, como necessidade de convivência entre os seres. Encontro assinalado pela necessidade do toque (tato), para enfim afirmarem uma ligação entre si:

[...] Estava sozinha num canto da praça, sentei num banco quase-quase seco. Então afastei um pouco a ponta do lençol de sobre ele. E tudo foi tão intenso que eu nem vi. Vi sim a boca vermelha e tépida a me procurar. Ele estaria febril e delirava? Pouco importava. Abri o botão da blusa e lhe dei de mamar. Havia um convívio ali enfim... Costumava-se calar o sereno gozo que uma criança poderia disseminar junto à carne materna. Eu era o alimento que aquele mínimo ser em meio às trevas do meu peito demandava. De agora em diante estava irrevogavelmente ligada a ele, quisesse ou não. (NOLL, 2006, p. 42).

O corpo resulta de uma construção sócio-histórico-cultural, proveniente das transformações globais a que o homem está sujeito constantemente. Esse corpo precisa adaptar-se à máquina, às suas novas funções e demandas. Dessa forma, ele transforma-se em um corpo-máquina, um objeto atuando para diversas finalidades e expressões necessárias em suas atividades vitais.

Isso significa, então, dizer que no corpo estão implícitos os valores e os preceitos de uma sociedade, que orienta a conduta dos seres, o seu modo de ser e estar no mundo, no contexto em que estão inseridos. No caso de João Gilberto Noll, o corpo sente os movimentos do agora, da contemporaneidade marcada pela velocidade, pelos exageros e por uma nova temporalidade.

No entrecruzamento de temas de *A máquina de ser*, o *sagrado* e o *profano* são constantemente ressaltados por um narrador-personagem que banaliza e ironiza o texto bíblico, a religião: “De repente todos se levantaram e se aproximaram do caixão e veio um padre a dizer aquelas coisas bichadas de misericórdia arrastada, enfadonha, já bem falsificada...” (NOLL, 2006, p. 30). E “nessa ascensão interminável, deu-se alguma coisa em mim – pra lá de inaudita: me senti absoluto, como um deus [...]” (Noll, 2006, p. 34).

A intertextualidade bíblica é ressaltada já no nome de alguns contos como: “Em nome do filho”, “Noturnas doutrinas”, “Rudes Romeiros”, “João”. No conto “Rudes Romeiros”, com um começo significativo, “O Mestre me amou”, o autor produz uma alegoria do momento em que Jesus é concebido na Bíblia, momento representado na obra por meio da banalização da linguagem bíblica, mediante a utilização de uma escritura que sugere erotismo:

[...] Pois me aproximei mais um pouco da mulher e ela me respondia trêmula, trêmula invocava seu amante sagrado e nisso ia puxando o mais certo em mim, e eu lhe respondia tirando a minha bermuda e pedindo que ela tirasse a sua saia, no que ela obedeceu com a língua a me lambe e a recitar a jaculatória de todas as estações do martírio, amém –, amém, ela repetiu enquanto nós dois exultávamos em gemidos. Ela se deitou então e, antes que eu por cima a acompanhasse, corri ao banheiro para pegar a camisinha com a qual já vim vestido para que ela escolhesse o melhor destino para o meu recato preventivo. No momento em que previ que a cavalaria ia despencar pelo desfiladeiro, bem aí, não um minuto antes nem depois, aí mesmo então senti que a camisinha tinha arrebentado e ouvi da língua dela a pronúncia de um perdão. O filho aguardado, ela disse, acaba de ser concebido. (NOLL, 2006, p. 103-104).

Essa mulher que chega por inspiração divina ao apartamento desse homem vem roubar-lhe o sêmen com o intuito de gerar o “filho do homem” por meio de uma potência superior, celestial.

[...] Pensei que essa mulher via em mim um eunuco de alma, alguém cuja ereção servia simplesmente de veículo para missões bem mais elevadas do que eu poderia alcançar. Eu tinha gozado em vão para a minha própria genética: o que eu gerava pelo meu esperma era alguma coisa acima de mim, superior, inalcançável. O meu sêmen não passava de um cavalo de umbanda para transportar em seu núcleo o espírito das Alturas. A carne desse menino a pouco gerado, pensei, não vem da minha matéria mas de outra potência, toda alada. E fui até o banheiro. Peguei um pedaço de papel higiênico e com ele fiz a higiene naquilo que a partir de agora era apenas um estorvo. Alguém celestial tinha se servido de mim para fecundar uma louca que encontrei no terraço –, ao chegar lá somente com o intuito de estender meus lençóis. (NOLL, 2006, p. 104).

Nessa passagem do conto, os personagens são tomados por alguma força dionisíaca, uma mescla de sexo, delírio e fantasia. Cenas que sugerem passagens bíblicas, mas que para o narrador-personagem não passam de ações genéticas costumeiras: “Eu tinha gozado em vão para a minha própria genética [...]” (NOLL, 2006, p. 104). A junção sarcástica de religião e outros tipos de representação religiosa, “umbanda”, assim como a negação da religião (resolvi contar que eu era ateu), são artifícios utilizados pelo autor para ironizar um momento marcado pela descrença, em que não se acredita em nada.

No conto “O berço”, o narrador-personagem encontra-se em um cemitério diante de um velório: “À medida que eu me aproximava dava para ver à direita algumas sepulturas meio abandonadas, cruzes corroídas, cobertas de ferrugem.” (NOLL, 2006, p. 27). Ao chegar mais perto, aproxima-se do defunto e beija o uniforme sobre seu coração calado que reage com uma intensa pulsada. Nesse momento então, reflete:

[...] Pensei em Cristo puxando a pulsação de Lázaro. E isso chamam de milagre? Eu também faço, pensei olhando o equívoco daquela reunião em volta

de um defunto ainda por atingir de fato o seu estágio mortuário. Com um simples beijo no peito eu quase o devolvera à vida. Faltava em mim perseverança para restaurar de forma irrefutável e permanente o sopro em meus cadáveres. (NOLL, 2006, p. 28).

O personagem, ao ironizar o papel de Cristo ao devolver a vida aos seres (ressuscitar): “E isso chamam de milagre?”, contenta-se em descobrir uma ocupação para si, tentando imaginar como tirar proveito dessa mais nova profissão e ser reconhecido pela sociedade:

[...] Como me dedicar aos mortos? Afinal, Cristo não fazia mais nada além dessas intervenções circenses. E postado no bem-bom da superfície dos dias. Ele não perdia tempo em velórios escuros, lacrimosos, nada arejados, enjoativos como esse daqui. Diante dos próximos defuntos, eu tentaria mais, iria até o fim, mesmo que precisasse cair de cama durante sete dias [...] Eu sairia de um desses velórios, por enquanto futuristas, como um herói, nos ombros da população. (NOLL, 2006, p. 28-29).

O narrador-personagem é um desempregado que fantasia para si a “profissão” de Cristo, o que ele denomina ironicamente como “intervenções circenses”: ressuscitar os mortos e trazer-lhe de volta à vida. Dessa forma, o não-herói se auto-afirmará e será reconhecido como herói pela população. Esse conto retrata aquele que minimiza o poder atribuído a um Deus, já que consegue facilmente desenvolver as mesmas atividades que ele, sem contar que, como meio de vida profissional.

No conto “João”, que finaliza o livro, o autor simula uma representação do momento da “santa ceia bíblica”, o momento do banquete. Com diversas referências ao texto da Bíblia, ao cenário da ceia bíblica “monte das Oliveiras”, “manto vermelho”, “João”, “os convivas já se banqueteavam”; o autor descreve a atuação de um participante (narrador-personagem) que reverencia alguém desconhecendo por que o faz e por que está naquele lugar: “Era chegada a hora? Do quê? E voltei a mirar obliquamente o meu vizinho da mesa, para ver se dele eu poderia tirar algum sentido que soubesse me incluir na pertinência da hora.” (NOLL, 2006, p. 152-153). Um ser que age maquinalmente encenando uma peça até então desconhecida a si próprio.

Chegada a hora do banquete, o homem a quem deveria reverenciar, embriaga-se com seu próprio sangue:

[...] O homem a meu lado à minha esquerda, ele mesmo, pois quem mais seria? –, sim, ele deixava-se sangrar pelo canto dos lábios em meio ao vinho retinto que a mim também parecia alado, embora ele bebesse bem mais que eu que

já não tinha o elã febril na boca. Não tinha? Eu silenciava olhando-o embriagar-se com seu próprio sangue, como comentavam em cochichos em volta da mesa. Todos nós agora brindávamos em reverência à realeza do homem sentado à minha esquerda. (NOLL, 2006, p. 153).

Por meio de passagens de cenas bíblicas, o narrador apresenta os dejetos do ser humano, a embriaguez, o arroto. Depois de ter tomado muito vinho:

[...] Dessa vez o homem a quem eu seguia arrotou azedo. Sim, ele estava bêbado, era bom que eu lembrasse. Era bom que eu lembrasse que eu deveria levá-lo para casa. Lá chegando eu deveria quem sabe segurar sua testa enquanto ele vomitasse sobre o vaso sanitário. E que depois eu o pusesse na cama e limpasse com uma toalha úmida os vestígios da bÍlis no seu queixo. (NOLL, 2006, p. 155).

Após o término do que ele nomeia “espetáculo”, após a santa ceia, este que participou como um dos discípulos, “sentado à sua direita”, sai em busca de uma banca de jornal para procurar a crítica do espetáculo do seu “desempenho na pele de João”. (NOLL, 2006, p. 155). Enquanto esperava a banca abrir, “entrava num banheiro público para urinar, relendo pela enésima vez as palavras porcas na parede, lambuzadas de certa matéria escura, morna ao apelo dos meus dedos dedilhando essa canção secreta... essa aqui dentro que não quer sair... essa afinal, assim...” (NOLL, 2006, p. 155).

No conto “Na correnteza” observamos também a ironia com que é representada a religião. Um narrador-personagem anônimo, aposentado, em um de seus momentos de ócio, sem ter o que fazer (como parece acontecer com muitos personagens da obra), entra em um banheiro do cinema. Na porta, palavrões e convites para deleites da carne estão inscritos e são ofertados por pessoas com nomes ou apelidos muitas vezes “bizarros”, Judeu, Arcano, Bispo, Xangô, Eufates: “Alguns com certo eco religioso ou vagamente místico. Ou tão-só solenemente arcaicos.” (NOLL, 2006, p. 148). Observamos como a religião é tratada de forma sarcástica na obra, recurso este utilizado pela literatura contemporânea para discutir o atual momento marcado pela descrença e pela crise de valores. Um momento que deseja o corpo, a carne.

No mosaico de temas edificados por João Gilberto Noll, os personagens desenvolvem-se por meio de traços psicológicos aos quais se acrescenta a possibilidade de transformar-se entre o começo e o final da narrativa (adaptação), transformar-se em alguma máquina de ser. Com um contorno próprio de construção de personagens, que incorporam traços reais e subjetivos, e a elaboração de uma linguagem viva, os contos chamam a atenção pela profundidade pela qual os temas são abordados.

Para Yves Reuter (2004, p. 54):

As personagens têm um papel essencial na organização das histórias. Elas determinam as ações, vivenciam-nas, religam-nas e dão sentido a elas. De uma certa maneira, *toda história é história das personagens*. É por isso que a sua análise é fundamental.

No caso de João Gilberto Noll, seus personagens possuem uma grande intensidade existencial. São seres com um nível alto de angústia, solidão, dificuldade de comunicação, desencanto com a vida, sempre em locomoção, um ir e vir muitas vezes sem sentido algum. Em hotéis, em estradas, em lojas, nas ruas, em shoppings, sem ter o que fazer, procurando algo que nem eles mesmos sabem o que é, uma busca que se dissolve na linguagem:

[...] É que o tempo todo eu precisava improvisar mil outras coisas a fazer. Saía dali pra lá na esperança de as idéias me acudirem. Sim, não tinha a vida ganha. (NOLL, 2006, p. 28).

[...] Zanzava pelo *shopping* sem exigências práticas, naquilo que era o jeito quase diário de me satisfazer. Conhecia pouca gente na cidade. De modo que, praticamente, não havia o perigo de alguém me reconhecer ao léu dessas veredas. (NOLL, 2006, p. 83).

As caminhadas sem rumo dos personagens de João Gilberto Noll caracterizam-se por sua não-afirmação, pela impossibilidade de contar uma história, de estabelecer uma comunicação com o público. Para Idelber Avelar (2003, p. 221):

Os personagens quarentões, anônimos e sem emprego fixo de Noll se deixam entender, portanto, como deslocadores da tradição moderna do viajante/flâneur: inadaptados, negadores de seu entorno que, entretanto, não se convertem em portadores de um princípio alternativo. Uma vez que a marginalidade perde o potencial redentor que uma vez teve, estes personagens já não podem encarnar nenhuma afirmação.

Esses personagens dissolvem-se, anulam-se, tornam-se inadaptados e não conseguem afirmar-se como ser em meio as suas experiências.

Em meio às ações desses personagens, há sempre um adiamento das ações, algo que não é contado, que fica oculto e não se resolve. São seres imobilizados diante de movimentos e transformações constantes – os indivíduos se tornam imóveis diante de uma constante mobilidade do mundo, perplexos, parados, sem ação. A imobilidade e o fluxo contínuo, algo sintomático dos novos tempos, – o que não significa mudança, transformação – tornam-se marcas dos personagens de João Gilberto Noll.

Esses personagens sem nome, em constante deslocamento, que vagam pelo mundo ficcional de Noll, são seres cuja existência se encontra em processo de decomposição, a caminho da inexistência – busca por nada/desejo de morte.

Manuel da Costa Pinto (2004, p. 118-119), afirma:

Na obra de João Gilberto Noll há duas personagens fundamentais: uma é o protagonista anônimo que aparece em seus contos e romances; a outra é a própria linguagem. Uma não pode ser dissociada da outra, pois nesse autor radicalmente antinaturalista nenhuma personagem tem dimensão psicológica, não há uma interioridade que se contraponha ao mundo real: tudo é efeito de uma linguagem que reproduz mimeticamente o movimento de deslocamento, de fuga, que está no centro dos diferentes enredos. (PINTO, 2004, p. 118-119).

Por meio do trabalho com a linguagem, os contos de *A máquina de ser* representam a solidão e a indiferença dos homens na metrópole, os seus desencontros e a dificuldade de comunicação, a fuga e o deslocamento desses seres. Esses personagens são indivíduos fragmentados, que ocupam posições transitórias, seres imóveis em meio a um fluxo constante.

Seus personagens debatem-se com um cotidiano estabelecido, vivem em desarmonia com o seu dia-a-dia, estão sempre se locomovendo, fugindo, buscando... Um caminhar contínuo, sempre em direção nenhuma:

No claro-escuro dos corredores eu caminhava agora com passos decididos, e os dois vinham atrás como se não se importassem com a falta de iluminação especial nem nada. Às vezes eu esbarrava nas coisas e me feria e tanto que tive de amarrar meu lenço em volta de um machucado feio sangrando no meu braço.

[...]

Quase corri pelo corredor, tropecei, levei um tombo, bati com a cabeça no marco de uma porta que dava para um aposento escuro, despido de tudo que o pudesse caracterizar ou como quarto ou escritório ou sala de televisão ou simples cômodo de leitura sei lá eu. Agora eu precisava limpar o meu sangue que brotava da fronte. Ter muito cuidado para me recompor no prumo certo e ir, sempre em direção nenhuma. (NOLL, 2006, p. 12-13).

Os personagens de João Gilberto Noll, sem identidade, carregam um sentimento de angústia, de perda, sentimentos de negação e vazios diante da vida: “Quem teria sido eu antes daqui?” (NOLL, 2006, p. 66). O sentimento de pessimismo diante da solidão invade o indivíduo e o impede de continuar vivendo: “Os carros passavam velozes naquele que era o primeiro dia de um ano do qual eu não alcançaria o fim, eu pensava pressentir...” (NOLL, 2006, p. 140).

Esses personagens são andarilhos, seres muitas vezes sem nome, que seguem entre momentos de inércia em direção nenhuma compondo seu mosaico existencial diante de fracassos, de tragédias, da solidão:

[...] Agora eu precisava limpar o meu sangue que brotava da fronte. Ter muito cuidado para me recompor no prumo certo e ir, ir sempre em direção nenhuma -, enquanto a câmera me seguisse toda concentrada no meu itinerário gratuito por aquele casarão até ali a bem dizer vazio. (NOLL, 2006, p. 13).

João Gilberto Noll é um escritor que trabalha com a linguagem, e por meio dela representa as ações e os movimentos de seus personagens. Dentro dessa perspectiva nos valem das palavras do autor que comenta sobre seu estilo literário:

Vejo a literatura como acontecimento, não apenas como espelho das questões sociais mais imediatas. Espero que ela traga o leitor para um horizonte ritualístico, um horizonte litúrgico. É como se ele sentasse, que fosse lá no palco e participasse junto com o ator. [...] Sou um escritor de linguagem, pelo método com o qual escrevo fica claro isso. Tento captar a realidade através do que a linguagem me indica. [...] O que vai puxar-me, arrastar-me, movimentar em direção à ação do livro não é uma idéia de conteúdo prévio, mas é aquilo que a linguagem vai abrindo para mim. Como se realmente a linguagem fosse um exercício desejante de ação. Ação não no sentido norte-americano, evidentemente, de cinemão, mas no sentido de que o personagem começa de um jeito e vai terminar de outro. Acredito nisso, acredito na possibilidade de um argumento, sim, na história humana. Isso não quer dizer que tenha uma linha progressiva, uma finalidade angelical, nada disso, mas existe a possibilidade de você conhecer profundamente o seu próprio movimento. O homem não é um bicho estagnado. E só existe ficção por isso e não para usar a ação como uma peripécia atordoante que valha por si mesma. Mas o que vai me levar a essa ação, a essa verdade humana que é o momento, é a linguagem. Ela é o abre-te sésamo deste novo mundo. (NOLL in: www.joaogilbertonoll.com.br¹)

Um dos exemplos do trabalho com a linguagem edificado por esse autor é o conto "Em nome do filho", que discorre sobre a notícia do falecimento de um filho dada a um pai de forma conotativa ou subjetiva: "O seu filho entrou em óbito." (NOLL, 2006, p.15). Por meio dessas palavras, o médico evita falar objetivamente e devastadoramente, o que causa um efeito suave no recebimento da notícia, algo realizado mediante o trabalho com a linguagem: "Pois então o médico saiu da sala de cirurgia e disse: "O seu filho entrou em óbito", e não que tinha morrido -, para que eu comesse, paulatinamente, a digerir o verdadeiro abismo da hora." (NOLL, 2006, p. 16).

O eufemismo (figura de linguagem explorada pelo autor com o intuito de suavizar uma idéia), expresso nas passagens do conto, "o seu filho entrou em óbito"; "meu filho tinha

¹ Disponível em <http://www.joaogilbertonoll.com.br/porele.html> - Acesso em 15/06/2008.

chegado a um estado que o apartava de mim para nunca mais”; “meu filho sofria de ausências”; “estado limite”; “esse estado, como quase tudo na vida, poderia acabar desaguando em outra situação, talvez melhor”, surge como efeito da linguagem que suaviza, abrandando, ao mesmo tempo em que adia, retarda e impede o “verdadeiro” sentido da idéia, sentido que tarda a tomar consistência: “A partir daí o verbo “morrer” ia pouco a pouco tomando consistência até se impor para ficar.” (NOLL, 2006, p. 16).

Essa idéia atenuada da morte é transmitida a um pai que prefere não absorvê-la, um ser que não quer encarar a nova realidade do seu filho: “Por enquanto eu não poderia sequer imaginar que a partir dali eu iria me referir a ele definitivamente no passado.” (NOLL, 2006, p. 15). E

[...] Assim fiquei um tempo, inerte..., ensaiando a situação nova do meu filho para ampará-lo um pouco, sei lá, oferecer-lhe a experiência da imobilidade física e mental, embora nisso ele já fosse um catedrático com seus bons minutos de morto, tendo tudo a me ensinar, a mim, este quase velho que ainda não soubera partir. (NOLL, 2006, p. 16-17).

Um sentimento de sonho ou delírio invade esse ser máquina (pai) que agora precisa adaptar-se a mais nova situação de seu filho. Encarar um novo modo de “ser”.

Personagens errantes, de identidade fluida, caminham por espaços onde não se fixam e constituem-se em eternos passageiros: “Pus-me em marcha, passei por um terreno alagado. Espirrei água enlameada pela rua deserta quem sabe num domingo.” (NOLL, 2006, p. 19). “E fomos calados por todo o trajeto.” (NOLL, 2006, p. 20).

Em meio a esse mosaico de temas estruturado pelo autor, deparamos com um incesto explorado de forma crua e radical. É o caso do conto “No dorso das horas”, que retrata um incesto. Um personagem percorre os espaços – com janelas cerradas e luzes bem baixa – de um casarão e é impelido a encenar representando o seu “ser” sem “*script* pré-definido”, “sem nenhuma idéia preestabelecida”, montando o seu filme conforme vai andando – sem conhecimento do espaço que o absorve – com uma câmera perseguindo-o por todos os lados. Transformação do homem em imagem.

O conto apresenta um narrador (ser) anônimo (característica de suas obras), que se movimenta conduzido por alguma força maquinal seguindo ordens de um diretor. Esse ser caminha sem sentido, sem rumo, sem razão, observado pelo olhar das câmeras, de quem não pode esconder-se: “mesmo que eu trancasse as portas atrás de mim não importava, pois eles tinham dilatado o vazio de todas as fechaduras [...]” (NOLL, 2006, p. 11).

Num certo momento, quando já perdera a consciência da câmera e deixara fluir seu estar, o narrador-ator transforma-se em imagem, entra “mais fundo pelo recinto”, onde “não precisaria guardar interdições.” (NOLL, 2006, p. 13). Toca um corpo que não “evidenciara reação contrária ao meu toque nem aos que vieram depois.” (NOLL, 2006, p. 14). Vai “abrindo seus botões, retirando peça por peça, escavando os dedos por debaixo de um suéter. Passava agora a mão de cima abaixo, já sem encontrar qualquer outro tecido que não fosse a pele. Levantei-me, me despi também.” (NOLL, 2006, p. 14).

No momento do clímax febril, do encontro dos corpos, “Deitei-me sobre o corpo”, “Os dois fomos tomados de uma febre”, “Eu abraçava aquele corpo numa proximidade espantosa”; o diretor que tão pouco interferia no andamento do espetáculo, ordena que se afastem um pouco, “para que os dois mutuamente” pudessem se olhar. E assim sabemos de quem era o corpo ali nu deitado sob o dele: “Sim, nos fitamos então, presumivelmente na distância ideal. Embaixo de mim, toda em gotas peroladas de suor, minha filha médica sorria..., mas como se não me reconhecesse assim de perto...” (NOLL, 2006, p. 14).

O final do conto choca o leitor quando retrata em meio às cenas e imagens, um encontro incestuoso, dois corpos: pai e filha. O conto revela o encontro com o “outro”, o encontro de peles, o convívio, ou seja, a falta de convívio, quando apresenta a união de corpos de dois seres familiares que não mais se (re) conhecem. Pessoas ligadas pelo choque carnal, mas separadas, distantes, em seus relacionamentos.

O erotismo, o desejo febril da carne, que observamos nas passagens desse conto, é linguagem, é liberdade e, ao mesmo tempo, é o encontro do narrador com sua identidade fragmentada, com sua consciência que necessita de um próximo, de um corpo para tocar, de alguém a quem confidenciar seus desejos mais íntimos. Alguém que ele não encontra.

Outro recurso utilizado por João Gilberto Noll em sua escritura, não só no conto acima analisado, é o trabalho com a linguagem cinematográfica como observamos em várias passagens da obra: diretor, câmera, cineasta, filme, imagem, cena, iluminação, holofotes, ator. O leitor tem a sensação de estar em um filme, a impressão de ver as imagens e os movimentos dos personagens. Noll incorpora o cinema em suas narrativas, utiliza a linguagem fílmica como uma técnica literária com o intuito de expressar as identidades contraditórias.

As narrativas contemporâneas têm buscado elementos para exprimir as aspirações e os anseios do homem contemporâneo, engolido, cotidianamente, por um mar de imagens. Essa literatura do cinema, da televisão, dos meios eletrônicos, das miraculosas tecnologias, dispensa as intervenções literárias tradicionais e lança o leitor diretamente a uma explosão de imagens, de cenas desencadeadas por efeitos imediatos.

Por isso, *A máquina de ser* relaciona-se com outras artes como o cinema, o teatro, uma característica também das narrativas contemporâneas. Os personagens de Noll estão sempre encenando uma existência, como podemos comprovar em vários trechos da obra: “Aquele que parecia ser o diretor do filme vinha em minha direção [...]” (NOLL, 2006, p. 10), “enquanto a câmera me seguisse toda concentrada no meu itinerário gratuito por aquele casarão [...]” (NOLL, 2006, p. 13). E:

Meus dedos estremeceram sob as luvas brancas. E a luz se fez de súbito, em holofotes, provavelmente sob o comando de um cara sem camisa, sim, o cineasta, um cineasta que mais parecia maestro com seus cabelos cheios e grisalhos despenteados. E a moça que me atendera já assumia alguma coisa como direção de arte, a olhar detalhes nos móveis, no lustre imenso com seus pingentes. Um jovem loiro deslizava a câmera por sobre o meu perfil, meu peito, minha calça preta, os sapatos de camurça já toda ferida pelos anos e mais, bem mais, por tudo onde fosse possível a câmera pegar... (NOLL, 2006, p. 10).

[...] E que depois eu saísse para procurar em alguma banca o jornal na madrugada, já contendo a crítica do espetáculo. [...] O que diriam do meu desempenho na pele de João? (NOLL, 2006, p. 155).

Diante dessas afirmações, observamos como é significativa a influência do cinema, da encenação e das imagens na obra de João Gilberto Noll. Seus contos são arquitetados a partir de imagens que surgem de um espaço confuso entre o real e a fantasia. Isso dificulta entender se aquilo está se passando realmente com o narrador-personagem ou está sendo imaginado, sonhado. Essa diluição de fronteiras entre o “real” e a imaginação revela o que muito se perfaz na literatura contemporânea, a sugestão, a imagem. O texto desse autor se apresenta como uma sucessão de cenas desde a memória até o olhar do narrador.

Trata-se de um escritor que considera o seu leitor contemporâneo como um ser absorvido por imagens lançadas a todo o momento aos seus olhos. Um ser espectador de uma sociedade tomada pelos movimentos desconexos das imagens. João Gilberto Noll faz de seu texto uma mescla de palavras e imagens com o intuito de apreender e representar as angústias e incoerências do homem contemporâneo, cuja identidade se dissolve no tumulto das metrópoles, obrigando-o a uma procura incessante do seu próprio “ser”.

A literatura brasileira contemporânea de Noll apropria-se dos recursos cinematográficos para expressar o mundo contemporâneo, constantemente marcado pela imagem. O leitor de João Gilberto Noll parece estar ante uma tela de cinema, passeando entre flashes, cenas e imagens que compõem um filme da vida, um filme que revela um *ser* que é tema e personagem principal da obra. É como se o leitor vivenciasse a cena no momento próprio em que os episódios se desenvolvem.

Essa necessidade de rapidez e velocidade expressa por imagens, cenas e flashes instantâneos caracteriza os instantes e intensidades desse novo “ser- máquina”. Dessa forma, é por meio dessa linguagem e estrutura marcadas por temas contemporâneos, que João Gilberto Noll edifica um mosaico de entendimentos sobre a experiência humana, uma experiência modificada e alterável a cada situação de (sobre) vivência.

2.3. *A máquina de ser: instantes e intensidades*

Aquilo que somos é em grande parte produzido por grandes máquinas que estabelecem o itinerário de nossas jornadas. Explorar o funcionamento dessas máquinas e tentar traduzi-las será nossa tarefa. Diante de matéria tão diferenciada, só a análise dos textos (contos) poderá dizer algo de preciso sobre os modos de expressão mais significativos do conto contemporâneo. Pinçaremos do livro de João Gilberto Noll alguns contos, cuja leitura poderá apontar caminhos para a leitura dos demais. Vamos a eles.

A obra *A máquina de ser* é composta por 24 contos, com narração predominante em primeira pessoa (exceção para os contos *Cor de nada*, p. 95, e *Príncipe da natividade*, p. 123, que estão na terceira pessoa gramatical, embora carregados de subjetivismo). Seria o narrador partindo de si para olhar para si mesmo, para o seu ser interior e para o mundo. Portanto uma narrativa introspectiva, instigante e, acima de tudo, intrigante.

O autor é o ente responsável pelo narrador e pelo seu texto narrativo, sujeito de uma atividade a partir da qual se constrói um universo literário, com os seus personagens, ações, coordenadas espaciais e temporais. A criação literária edificada pelo autor corresponde às influências desse contexto, revelando-se nela, de forma nítida, as suas coordenadas históricas, sociais e ideológicas.

Para Reis e Lopes (2002, p. 62, 63), o narrador vem a ser a entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso como protagonista da comunicação narrativa:

A descrição do conceito de *narrador* não deve processar-se de forma rigidamente formalista. Mesmo reconhecendo-se a sua especificidade ontológica, importa não esquecer que o *narrador* é, de fato, uma invenção do *autor*; responsável, de um ponto de vista genético, pelo *narrador*, o autor pode projetar sobre ele certas atitudes ideológicas, éticas, culturais, etc., que perfilha, o que não quer dizer que o faça de forma direta e linear, mas eventualmente cultivando estratégias ajustadas à representação artística dessas atitudes: ironia, aproximação parcial, construção de um *alter ego*, etc., [...]

Como protagonista da narração ele é detentor de uma voz observável ao nível do enunciado por meio de *intrusões*, vestígios mais ou menos discretos da sua

subjetividade, que articulam uma ideologia ou uma simples apreciação particular sobre os eventos relatados e as personagens referidas.

O narrador-personagem em primeira pessoa de João Gilberto Noll narra suas histórias e de outros personagens instigando o leitor a vivenciar os problemas existenciais que os cercam. É um ser capaz de transformar-se a cada nova cena, a cada nova atuação. Ornellas resume o que entende ser o programa político de João Gilberto Noll mediante sua opção por um narrador em primeira pessoa:

Pode-se, por fim, dizer que a escolha de um narrador/personagem para seus romances, isto é, a narração em primeira pessoa do singular, pode assumir a forma de opção política. Não a política partidária, mas a micropolítica, forma de atuação transversal, onde o percurso dos narradores de Noll, sua migração exterior e interior, emblematiza um caminho para a liberdade, para a produção de acontecimentos que estão sob o signo da diversidade, um discurso pela diferença e pela alegria do múltiplo. Nunca os estados tediosos, nunca a estagnação. (ORNELLAS in www.joaogilbertonoll.com.br²)

O narrador em primeira pessoa de *A máquina de ser* confunde-se com esse mundo fragmentado de hoje, em busca de uma totalidade que possa completá-lo. Ele hipnotiza o leitor quando o leva consigo para os diversos caminhos confusos do subconsciente, fazendo com que este mergulhe em si mesmo. Como afirma Rosenfeld: “Já não existe um Eu narrador fixo face a um Eu narrado em transformações; o próprio Eu narrador se transforma constantemente.” (ROSENFELD, 1969, p. 91).

O narrador de João Gilberto Noll é alguém que vive uma frustrante experiência de perda, uma perda de si mesmo. É um ser que não tem uma experiência a relatar, somente indagações, reflexões, dúvidas que atordoam cada vez mais o seu leitor. Entretanto, para compreender esse narrador, será preciso compreender o sentido dessa fragmentação, e reconstituir os cacos dessas incompletudes (mosaicos) existenciais. Um momento da leitura em que o inteligível torna-se sensível.

O narrador apresenta a história ao seu leitor segundo um prisma, uma visão, uma consciência de acordo com as pistas fornecidas. É ele quem controla todas as ações e os movimentos dos seres. Dessa forma, é o narrador que está na direção dessa viagem, ele quem controla (ou é controlado) a máquina: “[...] enquanto a câmera me seguisse toda concentrada no meu itinerário gratuito por aquele casarão até ali a bem dizer vazio.” (NOLL, 2006, p. 13).

² ORNELLA, Sandro. *A narrativa subjetivante de João Gilberto Noll*. Disponível em <http://www.joaogilbertonoll.com.br/estudos.html> - Acesso em 18/05/2008.

Trata-se de uma nova posição entre narrador e leitor observada por Adorno diante de transformações já em 1983:

[...] o narrador ataca um elemento fundamental na sua relação com o leitor: a distância estética. Esta era inamovível no romance tradicional. Agora ela varia como as posições da câmera no cinema: ora o leitor é deixado fora, ora guiado, através do comentário, até o palco, para trás dos bastidores, para a casa das máquinas. (ADORNO, 1983, p. 272).

O narrador dos contos de Noll é um ser desenraizado, um ser que nos guia por um espaço textual que nos confunde e nos deixa sem reação. O narrador guia o leitor pela subjetividade do contexto diante de uma leitura que vai extinguir-se no próximo movimento, no próximo passo, sem qualquer solução aparente para os problemas.

É sob o olhar atencioso do narrador que acontece a narrativa, é ele quem guia o leitor para um navegar profundo na vida dos personagens. Os contos, quase sempre terminados em reticências e pontos de interrogação, deixam as histórias em aberto para as infinitas interpretações dos leitores “receptores” diante dessa narrativa ambígua, em movimento: “Em penumbra descemos silenciosos pela escada. Ao chegarmos ao saguão do hotel, acenderam-se as luzes, o que nos fez parar por um segundo e refletir... Será...? Na calçada já havia uma noite... Gelada...” (NOLL, 2006, p. 93). Para Eagleton:

[...] A “literatura” é a área em que essa ambigüidade é mais evidente – na qual o leitor se vê suspenso entre um significado “literal” e outro, figurativo, incapaz de escolher entre os dois e, portanto, lançado a um abismo lingüístico sem fundo por um texto que se tornou “ilegível”. (EAGLETON, 2006, p. 218)

Essa inteligibilidade é característica marcante da escritura de João Gilberto Noll, autor que quer incitar reflexões, sugerir e não transmitir explicações. Benjamin (1994 p. 203, 204), em suas reflexões sobre o narrador, também afirma que a arte da narrativa está em evitar explicações, em que o leitor é livre para interpretar a história como quiser, “e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação”:

[...] A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.

Os contos de Noll, caracterizados por informações e fatos fragmentados e desconexos, deixam nas mãos do leitor os rumos da história. Dessa forma, como afirma

Massaud Moisés (2004, p. 315): “O verdadeiro autor da narrativa não é somente aquele que a conta, mas também, e por vezes com vantagem, aquele que a escuta.”

Sobre a relação autor – obra – leitor, Reis e Lopes (2002, p. 52), explicam:

[...] Gera-se assim uma interação *autor/leitor* cuja tensão aponta em dois sentidos: a condição irrevogavelmente *dialógica* de todo o ato de linguagem, de acordo com a qual o sujeito que fala/escreve solicita necessariamente uma instância receptora; a função de *concretização* que cabe a essa instância, capaz de abolir *pontos de indeterminação*.

Para Ingarden (1973, p. 275), essa função é viabilizada pelo fato de “o leitor durante a leitura e na percepção estética da obra, geralmente transcender o simples texto existente (ou o projetado pelo texto) e completar, a vários títulos, as objetividades apresentadas.” Isso por meio de suas coordenadas histórico-culturais e ideológico-sociais.

Nos contos contemporâneos, a presença desse leitor “receptor” é imprescindível, peça fundamental para o desdobramento da obra e até para sua própria construção. Eagleton (2005, p. 138) ao tratar sobre os benefícios da teoria cultural, afirma:

[...] Ela nos convenceu de que há muitas outras coisas implicadas na feitura de uma obra de arte além do autor. As obras de arte têm uma espécie de “inconsciente” que não está sob o controle de seus produtores. Chegamos a compreender que um desses produtores é o leitor, o ouvinte ou quem vê – que o receptor de uma obra de arte é co-criador dela, sem quem ela não existiria.

Eagleton (2006, p. 116), ao discorrer sobre a Hermenêutica, afirma que “o leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições [...]”.

Na obra de João Gilberto Noll, o leitor é carregado pelo narrador para um universo com ações aparentemente corriqueiras, triviais, personagens, datas e lugares que correspondem ao nosso “mundo”. O autor tem o intuito de colocar o leitor diante de seus dejetos, de sua materialidade, de sua realidade medíocre. Dessa forma, com abruptas mudanças de estrutura e significações, o leitor vem presenciar, no conto contemporâneo, um *ser* narrador diante de tantos avanços tecnológicos.

Esse narrador de João Gilberto Noll é, na maioria dos contos, autodiegético. Sobre essa posição narrativa, Reis e Lopes (2002, p. 118) afirmam:

A expressão *narrador autodiegético*, introduzida nos estudos narratológicos por Genette [...] designa a entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa específica: aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central da história. Essa atitude narrativa [...] articula importantes

consequências semânticas e pragmáticas, decorrentes do modo como o *narrador autodiegético* estrutura a *perspectiva narrativa*, organiza o *tempo*, manipula diversos tipos de *distância*, etc.

Para Reis e Lopes “O registro de primeira pessoa gramatical que em tais narrativas se manifesta é, pois, uma consequência natural dessa coincidência narrador/protagonista”, um ser que conta o que acontece consigo mesmo, no momento em que acontece. No caso de João Gilberto Noll essa posição narratológica nos dá uma impressão de simultaneidade entre o que o narrador-personagem percebe e o que diz:

[...] Levantei, fui ao banheiro. Tranquei-me num dos cubículos com vaso sanitário. Sentei com calça e tudo.
[...]

Puxei do bolso um talão de cheque.
[...]

Levantei-me. Pensei qual seria meu próximo passo. (NOLL, 2006, p. 147-148).

Tem-se a impressão de se estar “na pele” do narrador-personagem, bem perto de suas sensações e de seus pensamentos, à medida que eles vão se formando. Essa simultaneidade nos dá a sensação de participar da história no mesmo momento em que ela acontece, no momento em que este ser a vive, com detalhes de sua imaginação, dúvidas, angústias e reflexões. Dessa forma:

[...] a análise do discurso narrativo de um narrador autodiegético tenderá normalmente a subordinar as questões enunciadas a uma questão central: a configuração (ideológica, ética etc) da entidade que protagoniza a dupla aventura de ser herói da história e responsável pela sua narração. (REIS e LOPES, 2002, p. 121).

O ser-máquina de Noll, em primeira pessoa, protagoniza sua história e é responsável pela sua narração, controla seus espaços, seu tempo, suas aventuras. É um ser que transpassa ao leitor até mesmo o seu íntimo, seus sentimentos, reflexões, conjecturas.

No conto “Cor de nada” e “Príncipe da natividade” (narrativas em 3ª pessoa, no entanto carregadas de subjetivismo) temos um narrador heterodiegético, que segundo Reis e Lopes (2002, p. 121) designa a relação narrativa “em que o narrador relata uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão, e que “se caracteriza pelo fato de narrar uma história que conhece pela sua experiência de testemunha direta dessa história.”, que sabe muito sobre seus personagens

(capaz de dominar todo o saber), conhece os comportamentos e também o que pensam e sentem os diferentes atores, podendo, sem problema, estar em todos os lugares e dominar os seus pensamentos (seu cérebro, sua máquina), o seu tempo, o seu passado.

O narrador heterodiegético “normalmente se coloca numa posição temporal de ulterioridade em relação à história” (REIS E LOPES, 2002, p. 122), ele pode manipular o tempo e contar fatos retrospectivos como busca para explicar o presente, o agora:

Sentado diante do hotel, de frente para o mar, ninguém diria ser cego. Recostava-se à cadeira-preguiçosa, fazia uma aba com a mão para olhar o céu, logo inclinava-se em direção à praia, como se enxergasse na linha do horizonte a vinda de algum navio, provavelmente um transatlântico que só ele, homem maduro, tinha interesse e condições de ver num local apinhado de jovens a jogar, namorar, a mergulhar. **Mas ficara cego quando adolescente**³. Desde então as figuras do mundo se esmaeciam no seu cérebro, em andamento vagaroso... e paulatino... (NOLL, 2006, p. 95).

O narrador retorna ao passado “Mas ficara cego quando criança”, para buscar um fato que explique o presente. Ao mesmo tempo em que esse narrador percebe tudo (domina todo o saber), ele conta o que quer, retarda informações, deixando o leitor muitas vezes sem saber o que acontece ou aconteceu, por meio de pistas que estão apenas sugeridas.

Para Reuter (2002, p. 70), essa distinção entre as atitudes narrativas “vai acarretar – sempre sob a maneira de tendência, pois nenhum texto é “puro” e estamos diante apenas de frequências narrativas – a dominação por uma ou outra [...] forma de organização da mensagem [...]”. Dessa forma, o dizer (narração) e o perceber (perspectiva) se articulam para produzir efeitos na narrativa.

Diante desse narrador farejador, um ser que procura constantemente por algo que não sabe o que é ou que não encontra, *A máquina de ser* apresenta a relação conflitante que existe entre as pessoas, entre as almas. Mostra ao seu leitor o desespero com a insatisfação, o homem revoltado com a sua própria condição.

Para Carneiro (2005, p. 105), o narrador de João Gilberto Noll:

[...] É sempre o mesmo, transitando de um livro a outro, carregando consigo a constatação de que já é um homem maduro – o tempo passou e ele nem se deu conta – e de que a vida não lhe oferece nenhuma paixão, nenhum projeto pelo qual valha a pena continuar vivendo.

³ Grifo nosso

Esse ser velho, maduro, aposentado, sempre solitário, sem sonhos e perspectivas, está presente em toda a obra de João Gilberto Noll como pode ser comprovado nos trechos abaixo:

[...] este quase velho que ainda não soubera partir. (NOLL, 2006, p. 17).

[...] eu, sim, um homem quem sabe a meio caminho da decrepitude ou, pior, iniciando de vez a contagem regressiva para se arrancar da mente. (NOLL, 2006, p. 33).

[...] Esquecia que eu ajudava a compor a média de idade com todos os outros daquele asilo (NOLL, 2006, p. 54).

[...] A mulher pediu que eu mostrasse a Identidade, para provar ser eu um sexagenário, pronto para merecer o bônus da meia-entrada. [...] Recolhi a entrada com a mão fria, frieza de velho traído, embora eu não fosse ainda um idoso na acepção biológica do termo. Faltava o que para isso? Uns três, quatro anos se tanto. (NOLL, 2006, p. 86).

[...] homem maduro (NOLL, 2006, p. 95).

[...] Aquilo vinha acontecendo comigo. Imaginava que eram as tais coisas das antevésperas da velhice... (NOLL, 2006, p. 138).

[...] mesmo que não me considerasse mais em idade para bálsamos. (NOLL, 2006, p. 145).

E nesse caminhar solitário, observamos a expressão de um narrador, cuja identidade é incerta, um ser que narra experiências sem qualquer linearidade, sem uma estrutura temporal definida, um turbilhão de sensações que impedem o leitor de distinguir o que é real do que é sonho ou fantasia. Trata-se de uma narrativa em que homem, mundo e linguagem se entrecruzam e se diluem no espaço e no tempo, enfim, na história:

[...] isso talvez me desse um apuro propício para me transformar em imagem... E por isso eu mais andava por todos os cômodos... e deles saía... Como se no próximo ponto eu pudesse adquirir a estatura de um signo, que por si só traduzisse o que aqueles dois que me seguiam não logravam transmitir sem mim... (NOLL, 2006, p. 12).

Os espaços, os lugares onde ocorrem as histórias, assumem funções narrativas múltiplas. De acordo com Reuter (2002), os lugares ajudam a: descrever o personagem, anunciar a sequência dos acontecimentos, estruturar os grupos de personagens, marcar etapas na vida e nas ações, facilitar ou dificultar a ação. É um fator importante na definição de características e de personalidades.

No caso de João Gilberto Noll, isso fica nítido com a representação de personagens sem espaços. Os espaços, os ambientes não são claramente definidos, eles se diferenciam e se multiplicam ao longo das narrativas e aparecem em flashes nos pensamentos e na imaginação dos personagens: casarões, corredores, recintos, calçadas, descampado, fundo de quintal, ruas, aeroportos, apartamentos, prédios, lojas, feiras, bares, shoppings, hotéis, hospitais, elevadores, McDonald's, Embaixadas, espaços urbanos. Tudo que possa representar um homem contemporâneo isolado e perdido em uma grande metrópole.

O espaço das narrativas se abre e se diversifica já que as coisas não são mais preestabelecidas nem individual nem socialmente. Na ficção criada por João Gilberto Noll, as narrativas misturam diversas referências ao nosso universo:

Todo discurso, todo texto e toda narrativa remetem ao mundo. Não pode ser de outra maneira, pois – como bem mostrou Umberto Eco em *Os limites da interpretação* (1992), em concordância com muito outros semiólogos – não se pode construir um universo ficcional e compreendê-lo sem referi-lo às nossas categorias de apreensão do mundo. Todo objeto, personagem ou lugar de uma narrativa, por mais surpreendente que seja, é constituído por meio de deformações, acréscimos, supressões e alterações em relação àqueles que já conhecemos. (REUTER, 2002, p. 154).

No trabalho dos signos, da linguagem, assim como o espaço, o tempo (as indicações temporais) construído pelas narrativas determina também a orientação destas. O tempo (em constante mudança) é elemento comum na obra de João Gilberto Noll e é caracterizado pela instantaneidade, pela velocidade das luzes e dos flashes.

Rosenfeld faz uma reflexão sobre esse novo tempo, em que a lógica, começo, meio e fim, foi substituída por um turbilhão de fatos e acontecimentos sem ordem cronológica:

Nota-se no romance do nosso século uma modificação análoga à da pintura moderna, modificação que parece ser essencial à estrutura do modernismo. À eliminação do espaço, ou da ilusão do espaço, parece corresponder no romance a da sucessão temporal. A cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, “os relógios foram destruídos”. (ROSENFELD, 1969, p. 78).

O tempo psicológico é absorvido pelas vivências subjetivas dos personagens, edificados em fator de transformações e redimensionamentos ao longo da história. Assim como afirma Reuter (2004, p. 16) “o tempo não é mais vivido como cíclico. Tudo se movimenta, tudo muda...”

Avelar (2003, p. 226), comenta o que pode representar o estilo de tempo empregado por João Gilberto Noll:

Trata-se aqui de uma temporalidade sincopada e segmentada, tempo que se congelou como exterior à experiência. Quando a experiência se arrasta na repetição interminável do mesmo, a única pontuação temporal vem de fora, numa estrutura narrativa que replica a segmentação: os acontecimentos se desenrolam como tomadas cinematográficas bruscamente recortadas, numa sucessão de cenas onde nada se acumula nem se aprende. A dialética da experiência se encontra em suspenso, enfrentando-se perenemente à tarefa de começar de novo.

Mediante essas tomadas cinematográficas bruscamente recortadas, João Gilberto Noll quer chamar a atenção para a impossibilidade de tempo neste início de século e para a sedução pela instantaneidade.

Com elementos incontroláveis, embaralhados, imaginados desse universo (produzidos pela mente, pela imaginação), seus personagens seguem partindo, retornando, dando voltas em círculos, sem um final previsível. A vontade de afastar-se de certas características formais tradicionais em suas criações e assumir algo diferente tem sido a grande particularidade de João Gilberto Noll em sua expressão contemporânea.

Para expressar esse ser contemporâneo, o escritor faz opção por procedimentos formais ora com frases curtas, marcadas por uma forte concisão e precisão do estilo: “Ele me chamou.” [...] “Parei por instinto, de novo.” (NOLL, 2006, p. 151), ora com frases longas e tortuosas, com o intuito de instigar a reflexão. No seu texto também notamos a predominância do discurso indireto: “Disse ao garçom que ele nem precisava arrolar os ingredientes [...]” (NOLL, 2006, p. 119-120). “E disse que eu poderia entrar que os outros já estavam à mesa.” (NOLL, 2006, p. 152). “Falei que eu não sabia rezar. Ele disse que também não.” (NOLL, 2006, p. 154).

O autor ainda se vale da presença do fluxo de consciência, cortes e pensamentos suspensos por vírgulas e reticências: “O que pensei naquele momento? Em nada –, aí é que estava a coisa, em simplesmente nada... Não, não foi bem assim, perdão, pois voltei a pensar, sim [...]” (NOLL, 2006, p. 152). Técnica de sua escritura que sugere a imaginação, a reflexão e a construção das idéias por parte do leitor.

Ao longo da narrativa nos deparamos com uma estrutura marcada por traços e sinais de pontuação que fazem que o leitor sinta o que está passando com esse personagem, suas dúvidas e incertezas: “Será? Talvez consiga um vale no serviço –, ah!, nem sei mais –, o encaro...” (NOLL, 2006, p. 60).

Destaca-se, também, na estrutura da obra, o emprego da Onomatopéia, figura de linguagem utilizada para sugerir os aspectos sonoros da narrativa:

[...] Enquanto ela acalenta o sumo desse cara que já ronca –, rrrrrrrr... (NOLL, 2006, p. 67).

Quanto mais descia as escadas em direção à quadra de tênis, mais um barulho de bola contra uma parede se firmava secamente –, póc-póc-póc... (NOLL, 2006, p. 73).

Este recurso utilizado por João Gilberto Noll convida o leitor a penetrar em cada cena, em cada estímulo sonoro dos personagens e vivenciar com estes a sua história.

A opção do autor pelas técnicas estruturais modificadas, por narradores, personagens, espaços e tempos fragmentados, incompletos, desestruturantes, pode ser vista como algo que marca o movimento de desconforto diante de uma realidade que absorve o ser e o leva à desumanização, realidade esta que não aceita uma ordem para as coisas. Por meio de sua narrativa, João Gilberto Noll realiza seu projeto literário mediante uma escrita de compromisso:

Antes de tudo, jamais algo é dito ou contado de maneira neutra. Toda palavra e todo enunciado correspondem a uma dupla escolha fundadora: escolha do que é dito, escolha da maneira de dizer. Nesse tocante, toda palavra, todo enunciado e toda narrativa portam valores e intenções que os opõem potencialmente a outras palavras, outros enunciados e outras narrativas. Portanto, o contar é sempre acompanhado de saberes, valores e efeitos. (REUTER, 2002, p. 127-128).

Dessa forma, por meio de sua opção literária, João Gilberto Noll vem mostrar esses narradores/personagens, em busca de uma essência, de uma forma de criação existencial. *A Máquina de ser* traz em seus contos o mundo de hoje, agitado, conturbado, devorado pela velocidade do tempo. Apresenta uma nova significação do tempo, do espaço, e dos corpos, na infeliz busca por relacionamentos humanos concretos; relacionamentos destruídos por um mundo em que pessoas não mais se comunicam, vivem isolados de um mundo desconhecido a si próprio: “Primeiro preciso descobrir nem que por vias tortas, quem sou eu nesse filme, por que querem de mim tanto impacto e convulsão...” (NOLL, 2006, p. 10). “Ontem subira os oito andares por escada, para não encontrar ninguém no elevador”. (NOLL, 2006, p. 145).

Na medida em que a própria atividade literária segue um incessante progresso cumulativo e não fica alheia a mudança dos períodos literários nem às variações ideológicas que neles se inscrevem “a narrativa não cessa de se afirmar como modo de representação

literária preferencialmente orientado para a condição histórica do Homem, para o seu devir e para a realidade em que ele se processa; no sentido de sublinhar tal orientação [...]” (REIS e LOPES, 2002, p. 68).

Assim, o correr do processo histórico, a força do tempo, as transformações sociais, o atual cenário econômico, as mudanças comportamentais e as crises existenciais são alguns dos temas tratados por João Gilberto Noll diante da universalidade presente em sua obra, por meio de uma prosa-poética e um fazer narrativo singular na Literatura Brasileira.

João Gilberto Noll, uma das referências do conto contemporâneo, destaca a situação da sociedade de consumo, ressalta o ambiente social, o egoísmo existencial, o individualismo, a solidão, o estresse vivenciado pelo homem contemporâneo diante desse novo cenário econômico, onde somos constantemente manipulados por máquinas de *ser*.

3. A MÁQUINA DE SER E A POÉTICA DE JOÃO GILBERTO NOLL

3.1. As concepções e o fazer narrativo de João Gilberto Noll

Este capítulo apresenta uma síntese interpretativa do projeto literário do autor gaúcho que quer incitar reflexões de seus leitores sobre a cena contemporânea brasileira por intermédio de suas obras, marcadas por temas instigantes e atualíssimos.

Neste momento, abordamos a poética do conto suscitada em João Gilberto Noll, por meio de seu fazer literário, da apropriação de uma linguagem subjetivante nos contos analisados. Esta análise está embasada no estudo de uma escritura que representa os choques e embates do vivido, as trilhas da vida social, escrita que se utiliza de outros tons, outras técnicas, vozes e linguagens na tentativa de compreender melhor a época em que vivemos.

Neste capítulo destacamos como o autor registra em sua obra o cenário brasileiro desde a década de 1980, por meio de romances e narrativas que expressam o que é vivido social e historicamente mediante composições de fragmentos, uma literatura que segue e aborda a agitação da vida social por meio do trabalho com a linguagem. Pretende-se, também, discutir sobre a obra *A máquina de ser* (2006) no conjunto da obra do autor, realizando uma síntese interpretativa dos contos analisados e, em sequência, apresentar algumas discussões para podermos concluir o trabalho.

João Gilberto Noll é um autor que busca edificar sua literatura como um episódio, uma cena registrada pelo momento, movido por uma sensação de ausência, diante do indefinível. Trata-se de um autor que percebe a literatura como um movimento, um espaço de liberdades, instabilidades e incertezas expressas na linguagem, marcas do atual momento.

Para Carneiro (2005, p. 33), ler o momento contemporâneo de dentro mesmo do contemporâneo é lidar o tempo todo com a instabilidade, com a dúvida, com a incerteza:

E se conviver com a incerteza pode nos levar ao caos, também pode nos livrar da ilusão de que há verdades absolutas e de que todo gesto humano deve ser devidamente catalogado, depois de dissecado plenamente. Quem lida com literatura sabe que só há verdades relativas e é imbuído desse pensamento que se deve olhar para o presente, sem a pretensão de dar explicações definitivas ou cair na armadilha de tentar estabelecer futuros cânones. Neste caso, ao contrário do que rezam os antigos manuais, a instabilidade deve ser entendida não como adversário, mas como aliada.

Neste panorama contemporâneo de instabilidades, João Gilberto Noll apresenta uma escritura que segue as veredas das desgraças humanas. Trata-se de um autor que se

utiliza da diversidade da matéria, para representar o conflito do ser com seu próprio “ser” (seus sentimentos e fantasias). Um escritor que envolve a crueldade e a ferocidade de um mundo com a arte da prosa e da poesia e abre espaços e lacunas no interior da linguagem para representar a sensação de perda, de vazio e de busca constante desses seres que atravessam suas palavras.

Detentor de uma prosa densa, João Gilberto Noll, em suas narrativas, incita à reflexão e à sugestão por meio de seus temas contemporâneos. É com grande agilidade em trabalhar com as palavras que constrói as suas obras. Trata-se de um autor que está, cada vez mais, radicalizando na prosa poética, pois o que faz é uma espécie de mescla entre poesia e prosa, algo que penetra na subjetividade e na intimidade do “ser”.

Em entrevista, o autor afirma:

Meu trabalho está cada vez mais radical nesse aspecto. Por vezes, esqueço da narrativa e brinco com o movimento, com a palavra em estado musical. No meu processo criativo, a linguagem determina o tema. É ela que determina o poder semântico do livro. O significado vem da estruturação que dou à linguagem. E isso tem mais a ver com poesia do que com prosa. Porém, não sou um escritor formalista. A história está lá! (NOLL, 2001, in ZACCARIA⁴).

Essa aproximação com a linguagem poética já vem assinalada pelo autor por meio de seu trabalho com as palavras, com a semântica, com as figuras de linguagem, associando-se a uma afetividade e a uma musicalidade que se expressa na própria linguagem.

O híbrido trabalhado por meio de seus temas, a sugestão dos corpos, a reflexão sobre o íntimo do ser, a alusão a intimidades de identidades esfaceladas são arquitetados na obra desse autor, por meio de uma linguagem que manipula a imaginação e as opiniões do seu leitor. Esse trabalho com a linguagem fica nítido por meio da construção de sua prosa-poética, trabalho edificado para representar o ser diante de suas subjetividades:

[...] E eu fui, adentrei por seus olhos em cuja cor noturna me senti impelido a navegar..., feito um aprendiz sideral... Talvez meu corpo tivesse se desprendido de minha consciência, qual um astronauta solto da nave-mãe. Astronauta vagando agora pelo interior da íris, em profundo negror...

[...]

[...] Como dar início, se nos detalhes do seu corpo eu podia enfim cultivar o infinito, e quem sabe em suas pasmadas sombras repousar até...? (NOLL, 2006, p. 151-152).

⁴ Entrevista concedida a Cristina Zaccaria para Revista Cultura-e (Banco do Brasil), 2001, disponível em <http://www.joaogilbertonoll.com.br/entrevistas.html> - Acesso em: 15/08/2008.

[...] No desenho das órbitas eu como que dançava. Por instantes eu como que nadava em espirais submarinas. (NOLL, 2006, p. 155).

Essas passagens revelam um ser diante de seu território de subjetividades, um ser que quer “cultivar o infinito”, adentrar “por seus olhos”, navegar “feito um aprendiz sideral”, dançar “no desenho das órbitas” e nadar “em espirais submarinas”. Expressões dos sentimentos e sensações interiores.

A apropriação de figuras de linguagem (metáforas, comparações, eufemismos, onomatopéias), possibilita reforçar a idéia de linguagem poética, um modo de escrever que expressa os sentidos inconstantes e cambiantes dos seres maquinais. O seu texto escrito em prosa pode ser considerado “poesia” por exprimir emoções e sentimentos. Uma imagética emocional.

Dessa forma, “perpassa o conto uma vibração poética que advém de o ficcionista nele detectar um aspecto do cotidiano, portador de emoção ou de sentimento. Evidente no tom da narrativa, a poesia emana da impressão que aquela deixa no espírito do leitor.” (MOISÉS, 2004, p. 89). Isso é o que sentimos diante da leitura de *A máquina de ser*. João Gilberto Noll refere-se a aspectos do cotidiano não para descrevê-los, mas para representar sentimentos, sensações e desejos. É um escritor em cujo texto sentimos o cuidado na elaboração de cada cena. Trata-se de uma escritura que constrói diversas formas na imaginação, imagens soltas, reflexões sem qualquer linearidade. Sua inconstância e instabilidade envolvem o leitor numa estranha malha de sentidos inconstantes e cambiantes em meio a uma diversidade de narradores e atmosferas. Sobre esse assunto, Sandro Ornellas comenta:

[...] Sua instabilidade não decorre nada mais do que de um recurso empregado de longa data na literatura, mas do qual Noll se apropria com uma perícia e vigor provocantes: a narração em primeira pessoa. É nos ininterruptos câmbios subjetivos dos seus narradores que o desejo mostra sua face de liberdade afirmativa. A escritura de João Gilberto Noll engendra uma narração desejanste, uma máquina de produção de sentidos múltiplos que explodem em parágrafos elípticos e sem pontos, encadeando forças significadoras suspensas temporariamente apenas por vírgulas, ou então se insinua em saltos espaços-temporais do narrado, saltos localizados nos signos impressos na página do livro, transformando o, até então, “fora do texto” em “dentro”. Factualização do que estava, antes, apenas sugerido. (ORNELLAS, in: www.joaogilbertonoll.com.br⁵).

Trata-se de um escritor que quer mostrar o desespero com a insatisfação, o homem em crise com a sua situação existencial. Dessa forma, a escrita de João Gilberto Noll constitui-se em um discurso do atípico, do incomum, já que reproduz uma atmosfera

⁵ Disponível em <http://www.joaogilbertonoll.com.br/sobreele.html> - Acesso em 03/05/2008.

desestruturante. Os textos desse autor caracterizam-se por novos modos de narrar quando representa vidas abreviadas, cuja característica principal é a incompletude.

O texto de João Gilberto Noll é estruturado com elementos constituintes do nosso cotidiano, elementos “aparentemente” banais: a realidade cruel de seres manipulados pela máquina, pelo sistema. A singularidade do seu texto é caracterizada pela estranheza que desperta em seu leitor por representar o homem incompleto, imóvel, insatisfeito, que não possui nada para oferecer:

[...] A verdade é que não sei se tenho o que lhe dar depois desse sorvete. Ela enfim está me olhando mais uma vez como a me pedir que eu prossiga, que ela pode ir junto se eu quiser. É muito pouco esse nada que não posso dar. É bem menos do que nada o que esse cara aí tem pra oferecer –, é isso mesmo o que ela deve estar pensando. (NOLL, 2006, p. 61).

Seres mudos, calados, que não sabem dialogar com o próximo. Expressão de um sistema manipulador em que o homem é obrigado a conviver. Uma situação que vem oprimindo o ser em sua história de (sobre) vivência:

Colocar corretamente a questão do poder (e isso foi o que o melhor da produção literária fez) já é investir contra os muros que se ergueram impedindo que o cidadão raciocinasse e atuasse, constituísse o seu espaço de ação e levantasse a sua voz de afirmações. É orientar, pois, o país para uma necessária democratização, ainda que esta tenha chegado só sob forma institucional. É também investir contra o silêncio a que o já oprimido economicamente ficou reduzido, perdendo os direitos trabalhistas e de reivindicação de classe. É dar voz, portanto, a todos e a qualquer para que possa manifestar desejo e vontade políticos no plano nacional, comunitário e profissional, [...] (SANTIAGO, 1989, p. 17).

Uma sociedade que há muito tem discriminado o ser humano com promessas de dias melhores, promessas que não passam de fachada de uma situação que enquadra a economia aos padrões do capitalismo tecnológico, por meio do domínio autoritário de um sistema altamente burocratizado. Sistema que constrói a realidade que temos hoje do endividamento, do desemprego, típicos do capitalismo selvagem dominante no nosso país:

[...] Não sei, só sei que ele provoca nas ondas do meu cérebro a simplória vontade de encontrá-lo no domingo para um sorvete, quem sabe até um cinema se ele puder se apresentar com os ingressos assim de supetão comprados, e olha que pouquinho antes do final do mês! Será? Talvez consiga um vale no serviço –, ah!, nem sei mais –, o encaro... (NOLL, 2006, p. 60).

Uma sociedade que produz homens e mulheres dependentes de “vales” no final do mês. Uma realidade que impede a atuação do ser humano em seu meio social, que o cala, que o oprime.

Idelber Avelar discute a obra de João Gilberto Noll (e seus personagens mudos) como reflexo de um momento pós-ditatorial no país. Avelar (2003, p. 29) evidencia “como os personagens e narradores de Noll dramatizam uma radical impossibilidade de contar histórias – consequência de uma memória atrofiada e uma incapacidade fundamental de sintetizar a experiência”.

Para Avelar, a narrativa de João Gilberto Noll consiste numa reflexão sobre a crise de narrar a experiência. O crítico comenta que “o paradoxo dos textos de Noll é que nada parece permanente, tudo está em fluxo, mas as próprias noções de devir e mudança parecem inadequadas”, quer dizer, “tudo está em fluxo mas nada muda”. (AVELAR, 2003, p. 217-218).

Para esse autor, os textos de João Gilberto Noll descrevem lugares transitórios, perambulações, traços e restos da experiência, cenários sem historicidade, esvaziados de progressão e tempo:

Na ficção de Noll é totalmente indiferente estar no Rio de Janeiro ou no Sul, no Amazonas ou Nordeste. [...] Passando por experiências desprovidas de qualquer marco temporal além da sucessão esquizofrênica, não causal dos fatos, os narradores-protagonistas de Noll obtêm e perdem empregos, são presos ou levados a algum hospital psiquiátrico, escapam, são atacados pela polícia, encontram gente que não parece ir a nenhum lugar tampouco, e que invariavelmente desaparece sem deixar rastros. Depois de umas poucas páginas o texto desemboca numa coda anticlimática e aparentemente arbitrária, deixando ao leitor uma incômoda sensação de incompletude. Noll toma, então, essa sequência banal de acontecimentos e a converte numa reflexão sobre a crise da narrabilidade da experiência. (AVELAR, 2003, p. 217).

A contradição, o mal-estar produzido pelos textos de João Gilberto Noll está nessa impressão de movimento, mas que, no entanto, nada muda, tudo continua como está. O narrador-personagem (protagonista) parece condenado a uma mesmice irreversível. O passado do indivíduo se encontraria assim bloqueado de seu presente e sem previsões para seu futuro. Para Eagleton (2005, p. 56) “a produção automatizada seria o protótipo desse esvaziamento do tempo em que o trabalhador não especializado é o mais degradado pela rotina e mecanicidade das máquinas.”

Degradado pela mecanicidade das máquinas, o que ocorre é uma fragmentação, uma verdadeira desordem na memória dos protagonistas, já que não importa muito o antes ou

o depois. E assim a narrativa vai desdobrando-se como se faltassem ao protagonista fatos coerentes, completos, para relatar.

Esse vazio contagiante dos textos de João Gilberto Noll, essa falta de experiência para narrar é representado pela falta de rosto dos personagens emudecidos. Não há qualquer possibilidade aparente de transcender ou modificar essa realidade intolerável. Nessa realidade, os seres vivem o conformismo, um estado de vácuo constante:

[...] Era urgente descobrir pretensos dons pessoais para apostar em algum merecimento. Do contrário, ignorando suas qualificações, caso existissem, ele não saberia prosseguir, não poderia abrir caminho para a continuidade do que viera fazendo até um vago tempo atrás, quando, por um desvio qualquer de rota, enveredara por um estado em vácuo –, esse de agora... Perguntou-se se não estaria morto. Zanzou um pouco por ali, pegou um livro, leu na capa uma língua que não conhecia nem estaria disposto a aprender, se pudesse. (NOLL, 2006, p. 125).

O narrador representa o papel de um sobrevivente, vítima de uma paralisia; nunca narra o que deve ser narrado. Ele enfrenta uma crise de sua capacidade de transmitir experiência, uma fissura entre o vivido e o narrável (crise relacionada, sem dúvida, com as aceleradas transformações).

Sentimos, nos narradores de João Gilberto Noll, a crise da transmissibilidade da experiência, a decadência da arte de narrar. Para Avelar (2003, p. 29-30):

Ao retratar quarentões grisalhos, sem nome nem trabalho, fracassados cujas intenções de aprender através da experiência delatam sua paralisante incapacidade de organizar o vivido em uma narrativa coerente, Noll põe em crise o modelo dialético do *Bildungsroman* tão central para o romance moderno. [...] Para Noll a própria memória codificada no espaço da urbe foi reificada: a metrópole moderna replica o desvanecimento cinza e anônimo dos personagens. A cidade já não oferece, em Noll, nenhum momento de epifania que pudesse elevar a experiência além de sua pura facticidade. A literatura de Noll decididamente se nega a afirmar: permanece clinicamente suspeita de toda restituição, opondo-se a todos os projetos mnemônico-restitutivos e elaborando uma estratégia que poderíamos chamar *amnésico-destitutiva*.

Essa é a impressão que temos diante da leitura dos textos de João Gilberto Noll, a inexistência de algo que restitua o ser, o seu espaço e tempo. Pelo contrário, temos a sensação de destituição. É para essa fragmentação que esse autor quer chamar a atenção de nós, leitores, diante do movimento dessa máquina que nos envolve e nos dá forças para seguir. João Gilberto Noll denuncia um mundo caótico, talvez buscando uma restituição desses laços despedaçados.

Carneiro (2005, p. 105), ao analisar a ficção brasileira produzida no início do século XXI, diz que:

De um romance a outro, Noll vai retocando sua criatura, esse homem anônimo que vaga pela cidade grande movido menos por suas próprias pernas que por algum instinto de sobrevivência, feito um animal quieto, cujo desejo talvez seja apenas o de permanecer em paz no seu canto. Obrigado a sobreviver, o homem maduro e inadaptado, sempre um estrangeiro, carrega a si mesmo através dos dias como um fardo que torna-se um pouco menos pesado somente quando, vez ou outra, depara-se com alguém da sua espécie, um outro animal qualquer também perdido, errante. Anônimo e inconfundível, é esse o personagem sobre o qual se sustentam, as narrativas de Noll, sempre impregnadas de certa poesia, carregada, esta, de um lirismo cru, escatológico às vezes, retirando beleza de vísceras.

João Gilberto Noll, por intermédio de um processo de criação consciente e compulsivo, retrata o indivíduo que, de uma forma inconsciente, tenta se esconder da precariedade de sua própria condição humana, do seu instinto animal, quieto, inadaptado.

Uma das palavras chave da sua ficção é o convite ao acontecimento. É a narrativa como acontecimento. Ela não apenas representa alguma coisa do “real”, mas ela própria consagra o instante da leitura, convida o leitor a acompanhar esse mistério da condição humana, num lado escuro, escondido do ser, uma empolgante aventura:

Acho que a aventura é uma questão fundamental - quer dizer, antes de se machucar, antes de se ferir: mas tentar, tentar, tentar em direção ao desconhecido. Só ficar no conhecido não dá. E a literatura tem exatamente que mostrar essa travessia penosa. [...] Acho que a literatura que me interessa é essa que não consegue se adequar. Mas sabe? Às vezes fico com vontade de pedir perdão de joelhos para os leitores... Por não poder realmente oferecer algo mais palatável. (NOLL⁶).

Trata-se de um autor que captura as faíscas existenciais e as transforma em uma atmosfera poética. Um autor que enfrenta o desafio da narrativa e extrai o máximo da linguagem, mostrando que o desassossego existencial, o estranhamento, a angústia, enfim, a alma de um povo, pode ser enunciada em forma de poesia.

A literatura de João Gilberto Noll revela a vida em seu lado avesso, desvenda suas travessias penosas. Essa escritura busca questionar os limites da imaginação, dos sentidos, dos valores e dos corpos na sociedade contemporânea:

⁶ Entrevista concedida à Revista A 2000. *Em busca da obra em aberto*. Disponível em <http://www.joaogilbertonoll.com.br/entrevistas.html> - Acesso em 13/04/2008.

[...] Fui até o vaso me agarrando pelas coisas para não cair. Como doar meus próximos minutos para meu rebento? Sentei, o xixi demorou a sair. Fiquei ali, esperando, até que, ao sair de mim num amarelo quente, não parou mais... Meu filho já batia na porta, pedindo que eu viesse logo que já eram sete e meia. Ai!, gemi bem alto, mas não tanto a ponto de apagar o som do meu xixi. Vem, mãe!, ele clamava. Eu bocejava trazendo à superfície não somente o cansaço inerente a uma brutal ressaca, mas também a expressão de um tédio quase sempre partícipe no ato do bocejo. Eu é que tive vontade de clamar para ele. Clamar por um armistício válido para aquela manhã apenas... (NOLL, 2006, p. 22).

Um corpo que sente o efeito da bebida, da brutal ressaca, expõe o que restou de si mesmo. Um corpo no seu limite de suportabilidade, tomada pelo tédio, clama por ajuda, pede trégua para um filho que necessita dos préstimos de uma mãe. Uma mãe que sente a corrosão de sua máquina (corpo).

Nessa obra, João Gilberto Noll articula a figura do novo homem maquínico com a questão da dissolução da identidade do sujeito. Essa articulação, que faz as narrativas dialogarem entre si, quase como capítulos de um romance por tal sequência, é alcançada por meio da metáfora da máquina de ser.

A metáfora da máquina, trabalhada por este autor, nos faz buscar uma resposta para as indagações que atordoam os seres contemporâneos: como ficamos, quando descobrimos que não somos sujeitos no mundo, mas objetos? O que fazer diante da onda de robotização que nos ameaça? O que fazer quando percebemos que nosso corpo precisa transformar-se em uma máquina para realizar as atividades mais habituais? Questões que nos fazem refletir sobre o mundo sem-saída que estamos vivenciando.

3.2. A máquina de ser: singularidades da narrativa de João Gilberto Noll

João Gilberto Noll, em *A máquina de ser*, tem a intenção de chamar a atenção e instigar a reflexão para o deslocamento dessa identidade em trânsito, como uma máquina de viver, de se relacionar. O autor pretende apontar como este ser atua perante o caos da instantaneidade do tempo e do espaço na atualidade (elementos conflitantes nessa obra): “Eu deixara extravasar a minha voz de lobo, sim, muito antes de que eu tivesse condições de compreender a sanha daquele turbilhão por minha garganta afora.” [...] “Meu físico como que pegava fogo, ardia tamanha a atmosfera de súbita liberdade.” (NOLL, 2006. p. 13), “havia uma urgência em tudo.” (NOLL, 2006. p. 18).

O autor edifica sua narrativa marcada pela solidão do homem em seu tempo e espaço, dramatizando o homem-ser-máquina por meio de seus comportamentos, seu olhar,

seu corpo, seus hábitos e ações. Nesse mundo globalizado em que vivemos não sobra tempo para o encontro com o mundo, com o “outro” e consigo mesmo. Dessa forma, a função principal desse homem-ser-máquina é tentar (sobre) viver em um mundo espaço-temporal inadaptável.

João Gilberto Noll intitula sua obra “A máquina de ser” com uma expressão sugestiva e instigadora. Para Reis e Lopes (2002, p. 97, 99):

O *título* constitui um elemento fundamental de identificação da narrativa. [...] pode assumir um papel de grande relevo semântico e ser dotado de considerável peso sociocultural [...]. A importância semionarrativa do *título* apreende-se sobretudo quando nele se esboçam determinações de gênero que, confirmadas ou não pelo relato, constituem orientações de leitura, com inevitáveis incidências semânticas e pragmáticas.

Em Reis e Lopes (2002, p. 100), encontramos que todo título abre caminho a uma leitura, leitura esta que “abre caminho a uma leitura do ficcional em conexão estreita com o real.” E isso não é diferente na obra de João Gilberto Noll. O título vem abrir caminho para a leitura, orientar para toda a reflexão que é incitada durante a narrativa que se completa (ou melhor, que não se completa) até o último conto. O título “A máquina de ser” vem instigar a curiosidade do leitor a viajar pelas veredas de delírio dos seres, tornados possíveis pela ficção contemporânea.

João Gilberto Noll trabalha a expressão “a máquina de ser” enriquecida de múltiplos significados semânticos e subjetivos. Com uma escrita porosa, confusa e atordoante, esse autor quer chamar atenção do leitor para esse termo recorrente em seu livro. A expressão “a máquina de ser”, que é utilizada como título da obra, é também título de um dos contos e aparece ao longo das narrativas reforçando a idéia desse ser maquinal:

[...] E que essa sua singularidade em formação se deixe friccionar pela minha que já se encontra inteira na dormência dele, na dormência dessa máquina de ser aí ainda incipiente, adormecida agora, soprando no meu olho ressequido a aragem vinda do ventre de seu sono. (NOLL, 2006, p. 40).

[...] por onde as águas desciam em sua mansa sina, dando a funcionar mais uma vez minha máquina de ser –, ali quietinho, fumando meu cachimbo, meio encolhido sob o abajur para permanecer nos bastidores, sem nem eu mesmo perceber. (NOLL, 2006, p. 120-121).

[...] A máquina de ser tangia-me a subir os degraus da portaria da Embaixada. Sentei-me à minha mesa. Peguei um lenço no bolso. E limpei o suor. (NOLL, 2006, p. 122).

A expressão “máquina de ser”, muito recorrente na obra, representa aquele que desempenha suas funções, movido por uma força vinda de sua máquina interior a lhe tanger. Nessa obra, o leitor depara-se com muitos trechos da narrativa que sugerem esse maquinismo, o corpo ordenado, a forma:

[...] O meu físico precisava ficar à altura da interpretação, sei lá, quem sabe morrer, cair de cama entrevado para sempre, que sei eu? (NOLL, 2006, p. 49).

[...] Naquele feriado de Sete de Setembro, sei lá o porquê, não me ocorreria ordenar as crianças..., ordená-las para que não se furtassem a pôr juízo no convívio dessa pequena comunidade isolada da casa –, naquela casa com o buraco monumental em seu quintal. (NOLL, 2006, p. 54).

A necessidade do físico em ordem pela compulsão contemporânea de movimentos não-lineares, não-sequenciais, produzem acontecimentos em que o pensamento e a máquina articulam-se desenvolvendo as atividades mais habituais dos seres ao longo da narrativa.

Dessa forma, a metáfora da “máquina de ser” age como um elo condutor que liga as narrativas, desenvolvendo uma forma de leitura integrada dos contos (dando-lhe o aspecto de romance, por tal sequência), por meio desse viés, discutindo e ressaltando o processo de formação de identidades/singularidades no mundo contemporâneo.

Os contos dessa obra são construídos como um mosaico simbólico da experiência humana, cada peça com suas características e anseios interiores particulares, próprios, mas ao mesmo tempo essencial para a edificação e organização do todo (da narrativa).

O conto “A máquina de ser” talvez o que melhor represente essa peça existencial que estrutura o mosaico – “o ser máquina” discutido nesse trabalho, que age sob forças maquinais – tem como narrador anônimo um homem que sai de seu país e vai para uma cidade estrangeira (trânsito), em busca de si mesmo e de sua missão no mundo, tendo como tarefa promover o intercâmbio tecnológico entre dois países. E é a partir de sua chegada que começa a explorar a cidade e refletir confusamente, em meio a devaneios, sobre seu papel e sobre os objetivos desse intercâmbio que é de sua responsabilidade interpretar:

Ao sair da embaixada, parei um pouco no meio-fio e dedilhei no fundo do meu bolso, contra a perna, qual em teclas imaginárias, dedilhei suavemente, talvez interpretando um noturno a me tanger em mais uma cota de evasão diária, cota cada vez maior, já quase a me furtar a linha entre o lazer, o sono, a atividade, a inércia. Eu nunca estivera antes naquela capital a que eu chegava agora para representar o meu país. (NOLL, 2006, p. 119).

Esse conto representa um ser, como tantos outros dos contos de João Gilberto Noll, solitário, perdido, caminhando sem rumo: “Era o meu primeiro dia na Embaixada. E eu estava saindo para almoçar, sozinho, como eu gostava sempre de fazer em qualquer lugar. Caminhava a esmo, procurando desatento por algum restaurante.” (NOLL, 2006, p. 119). Em suas caminhadas a esmo, essa pessoa entra em um restaurante e pede ao garçom algum prato típico, sem precisar conhecer os ingredientes ou modos de preparo, quer surpresa absoluta, mesmo que seja exótico para seus hábitos: “Eu apenas o provaria no deleite, na insipidez ou no desgosto. Comería na santa ignorância. Traga uma Coca-Cola também.” (NOLL, 2006, p. 120). No restaurante, o narrador observa uma cena de um grupo reunido para um almoço comemorativo, em que as pessoas são expostas de forma indiferenciada: “Quem sabe fizessem parte de uma entidade parapolicial, talvez de um sistema secreto no saneamento da conduta humana.” (NOLL, 2006, p. 120).

O narrador-personagem, viajante, solitário, estrangeiro observa cada detalhe desses outros seres estranhos, desconhecidos, e chega a conclusão que falta a essas pessoas, com semblantes “sofridos”, “discretos”, preocupados com a correria do tempo, algo que lhes traga alegria, como, por exemplo, crianças: “Seres sem crianças, sim, que os pudessem amolecer. Não havia ali nenhuma brecha por onde entrar a graça de um menino, atraindo até pessoas de outras mesas com suas traquinagens por entre as pernas dos convivas.” (NOLL, 2006, p. 120).

Em seu vaguear pelas ruas, ele sente o ambiente conflituoso que impera nos relacionamentos entre as pessoas, relacionamentos automatizados e indiferentes, representação de uma cidade que parece abominar qualquer preocupação com o lado de fora (com o outro). Cidade onde a tecnologia orienta o comportamento, as ações dos cidadãos num mundo globalizado, onde valores são degradados e corrompidos, onde as relações humanas são escassas.

Podemos observar na narrativa marcas que denotam a presença das tecnologias, dos meios de comunicação que a modernidade e o mercado do capital proporcionam como meio de facilitação de vida. O narrador apresenta a cultura da tecnologia: estrangeiro, língua estranha, celular, coca-cola, multinacional, comida exótica, país-continente. Utiliza-se do aparelho (celular) para realizar uma conexão entre os dois extremos (países) por meio da qual mantém contato com um amigo que lhe cita um poema de Rafael de Quental: “o bloqueio no escuro/ entre os lençóis/ calcina a alva saia da manhã [...]” (NOLL, 2006, p. 120).

Esse texto poético aparece na narrativa de João Gilberto Noll para nos fazer refletir sobre a exiguidade do tempo. Diante do que ouve, implora ao amigo do outro lado do

mundo, que lhe ensinasse onde “tinha falhado para não compreender mais um poema como aquele.” (NOLL, 2006, p. 120). O tempo hoje nos furta a chance de admirar a beleza da poesia. Isso ocorre também com o personagem do conto “Na correnteza”, um ser incapaz de entender a um filme:

Entrei no cinema. Na tela tudo me estranhava. Não entendia bem a história, a razão de tantas escapadas, tantas pessoas se ferindo ao léu do enredo em correnteza.

Das situações reinantes, eu procurava tirar partido. Ia tendo frêmitos, calafrios diante do filme que eu entendia cada vez menos. (NOLL, 2006, p. 147).

Em um mundo globalmente móvel, tempo e espaço são suprimidos a favor do movimento, da falta de tempo para lidar com tudo e com todos, da dificuldade para entender e interpretar as coisas mais simples:

[...] Lembrei que eu agora só sabia beber um cálice de vinho às portas da madrugada, e isso já me bastava para aventurar um pouco minhas idéias que logo retornavam porém a seu leito natural –, por onde as águas desciam em sua mansa sina, dando a funcionar mais uma vez minha máquina de ser –, ali quietinho, fumando meu cachimbo, meio encolhido sob o abajur para permanecer nos bastidores, sem nem eu mesmo perceber. (NOLL, 2006, p. 120-121).

O homem tem de amoldar-se ao novo, ao diferente, a transformações e agir diante do global sob sintonia de alguma força extra, a qual é preciso buscar em seus bastidores (em seu interior), em suas máquinas. Isso é o que podemos ler nessa narrativa.

O narrador do conto “A máquina de ser”, traz consigo pistas para conhecer a cidade, mas reconhece que isso de nada serviria, diante das grandes modificações espaciais: “Trouxera mapas contendo várias regiões do país. Seus usos e costumes, como se isso ainda pudesse vigorar.” (NOLL, 2006, p. 121).

Durante seu caminhar pelas ruas da cidade, o narrador anônimo depara-se com os efeitos da urbanização automatizada, mecânica, expressa pelos manequins que ele vê nas vitrines das lojas: “Do ventre de uma manequim descia um enxame de bombons. Numa loja de artigos masculinos, havia um homem de louça que, no entanto, revirava as pupilas como se tomado por um ataque sideral, sem nexos com o imediatismo da ocasião.” (NOLL, 2006, p. 121).

O processo tecnológico concretiza-se quando o narrador vê máquinas agrícolas lavrando os campos de sua terra natal. São máquinas por todos os lados. A consciência de seu difícil papel lhe traz um total desconforto, mal estar que busca na morte uma possível saída.

Saída para esse automatismo, para essa mecanicidade imposta às pessoas pelo mundo tecnológico:

[...] Sim, eu queria morrer, mas ainda era cedo. Ainda tinha essa missão na Embaixada e eu me sairia bem. Era só acionar a máquina de ser, que tinha no meu corpo um intérprete. E mandar ver... Sempre dava certo... Sempre mesmo, pelo menos até aqui. Não havia razão de pane aguda agora, me levando de roldão. (NOLL, 2006, p. 122).

O narrador deseja a morte, desejo que é barrado pelo automatismo, sua missão ainda a cumprir, com forças sei lá de onde, força vinda de uma máquina maior, que se identifica com a cultura de massas, que o impulsiona a seguir vivendo em uma cultura de padrões formatadores aos quais os indivíduos são condenados, num contexto de relações econômicas desejosas por lucros.

“Era só acionar a máquina de ser” e conseguia forças para continuar a viver, a cumprir a sua missão:

[...] Eu passaria a tarde na Embaixada pronto para seguir vivendo. Era preciso ficar lá até o fim da tarde. Era preciso assinar dois documentos internos, o que daria motivação, a alguns funcionários, de voltarem amanhã e encaminharem esses papéis para seus objetivos últimos, até precisarem de uma nova assinatura minha a apontar para outros documentos mais. Era preciso, era preciso, a vida se fazia de minuto a minuto. E eu queria mais. Um pouco mais que fosse. A máquina de ser tangia-me a subir os degraus da portaria da Embaixada. Sentei-me à minha mesa. Peguei um lenço no bolso. E limpei o suor. (NOLL, 2006, p. 122).

“Era preciso, era preciso”, e “eu queria mais”. Queria mais força para cumprir sua missão e seguir vivendo. Nesse sentido, a máquina de ser é uma máquina que destrói a reflexão e a vontade. É deixar o corpo maquinal funcionar sozinho, direcionado pelos padrões de programação que para ele foram estabelecidos, devorando-o com uma pressa e ansiedade inevitáveis: “Apertei o botão do elevador. Mais uma vez, não tive paciência de esperá-lo. E descí pelas escadas imundas. Meditava sobre minha adesão às sessões com Cravel, a não sei quantos anos atrás, justamente para vencer a ansiedade.” (NOLL, 2006, p. 146).

E assim o narrador caminha pela rua, sem rumo, mas sabedor de sua missão, da qual não adiantaria fugir: “Tudo parecia concorrer para uma lógica que não adiantava revidar. Não diria que ali os acontecimentos sofressem de uma ordem bastarda, ilegítima. Eu é que precisava aprender a ver ali a sorte humana e nela me incluir.” (NOLL, 2006, p. 121). Um ser que se conforma com sua situação e nela tenta ver algo de positivo para ganhar forças e continuar.

Sentimos no conto “A máquina de ser”, como em tantos outros, a sensação de estarmos acompanhando a trajetória dos personagens, vivenciando cada situação, acompanhando-o em seu perambular pela rua, no restaurante a observar as relações automatizadas dos seres, em sua missão na Embaixada, em seu passeio pelas vitrines da cidade. Um andar automatizado, manipulado por sua máquina interior.

Benjamin (1989, p. 126) comenta sobre a relação entre a produção industrial em série e a automatização do comportamento dos operários. Benjamin mostra, como consequência dessa relação, a constituição do automatismo dos transeuntes em meio à multidão: “À vivência do choque, sentida pelo transeunte na multidão, corresponde a “vivência” do operário com a máquina.”

Benjamin discute uma situação que pode ser observada na obra de João Gilberto Noll, o automatismo dos andantes, aqueles que passam maquinalmente em meio à multidão sem ser notado. Uma situação que se assemelha ao comportamento dos operários diante da máquina, um serviço automático, que se realiza por meios mecânicos.

Ao vincular no corpo do indivíduo tensões dessa maquinaria, a máquina de ser pode funcionar subtraindo identidades fixas e multiplicando novas identidades. Ao ser absorvido pela maquinaria, o indivíduo mecânico passa a desenvolver um estilo próprio de identidade de acordo com suas necessidades, ou seja, pode escolher dentre infinitas possibilidades, uma opção identitária em que precise se enquadrar para seguir vivendo.

Na opinião de Paulo Scott (2006⁷):

A universalidade presente na obra de João Gilberto Noll, a inegável influência que seus textos exercem sobre a quase totalidade dos autores brasileiros da nova geração, o respeito da crítica literária e a ótima repercussão junto ao público leitor são elementos que alicerçam uma produção literária cuja leitura é obrigatória, não exatamente no sentido escolar, não apenas aos mais atentos ou aos já iniciados em seu modo ímpar de abordar os encantos e tragédias existenciais a que estamos submetidos, mas obrigatória, também, aos que simplesmente procuram uma literatura capaz de abalar paradigmas e percepções já consolidados, de acrescentar um olhar nem sempre possível de ser facilmente descoberto no cotidiano, na realidade, embora esteja lá: pronto, intenso, maligno-e-benigno, latente, suscetível aos precipícios e deformidades do íntimo.

E é por meio dessa universalidade que João Gilberto Noll trilha os paradigmas do indivíduo em contato com a sua própria *máquina de ser*. Ao observar o panorama atual não é difícil perceber a função das incontáveis máquinas que nos rodeiam: máquina de calcular, máquina de cortar, máquina de costurar, de fotografar, computadores. Mas, e uma *máquina de*

⁷ SCOTT, Paulo. Orelha para *A máquina de ser*. 2006.

ser? Que tipo de máquina seria essa? A existência humana... Quem a controla? O *ser*... Quais as suas peças? Os mosaicos existenciais... Como é o seu funcionamento? Automatizado... Todas essas perguntas nos fazem refletir sobre a nossa própria máquina interior, máquina essa que nos abastece de forças para agirmos, para trabalharmos, para amarmos, enfim, para vivermos.

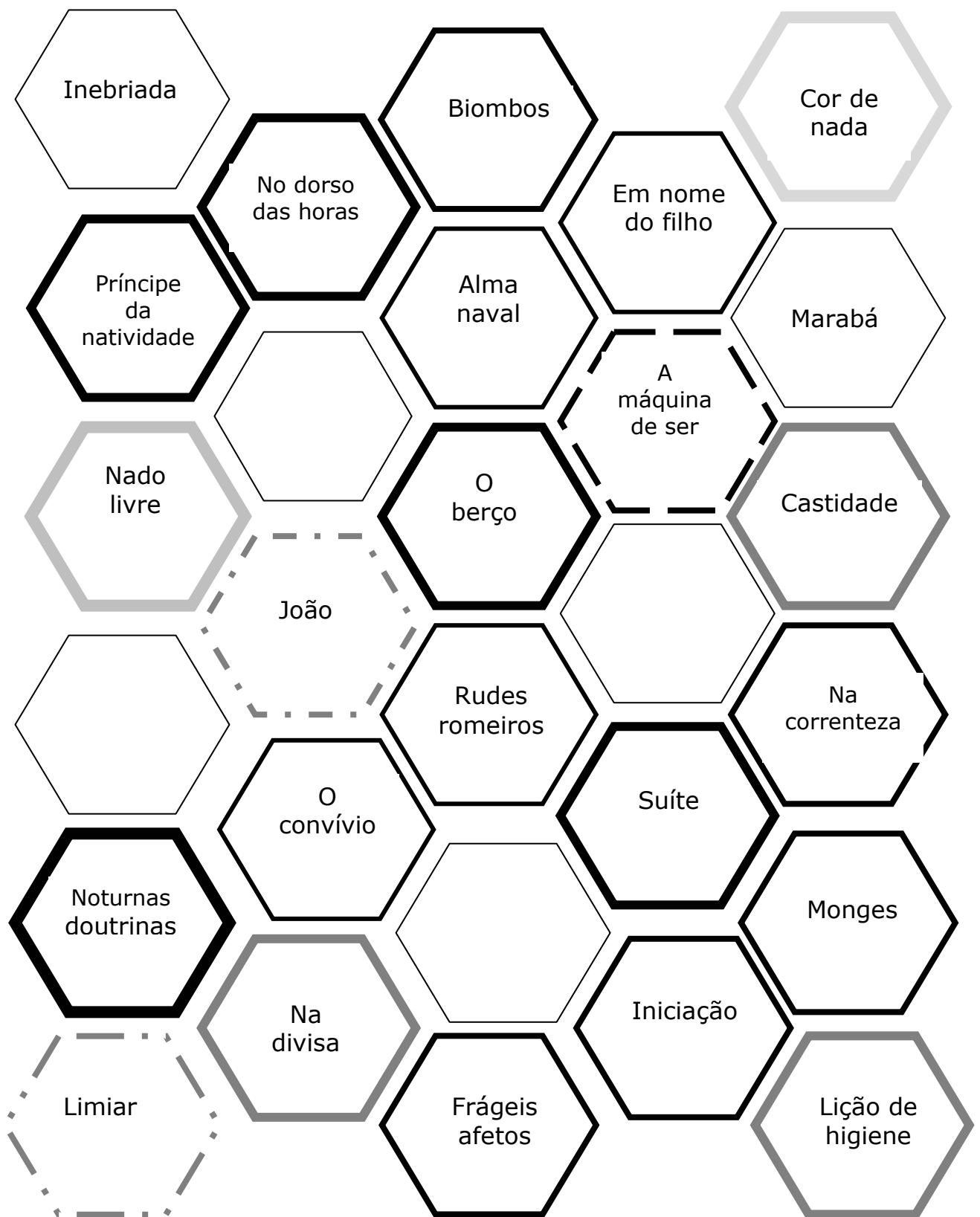
Diante da leitura e análise dessa obra podemos afirmar que a máquina seria o próprio *ser* em confronto com a sua realidade, controlado por suas múltiplas identidades pré-estabelecidas, atuando com a força do seu corpo (peça principal) na realização de suas tarefas mais habituais, tarefas desenvolvidas com forças maquinais em busca da sobrevivência: “Tematizada e dramatizada pela prosa (de ficção, ou talvez não) brasileira atual, a questão das minorias aproveitou o canal convenientemente aberto pela prosa modernista e a dos exilados, e se deixou irrigar pelas águas revoltas da subjetividade.” (SANTIAGO, 1989, p. 35).

João Gilberto Noll dá voz a uma subjetividade (narrador) ameaçada pelas diversas formas de exclusão social, um *ser* reduzido em seu meio social excludente, um *ser* que se transforma em uma minoria diante do maquinário que o “engole”.

A máquina de ser abre dois caminhos para discussão e reflexão: a contemporaneidade (máquina) e a questão filosófica existencial (*ser*). É bem na fenda entre essas duas forças que João Gilberto Noll trafega. Poucos são os autores capazes de representar a ferocidade de nosso dia-a-dia, no qual, não por acaso, o corpo furioso se apresenta como espaço de um mundo em erupção:

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra. (CANDIDO, 2006, p. 187).

Assim, João Gilberto Noll nos apresenta uma “poesia” do cotidiano urbano. Suas histórias apresentam um mundo em que as experiências e a realidade se multiplicam, são tipos de reorganização do mundo em termos de arte por meio de seu trabalho artesanal com a linguagem. Trata-se de um escritor que edifica sua obra a partir de observações humanas captadas em seus momentos maquinais, observações que são transformadas em um mosaico de contos que compõe a obra:



Mediante sua estrutura literária, o autor, insistentemente, está evocando nossa atenção para a máquina que somos: máquina de ser pai; máquina de ser filho; máquina de ser órfão; máquina de ser criança, adolescente, velho solitário, ansioso; máquina de ser egocêntrico; máquina de conviver; máquina de ser escravo; máquina de ser objeto; máquina de ser homem sem origem; máquina de ser escritor; máquina de ser desempregado, desocupado; máquina de ser um viajante, brasileiro, estrangeiro; máquina de ser gerente, condutor, bailarina, manicure; máquina de ser *partner*, servo, secretário particular; máquina de ser personagem, professor, ateu; máquina de ser príncipe da natividade; máquina de ser poeta; máquina de ser ator, diretor cineasta; máquina de ser pescador de ilusões; máquina de ser ninguém; cada uma com suas ações, funções e desejos, para, enfim, ser *máquina de ser* e continuar (sobre) vivendo...

Assim, por meio desse mosaico de contos, podemos observar que a obra é composta por partes distintas que dão idéia ao todo, ao conjunto da obra *A máquina de ser*, com o intuito de retratar a experiência em mosaicos dos seres contemporâneos, o mosaico da experiência humana. Um ser que encena sua própria existência em distintas formas de “ser”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dividida em três capítulos, esta dissertação apresentou *A máquina de ser* (2006), de João Gilberto Noll, tendo por ponto de partida a análise dos recursos poéticos utilizados pelo autor e das estratégias empregadas na representação da realidade para interpretar o caos da vida contemporânea.

O panorama cultural contemporâneo caracteriza-se por grandes mudanças sociais, políticas e culturais. Em virtude disso, diversificou-se a maneira de os escritores contemporâneos representarem o agir e o sentir dos homens. A literatura de João Gilberto Noll vem problematizar as divisões de fronteiras e assim convidar o leitor a rever o seu papel em meio ao caos urbano em que estamos vivendo.

Por meio da problematização da tênue delimitação entre o real e o ficcional, João Gilberto Noll denuncia os diversos problemas e contradições que aflige o cotidiano das grandes metrópoles neste início de século: a dificuldade de estabelecer relacionamentos, a resistência em manter uma identidade una e fixa, as consequências do desemprego e do consumismo frenético. Efeitos de um sistema – o capitalismo – devastador.

Esse autor edifica um mosaico da vida social despedaçada, no seu avesso. Levanta uma discussão sobre questões existenciais num mundo em que a experiência humana encontra-se desamparada e confusa diante do instituído socialmente.

A representação das transitividades em *A máquina de ser* constitui-se pela anulação da identidade dos personagens e ao mesmo tempo pela multiplicação de outras identidades novas, adaptáveis ao momento contemporâneo de acordo com as exigências de uma sociedade burocratizada. Uma obra que se utiliza de uma estrutura nova (discurso, temas), modificada para celebrar a máquina existencial contemporânea.

Os artifícios utilizados pelo autor em sua escritura constituem-se num meio de representar o “real”, absorvido por um narrador-personagem que (re) produz seus instantes e intensidades diante do desconforto da sua situação existencial, suas angústias e incertezas perante um mundo cada vez mais confuso e fragmentado.

A máquina é a metáfora ideal do desenvolvimento, da multiplicidade, da tecnologia e da fragmentação, o alimento básico do qual surge a literatura de João Gilberto Noll. A rapidez das transformações temporais e espaciais e a propagação de grandes tecnologias possibilitam a criação, muitas vezes tumultuada, de múltiplos e distintos modos de ver e pensar. Esse turbilhão de modificações despejadas aos seres contemporâneos os

impõe uma (sobre) vivência obscura e ambígua, o que irá ressoar nas produções literárias contemporâneas.

O termo contemporâneo indica que somos hoje contemporâneos de uma realidade econômica, social, política e cultural em constantes transformações, onde a relação leitor – obra – literatura, não se estabelece dentro de uma linearidade. Antonio Candido (2006, p. 84), ajuda a pensar essa questão:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Reconhecer a literatura atuando no tempo é reconhecer um novo e modificado momento histórico-social que demanda novas estruturas artísticas para representar um tempo marcado pelas transitividades, pelo pluralismo. Assim, pode-se compreender um pouco desse sistema vivo de obras que é a literatura.

A literatura de João Gilberto Noll é uma arte capaz de representar o desconcerto do mundo, é uma máquina de expressão dos seres inadaptados em seu tempo e espaço. Tempo e espaço que exigem novas configurações dos corpos, e dos movimentos, em sua busca por nada. Que fabrica seres maquinais para atuar em seu meio econômico, histórico, social. Uma obra que mergulha nas sensações e desejos mais obscuros do homem máquina e revela como este age como máquina de ser em suas funções de (sobre) vivência.

Este trabalho buscou uma leitura da obra *A máquina de ser*, de João Gilberto Noll, de seu fazer narrativo, identificando na análise as transitividades e representações do conto brasileiro contemporâneo (temas e formas), a abordagem da sociedade por meio de suas dimensões sociais e históricas, a representação dos instantes e intensidades da experiência humana constituída em mosaicos de uma poética que ressalta um ser máquina. Edificou-se a partir da análise dos elementos constituintes da obra; narrador, personagem, espaço, tempo, temas em destaque no cenário atual – identidades contraditórias, erotismo, desemprego, relacionamentos fragmentados, solidão, ansiedade, o homem perdido nas cidades; resultados de um sistema devastador: o capitalismo selvagem – com o intuito de ressaltar uma sociedade construída por máquinas *de ser*.

Dessa forma, buscamos prestar significativas contribuições para o reconhecimento de *A máquina de ser* e de João Gilberto Noll, com o intuito de deixar indagações e pistas para

futuros pesquisadores que almejam trilhar por uma arte que nos leva ao infinito das significações, uma arte que de forma artesanal mostra a situação do homem contemporâneo; uma arte capaz de representar os subterrâneos do homem em busca de um novo modo de “ser”.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

O Cego e a Dançarina (contos) Civil. Brasileira, 1980.

A Fúria do Corpo (romance) Record, 1981.

Bandoleiros (romance) Nova Fronteira, 1985.

Rastros do Verão (romance) LPM, 1986.

Hotel Atlântico (romance) Rocco, 1986.

O Quieto Animal da Esquina (romance) Rocco, 1991.

Harmada (romance) Cia das Letras, 1993.

A Céu Aberto (romance) Cia das Letras, 1996.

Romances e Contos Reunidos, Cia das Letras, 1997.

Canoas e Marolas (romance) Objetiva, 1999.

Berkeley em Bellagio (romance) Objetiva, 2002.

Mínimos Múltiplos Comuns (contos) Francis, 2003.

Lorde (romance) W3, 2004.

A máquina de ser (contos). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Acenos e Afagos (romance) Record, 2008.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Discurso sobre lírica e sociedade. In: COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. Engagement. In: _____. *Notas de literatura*. Tradução Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

_____. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, Walter, HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W., HABERMAS, Jürgen. *Textos escolhidos*. Traduções José Lino Grünnewald. *et ali*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 269-273. (Os pensadores)

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/setores/biblioteca/citacoes.html>

AVELAR, Idelber. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho de luto na América Latina*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 120 – 136.

_____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1) p. 197-221

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1981.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo, Martins, 1959, vol. I.

_____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Flávio Martins. João Gilberto Noll: Pátria da palavra. In: *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. p. 105 – 107.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Marx e a liberdade*. Tradução Marcos B. de Oliveira. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Tradução Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GOTLIB, Nádia Battela. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006. Série Princípios.

INGARDEN, R. *A obra de arte literária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: _____. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. p. 11- 42.

_____. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000. (Espírito Crítico)

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Cultrix, 2004.

NOLL, João Gilberto. *A máquina de ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. Realidade e ficção. 2001. Cristina Zaccaria. *Revista Cultura-e* (Banco do Brasil), in <http://www.joaogilbertonoll.com.br/entrevistas.html> - Acesso em: 15/08/2008.

ORNELLAS, Sandro. *A narrativa subjetivante de João Gilberto Noll*. In. <http://www.joaogilbertonoll.com.br/estudos.html> - Acesso em: 03/05/2008.

PINTO, Manuel da Costa. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004. (Folha explica, 60)

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 2002.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

_____. *Introdução à análise do romance*. Tradução Ângela Bergamini et alli. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROSENFELD, Anatol. “Reflexões sobre o romance moderno”. In: _____. *Texto/contexto: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969, p.73-95.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Claudete Daflon. *Ser escritor*. In: DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stefania. (Orgs.) *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. p. 44 – 45.

SCOTT, Paulo. *Orelha para A máquina de ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SEGATTO, José Antonio e BALDAN, Ude. *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

Site: www.joaogilbertonoll.com.br